

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO**

**VINÍCIUS MARTINEZ BERNARDO**

**ESPORTE CLUBE SÃO BENTO: O ESPORTE NA CULTURA DE UMA  
CIDADE**

**SÃO PAULO  
2º SEMESTRE/2019**

**VINÍCIUS MARTINEZ BERNARDO**

**ESPORTE CLUBE SÃO BENTO: O ESPORTE NA CULTURA DE UMA  
CIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como quesito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob a orientação do Prof. Dr. Vinicius Prates da Fonseca Bueno.

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE/2019**

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de Total responsabilidade de seu autor.

## DEDICATÓRIA

*A torcida do Esporte Clube São Bento, que mesmo nos momentos ruins da agremiação, sempre esteve presente, amando o clube incondicionalmente.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço à Deus por me dar a oportunidade e forças para concluir a faculdade.

Aos meus pais por me darem a condição de estar aqui, sempre me apoiando e incentivando nos momentos mais difíceis. A minha namorada que esteve sempre presente me auxiliando nos momentos mais complicados.

Sou grato ao meu orientador Prof. Dr. Vinicius Prates da Fonseca Bueno, pois sem ele não seria possível apresentar o presente trabalho.

Agradeço também, a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica.

Por fim, aos meus amigos, que se fizeram presentes nos quatro anos da faculdade. Meus eternos agradecimentos.

Gol sorocabano, vai ganhando o Azulão...  
Gente de tutano tricotando o balão...  
Arte do bailado sobre as linhas de cal,  
Ritmo exaltado, precisão genial!  
*(Ulderico Amêndola)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar a cobertura da mídia esportiva de Sorocaba em relação ao Esporte Clube São Bento, além de explicar como o clube molda a cultura da cidade, conhecida pelo forte polo industrial. A pesquisa baseia-se em entrevistas com pessoas ligadas ao esporte da cidade e a equipe centenária. O São Bento nasceu no século passado e os jornais de Sorocaba viram no clube uma forma de alavancar a cultura da região. O trabalho visa virar um livro-reportagem sobre histórias sobre o São Bento, contadas por pessoas que vivem o clube. São mais de cem anos e milhares de fatos históricos envolvendo a mídia, a cidade e a equipe. Podemos observar que o esporte em Sorocaba se baseia muito no Azulão e através de pesquisas quantitativas e qualitativas, constatamos a soberania do clube na cidade.

**Palavras-chave:** São Bento, Mídia Esportiva, Sorocaba, Cultura, Jornais, Livro-reportagem

## **ABSTRACT**

This work shows the coverage of the sports media of Sorocaba in relation to the Sport Club São Bento, as well as explain how the club shapes the culture of the city, known by the strong industrial area. The research is based on interviews with people connected to the city's sport and the centennial team. São Bento was born in the last century and the newspapers of Sorocaba saw in the club a way to leverage the culture of the region. The work aims to become a book-report on stories about São Bento, told by people living the club. It is more than a hundred years and thousands of historical facts involving the media, the city and the team. We can observe that the sport in Sorocaba is based very much on the Azulão and through quantitative and qualitative research, we verify the sovereignty of the club in the city.

**Keywords:** São Bento, Sports Media, Sorocaba, Culture, Newspapers, Book-report



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
2.1. CULTURA DO FUTEBOL NO BRASIL .....	13
2.2 MÍDIA ESPORTIVA NO FUTEBOL .....	15
<b>3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....</b>	<b>18</b>
3.1 LINGUAGEM/ESTILO DA PEÇA .....	18
3.2 CAPÍTULOS/ROTEIRO.....	18
3.3 ASPECTOS FÍSICOS (NÚMERO DE PÁGINAS, PAPEL, TAMANHO).....	19
3.4 ENTREVISTAS .....	19
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>23</b>
<b>ANEXO I – ENTREVISTA COM ADEMIR DE BARROS, CONHECIDO COMO PARANÁ, EX-JOGADOR DO SÃO BENTO.....</b>	<b>25</b>
<b>ANEXO II – ENTREVISTA COM ANDERSON SILVA SANTANA, CONHECIDO COMO HENAL, JOGADOR DO SÃO BENTO.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXO III – ENTREVISTA COM ARNALDO RIBEIRO KRIGER , TORCEDOR SÍMBOLO DO SÃO BENTO E DONO DO BAR DO BENTÃO .....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO IV – ENTREVISTA COM CAIO VINÍCIUS FILOSO ROSSINI, REPÓRTER DO JORNAL CRUZEIRO DO SUL.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO V – ENTREVISTA COM CANDINHO BARROS, EX-JOGADOR DO SÃO BENTO .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO VI – ENTREVISTA COM FERNANDO MARTINS DA COSTA NETO, EX-PRESIDENTE DO SÃO BENTO .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO VII – ENTREVISTA COM GUILHERME JONAS FELICIANO, HISTORIADOR DO CLUBE .....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO VIII – ENTREVISTA COM MARCELO CORDEIRO, EX-JOGADOR DO SÃO BENTO .....</b>	<b>74</b>

<b>ANEXO IX – ENTREVISTA COM NILSON DE OLIVEIRA, NARRADOR DE FUTEBOL.....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO X – ENTREVISTA COM WILLIAN ALVES, TORCEDOR E IDEALIZADOR DA ASSOCIAÇÃO <i>VAMOS SUBIR BENTO</i>.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE I – AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM DO SR. ARNALDO KRIGUER.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE II – AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM DO SR. SÉRGIO COELHO .....</b>	<b>104</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Fundado como Sorocaba Athletic Club, em 1913, por funcionários de uma fábrica de arreios, o clube tornou-se São Bento no dia 13 de outubro de 1914.

A "febre" pelo futebol fez com que trabalhadores começassem a se organizar e a criar seus clubes no próprio local de trabalho, batizando-os com o nome da fábrica e conquistando o apoio dos patrões. (ANTUNES, 1992)

O auge ocorreu nas décadas de 60, 70 e 80, onde manteve-se na primeira divisão do campeonato paulista por 29 anos seguidos, e chegou a disputar a Série B do Campeonato Brasileiro. O rebaixamento nos anos 90 gerou a maior crise da história do clube, mas em 2012, o projeto de reconstrução da equipe foi levado a sério e atualmente a equipe joga a Segunda Divisão do Futebol Nacional.

O futebol se solidificou como um importante referencial de comunicação para a coletividade. De fato, o fascínio exercido pelo futebol sobre os diversos segmentos sociais, transformou este esporte em uma espécie de "idioma comum" na cidade, influenciando nos hábitos e costumes da cidade. (HELAL, 2000)

O Brasil respira futebol. Jogos de equipes grandes têm públicos maiores que muitos eventos importantes pelo país. Teatros, cinemas, shows, apresentações de artes, não tem a mesma importância do que o jogo de futebol às 16h de um domingo. O horário já está marcado e, o mais fiel dos torcedores não perderá o compromisso, seja em frente à TV ou ao campo.

Após conseguir o acesso a primeira divisão do campeonato estadual em 2015, o Azulão conquistou uma vaga na série D do Campeonato Brasileiro de 2016 fazendo a melhor campanha de um time sem divisão, no Paulistão. No mesmo ano a equipe buscou o acesso inimaginável para a série C do nacional. Em 2017 a equipe se reforçou, fez boa campanha e conseguiu o acesso sofrido para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. As campanhas de acesso seguidas foram treinadas pelo técnico Paulo Roberto Santos, que chegou a ficar mais de quatro anos no comando do time beneditino. Atualmente a equipe é treinada por Marquinhos Santos e busca a permanência na série B.

O objetivo geral será avaliar como um clube centenário molda a cultura de uma cidade com polo industrial. Por meio de histórias contadas da equipe, pretendo

mostrar personagens que exemplifiquem, com passagens de suas vidas, o que é o São Bento de Sorocaba.

Buscando mostrar em um livro reportagem a importância do clube no dia a dia de Sorocaba e como o jornalismo esportivo da cidade cobre o clube. O objetivo específico vai dialogar com a equipe para explicar como foi construída a cultura do clube e qual o valor histórico e cultural do São Bento para a cidade e mostrar a história da equipe. Além de tratar da importância do futebol no jornalismo.

Justifico a escolha do tema, pois sou natural de Sorocaba e torcedor do São Bento, além de saber a importância do clube para a cidade, seja como cultura ou notícia no telejornal diário.

Desde que entrei na faculdade, tenho como objetivo homenagear minha cidade natal e o clube, que por muito tempo matou minha vontade de assistir futebol ao vivo. Concluir um trabalho sobre Sorocaba e elevar o nome do São Bento a um livro é um sonho que espero concluir da melhor maneira possível.

Em minha pergunta problema, vou analisar e mostrar, como o Esporte Clube São Bento molda a cultura e o jornalismo esportivo de Sorocaba?

A minha forma de pesquisa será exploratória, com entrevistas com pessoas que me mostrem a verdadeira razão do estudo.

Vou focar em uma pesquisa qualitativa, com pessoas que conheçam o clube e quantitativa no sentido de histórias a se captar. Após conferir todas as versões, farei uma peneira afim de extrair o melhor para o que foi proposto.

Terá como eixo teórico a importância de um clube centenário no jornalismo esportivo e como o futebol molda a cultura de uma cidade.

Minha pesquisa bibliográfica focará nos livros *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, *O povo brasileiro*, por Darcy Ribeiro, *Como o Futebol Explica o Mundo*, de Franklin Foer e *O Futebol Explica o Brasil*, de Marcos Guterman.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Cultura do futebol no Brasil

Sabe-se que o principal esporte do país chegou ao Brasil por meio de um navio. Charles Miller, nascido em São Paulo, filho de um escocês com uma brasileira, fora mandado a Southampton, Inglaterra, para estudar na *Banister Court School* e ao voltar, em 1894, trazia a primeira bola para terras tupiniquins. As primeiras partidas começaram a ser realizadas a partir deste marco, e não demorou muito para que o esporte virasse paixão nacional. (GUTERMAN, 2014)

O primeiro estádio de futebol digno desse nome no Brasil foi uma adaptação de Velódromo Paulistano, erguido em 1892 por encomenda de Antonio da Silva Prado, ou simplesmente conselheiro Antonio Prado. (GUTERMAN, 2014, p. 17)

Falar da cultura do esporte mais popular do país, é lembrar de astros que encantaram com a bola nos pés. Pelé, Garrincha, Zico, Ademir da Guia, entre outros incontáveis gênios da bola, encantaram jogando nas décadas de 50, 60, 70 e 80, mas ao se referir aos primórdios do futebol patriarcal, Arthur Friedenreich, foi o primeiro craque de expressão em nossa história. Fried, era filho de um engenheiro alemão com uma professora brasileira.

Fried fez em torno de 560 gols, talvez um pouco menos, de acordo com os registros frágeis reunidos por estudiosos ao longo dos últimos anos, o que é assombroso assim mesmo (sua média de gols é melhor que a de Pelé, afinal), mas é pouco relevante diante de outros atributos desse impressionante personagem brasileiro. (GUTERMAN, 2014, p. 41)

Com reflexivo sucesso nos gramados de São Paulo e Rio de Janeiro, o esporte começou a se espalhar por toda a extensão territorial do país e foi nesse momento que diversos negros, trabalhadores de fábricas e filhos de antigos escravos, se interessaram em jogar o *football*. O esporte era praticado só por ingleses, alemães e filhos de europeus. Os campeonatos tinham somente brancos correndo atrás da bola, e os sobrenomes estrangeiros ganhavam as escalafões.

Sendo um país mestiço, com origem misturada de vários locais do mundo, os negros - maioria na população nacional - se viam excluídos por não serem aceitos nos times formados por estrangeiros. No entanto, os brancos ao verem negros jogando

melhor que muito deles, se viram na obrigação de dar oportunidades a eles. Muito se fala na história, que o Bangu, clube do Rio de Janeiro, fora o primeiro a aceitar um jogador mestiço em seu elenco. Segundo Mário Filho, o jogador tinha pai português e mãe negra e brasileira. A primeira partida do atleta do Bangu, foi diante do time formado por ingleses, o Rio Cricket, em Icaraí, Rio de Janeiro.

Francisco Carregal, talvez por ser brasileiro e mulato, o único brasileiro, o único mulato do time, caprichou na maneira de se vestir. Era o mais bem vestido dos jogadores do Bangu. Um verdadeiro dândi em campo. (FILHO, 2010, p. 34)

Com negros e pardos jogando nas equipes, o preconceito não desapareceu. Muitos clubes eram contra as inscrições de pessoas “de cor” nos campeonatos, e assim faziam competições exclusivas para brancos. Pelé, maior jogador da história do futebol mundial, por ser negro, foi barrado em diversos clubes antes de fazer história com o Santos e com a seleção brasileira.

Entendemos por meio do nosso passado, que a introdução do futebol no Brasil, demorou para ultrapassar os limites da cor, do credo e da classe social, mas com o talento dos craques, começamos a dar a devida importância a eles. A partir da inserção desses jogadores sem haver discriminação, foi compreendido, que nosso país é miscigenado, e que temos de dar o mesmo tratamento aos diferentes grupos existentes no Brasil.

Essa parca herança africana – meio cultural e meio radical -, associada às crenças indígenas, emprestaria, entretanto, à cultura brasileira, no plano ideológico, uma singular fisionomia cultural. (RIBEIRO, 2015, p. 89)

A medida que o esporte foi crescendo no território, fábricas de diversas áreas montavam seus times para jogar competições. Formadas por engenheiros, diretores e peões da oficina, as equipes faziam sucesso e algumas delas até se profissionalizaram. Foi o caso de dois clubes de Sorocaba, interior de São Paulo. Operários ingleses fundaram o Votorantim Athletic Club e funcionários italianos criaram o Sport Club Savóia na mesma data, em primeiro de janeiro de 1900.

Tendo em vista a evolução do planeta, melhoramos na maneira de pensar o futebol, mas não deixamos de ter noção da importância de ganhar uma Copa do Mundo. Somos os maiores vencedores da taça, com cinco conquistas, deixando para trás seleções de respeito, como Itália, Alemanha e Inglaterra, países que têm muitos

descentes no Brasil. Uma pesquisa da Fifa mostrou que a final da Copa do Mundo em 2014, decidida por Alemanha e Argentina, foi acompanhada por mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo. Para se ter uma ideia do tamanho da partida, um anúncio comercial na TV americana, durante a final, chegou a valer US\$ 1,18 milhão, segundo dados da Forbes Brasil. O que corrobora para uma nova forma de assistir futebol, sem precisar estar no estádio. Hoje em dia as transmissões estão cada vez mais rápidas, sem os atrasos de muitos segundos.

As Copas do Mundo são momentos extraordinários, dentro da rotina do futebol. Existem muitos tipos diferentes de certames no mundo futebolístico. Alguns são estritamente locais. Outros abrangem regiões ou comunidades nacionais. Nenhum, entretanto, tem a importância de uma Copa do Mundo. (DAMATTA, 1982, p. 82)

Eventos importantes, moldados no século passado, são a prova viva que o esporte pode evoluir muito, mas nunca perderá sua essência. Exemplos como a Copa do Mundo, as Olimpíadas e a Copa da Inglaterra, torneios longínquos mostram a capacidade de fixar o esporte na vida da população.

## **2.2 Mídia esportiva no futebol**

Percebendo a paixão do brasileiro pelo futebol, o jornalismo esportivo sempre soube usar o esporte a seu favor. Os primeiros periódicos focados em noticiar eventos esportivos surgiram na década de 30, com o *Rio Sportivo* e o *Jornal dos Sports*, ambos da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, os desportos sempre tiveram seu espaço nos jornais tradicionais, com menos divulgação e engajamento, mas tinham seu lugar. O pioneiro em dedicar uma página de esportes foi o *Jornal do Brasil*, em 1912. As matérias falavam de tudo, desde boxe até a aviação. (CAMPOS, 2017)

Conquistando leitores com textos mais leves, a seção ganhava fãs a cada época. Mas foi quando o rádio chegou ao país que tivemos uma difusão maior do esporte. Transmissões de jogos ao vivo, programas esportivos e notícias quentes, davam mais importância ao futebol. Segundo (SOARES, 1994), a forma de se contar uma partida no rádio é muito importante na maneira em que as partidas são narradas hoje em dia na televisão, com formas diferentes de chamar atenção durante os 90 minutos.

Uma das mais interessantes ocorreu em relação às narrações esportivas do locutor-compositor e cantor Ari Barroso, quando utilizava uma gaitinha

(instrumento musical de sopro) para surpreender os ouvintes, com um lance importante do jogo. Por estar localizado nas arquibancadas e como os barulhos eram intensos, utilizava-se deste instrumento para identificar e narrar um lance interessante com a utilização de um som. (CAMARGO, 1998)

Mesmo com a escassez de aparelhos e dificuldades na transmissão, os radiofônicos seguiam espalhando frequências para os ouvintes. Não difundiam só o futebol, como também natação, tênis, boxe, entre outros. Finais importantes como o do mundial do peso galo de boxe, em 1960, onde Éder Jofre foi campeão mundial nos Estados Unidos, fora transmitido, via rádio, para o Brasil nas vozes de Flávio Araújo, da rádio Bandeirantes. (COMUNICAÇÃO, 2015)

Com o sucesso e sequente crescente nos meios esportivos do país, a televisão viu no meio uma ótima forma de conquistar adeptos a sua programação, logo em sua chegada. De acordo com (CAMPOS, 2017), a primeira reportagem gravada para a televisão ocorreu em um clássico paulista, disputado entre São Paulo e Portuguesa. Já a primeira partida propagada ao vivo na televisão nacional foi em 1950, entre dois times das raízes do futebol, Tupi x Bangu, realizada em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Muitos problemas ocorreram no começo das transmissões ao vivo, pois os clubes alegaram à época, que as partidas do Campeonato Paulista, difundidas pela TV Record, estaria atrapalhando o rendimento bruto das equipes.

Passado as brigas por arrecadações, as transmissões voltaram a televisão e foi na Bandeirantes, que vários esportes foram narrados na voz de Luciano do Valle. Desde basquete a futebol americano, o saudoso jornalista deu vida às tardes brasileiras e ajudou na criação do slogan mais famoso da época, *Bandeirantes: O canal do esporte*.

Com dez horas de programação nos domingos, com grande cobertura no geral e visibilidade inédita para várias modalidades e atletas. Assim, Luciano transformou a Bandeirantes no “Canal do Esporte”. (SOUTO, 2017)

Sabe-se que em nosso país, o esporte nacional, principalmente o futebol, gira entre o eixo Rio-São Paulo. No entanto, com as grandes equipes espalhadas pelo Brasil, precisou-se de uma forma de equalizar o número de divulgações referentes aos estados. Nas décadas passadas, no Nordeste, como exemplo, eram muito comuns as partidas de times do Rio de Janeiro e de São Paulo serem transmitidas, enquanto as das equipes locais não se passavam.



Contudo, diante a evolução da mídia nacional, as emissoras de televisão começaram a espalhar afiliadas por todo o território, possibilitando assim, coberturas mais amplas das equipes em seus respectivos estados.

Exteriorizando o caso de Sorocaba, percebemos que a televisão tem muita influência na cidade, não só em questão esportiva. Segundo (GONÇALVES, 2002), a cidade recebeu três emissoras de uma vez na década de 90, Metropolitana, Aliança Paulista e Sorocaba. Duas dessas televisões eram afilhadas das maiores redes de mídia televisiva do país, Globo e SBT. O autor relata uma análise de como as empresas midiáticas transformaram a política local e fazendo o contraponto com o esporte, percebe-se uma elevação no grau da torcida beneditina nos anos que sucederam a implantação das emissoras na cidade.

Antes de receber tais transmissões, a cidade do interior paulista contava com dois jornais característicos da cidade. Conforme (LUCA, 2007), os periódicos, *Diário de Sorocaba e Cruzeiro do Sul*, contavam com muito prestígio entre os habitantes e remendavam bem a falta que um periódico estadual fazia a localidade.

A cidade é pioneira em distribuir informação, de acordo com (LOPES, 1996), Sorocaba teve um dos primeiros jornais do interior de São Paulo. O noticiário era chamado “O Paulista” e foi criado em 1842.

O Cruzeiro do Sul e o Diário de Sorocaba. O primeiro foi fundado em 1903 e o segundo, em 1958. Nos anos 90, ambos gozavam de prestígio e tradição na cidade e região. Já tinham modernos parques gráficos e uma estrutura editorial e comercial bastante profissionalizada, seguindo modelos, ainda que em escala menor, adotados pelos grandes jornais no país. (LOPES, 1996)

A mídia esportiva da cidade seguiu a mesma forma dos jornais até a chegada das emissoras, que fizeram o mercado informativo se atualizar. Com o Magnus Futsal, Liga Sorocaba de Basquete e São Bento, disputando as competições de maior importância no cenário de cada esporte, os periódicos têm de se esforçar para dar a mesma cobertura a eles, sendo assim, imparciais.

### **3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA**

#### **3.1 Linguagem/Estilo da peça**

O projeto foi realizado e fomentado por meio de um livro-reportagem, onde além de relatar histórias contadas do Esporte Clube São Bento, expus como o clube mexe com a cultura e com o jornalismo de Sorocaba. Sendo o principal expoente do esporte na cidade, o São Bento carrega consigo o carinho do povo sorocabano, que mesmo com a proximidade a São Paulo, torce para a equipe beneditina.

#### **3.2 Capítulos/Roteiro**

Com cinco capítulos, o livro faz menção a um pouco de toda a gloriosa trajetória do Esporte Clube São Bento. Logo na primeira divisão, revelei a história do clube, desde as melhores fases até os momentos mais complicados.

Já na segunda parte, explanei ao leitor um pouco dos estádios em que a equipe jogou, revelando histórias de ex-jogadores, torcedores e gestores da agremiação nos mesmos, afim de ressaltar o saudoso estádio Dr. Humberto Reale e o atual campo do Azulão, Walter Ribeiro.

Destinei o terceiro capítulo, para o papel do jornalismo esportivo na cidade e como o São Bento molda a cobertura dos meios jornalísticos. Nessa seção também ostentarei o papel da equipe na cultura sorocabana.

No quarto capítulo, apresentei as mais variadas histórias de torcedores, dirigentes e diretores do clube. Será o momento de revelar as curiosas manias de cada um. Como a do torcedor fanático que caminhou do estádio Humberto Reale até o Pacaembu-SP, fazendo o trajeto em três dias, afim de comemorar a volta do Bentão a elite do futebol paulista.

Já na última parte, transmiti algumas curiosidades ao leitor, para que descubra alguns pontos chave da história beneditina. Por meio de relatos contados pelos personagens que presenciaram o fato, para confirmar tal feito e passar sua visão. Como o fato de Pelé ter perdido dois pênaltis contra o Azulão. A emoção tomou conta do livro nesta parte.

### 3.3 Aspectos físicos (número de páginas, papel, tamanho)

O livro conta com 40 páginas, onde a tipografia é a Helvética com tamanho 12 para facilitar a leitura. Temos um espaçamento de um centímetro e meio de uma linha para a outra, afim de deixar o texto fluir e facilitar a compreensão do que está escrito. Empreguei três formas de fonte no livro-reportagem. Uma para os títulos presentes, outra para legendas de fotos e mais uma para o corpo do texto. Nenhuma das tipologias dos títulos teve a presença de serifa.

Na composição do texto, mesclei o escrito com imagens, além da presença de *QR code* para fazer uma interação com o leitor, afim de não deixar o conteúdo do livro-reportagem maçante. As fotos são de partidas, a maioria nos anos oitenta, cedidas pelo jornalista Sérgio Coelho.

O papel escolhido no livro-reportagem foi o *couchê fosco* de 115 gramas. A folha do material torna o escrito mais nítido e realça imagens com qualidade, sem fazê-las perderem o brilho e deixando o resultado final esteticamente bonito.

Ao escolher o tamanho do livro, optei por seguir o tradicional. Com folha A5 e medidas de 14,8cm por 21cm. A capa foi encadernada pelo método *hot melt* com acabamento em *refile* e a imagem utilizada nela é de um jogador comemorando um gol com o estádio Walter Ribeiro lotado ao fundo, além disso, foi utilizado todos os símbolos do time desde a fundação até atual. Com isso, realizei uma conexão maior com o clube, a fim de chamar a atenção dos torcedores beneditinos.

### 3.4 Entrevistas

Ao escolher o tema, busquei ficar por dentro do clube e procurei diversas pessoas que pudessem me passar embasamento histórico sobre a agremiação. Minhas primeiras entrevistas visavam entender o clube, visto que meus estudos precisavam ser aprofundados. Para isso, fiz três entrevistas com o historiador do clube, Guilherme Feliciano.

Passada a experiência com o historiador do clube, procurei personagens que me contaram histórias relacionadas ao São Bento. Procurei ex-jogadores, gestores, torcedores e jogadores do elenco atual. As conversas foram proveitosas e puderam me dar um norte para escrever os capítulos.

Com isso feito, fui atrás de jornalistas, que acompanham o dia-a-dia do clube. Cheguei a dois profissionais da rádio Cruzeiro FM, Nilson Duarte e Caio Rossini. Questionei o dois sobre o papel da mídia sorocabana ao cobrir o São Bento e procurei entender o porque tem-se adotado um papel mais crítico quando se fala do clube. Ao buscar as informações, senti um certo descontentamento da mídia com algumas atitudes do clube, como fechar os treinos durante a semana.

Compreendendo o papel da mídia sorocabana com o Esporte Clube São Bento, fui atrás de torcedores do clube, que contem histórias pessoais que vivenciaram nesses mais de cem anos da equipe. Willian Alves e o Sr. Arnaldo Kriquer me deram uma cancha muito boas de momentos que vivenciaram ao lado do Azulão. Uma das histórias que foi dividida conosco foi sobre a promessa, que fez com que dois torcedores, caminhassem do estádio Dr. Humberto Reale, até o Pacaembu.

Para passar a emoção do que é jogar pelo São Bento, fui atrás de ídolos do clube e de jogadores que fizeram história com a camisa beneditina. Paraná, ponta-esquerda do São Paulo e da seleção brasileira é um dos jogadores que tem história com a camisa azul. Candinho, ex-jogador do São Bento é um dos jogadores que mais vestiram a camisa do São Bento. O ex-atacante foi um dos poucos jogadores que chegaram a jogar nos dois estádios do São Bento. O Dr. Humberto Reale e o CIC. Do atual elenco, entrevistei Henal, o goleiro que é o ídolo mais recente da equipe.

Dando fim as entrevistas, busquei no ex-presidente, Fernando Martins da Costa Neto, algumas histórias, que me fizeram entender o porquê o gestor é considerado um dos melhores presidentes da história da agremiação. No entanto, Fernando foi muito humilde e dividiu todos os méritos da gestão com seus ajudantes de clube.

Assim, juntei todo o conhecimento adquirido nas conversas com o historiador Guilherme, com as histórias sensacionais que os personagens me proporcionaram, para, dessa maneira começar a ter ideias das partes do livro-reportagem. Pesquisei também em sites esportivos e tive a ideia de colocar QR Codes no livro, afim de gerar uma interação do leitor com o livro.

Combinando isso, cheguei ao fim nas minhas pesquisas, migrando as informações relevantes para o papel e deixando de lado dados e/ou conhecimentos não aferidos no momento.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar no livro do São Bento, ao fim de 2018, buscava deixar algo grandioso ao clube. Vejo a agremiação com poucas pessoas interessadas na história centenária e buscando apenas o futuro do time. Dessa maneira, em meu livro, busquei dar voz a ex-jogadores, ex-gestores e torcedores saudosistas. Procurei também, entender qual o papel da mídia sorocabana ao cobrir o São Bento.

Através disso, fui atrás de fontes que pudessem me proporcionar todo o engajamento necessário para escrever o material. Encontrei dificuldades ao buscar fontes dentro do clube. Mesmo com toda a disposição da Juliana, encarregada de cuidar das redes sociais do São Bento, tive de estar presente por várias vezes no recinto, para conseguir uma palavrinha com Marcelo Cordeiro e Henal, o que valorizou em muito a minha pesquisa.

Creio que cumpri os objetivos traçados no começo do caminho. Consegui responder qual o papel da mídia ao cobrir o Azulão e pude confirmar que o time é o maior case da região, mesmo com outros esportes em ascensão na cidade, como basquete e futsal.

Vejo o livro como um divisor de águas em minha vida e carreira, pois ao escrever sobre o São Bento, conheci sobre a região de Sorocaba, sobre as dificuldades encontradas naquele tempo e as histórias ricas de pessoas que viveram em momentos diferentes da história do clube. Só tenho a agradecer a cada São-Bentista, por me apoiar na decisão de escrever um livro sobre o clube e querer ajudar ao máximo o meu trabalho.

Creio que se não fosse minha insistência com dadas fontes, não teria metade das que consegui, no entanto, acreditei, no começo, que pudesse ter mais entrevistas ao fim do livro-reportagem. Tentei entrevistar nomes como Marinho Peres, Luís Pereira e Lourenço, porém, por não morarem mais em Sorocaba, a distância atrapalhou os planos. Cogitei tentar fazer uma entrevista por vídeo conferência, mas desisti por ver que o projeto poderia ser trabalhoso e pouco proveitoso.

Dessa maneira, vejo que há como continuar com a pesquisa, para, assim, fomentar mais histórias com outras influências do clube.

Torço para que o São Bento permaneça nas divisões de elite do futebol nacional e assim, cresça-se os números de torcedores da nação beneditina. Pretendo

que a cidade de Sorocaba abrace mais o clube nos momentos ruins, para que aja sintonia nos momentos bons.

Prezo pela bem-feitoria do estádio Dr. Humberto Reale e acredito, que com zelo e carinho, podemos fazer o local virar um centro de treinamento moderno e aliado a isso, pleitear uma reforma no CIC, para podermos ter mais conforto e segurança ao assistir partidas do Bentão.

No geral, acredito que tenha feito um bom trabalho. Creio que consegui mostrar um pouco da história do São Bento, que segue firme entre os times tradicionais do interior paulista.

Meu momento preferido ao redigir o texto, foi quando pude falar dos estádios que o Bentão teve. Vejo esse momento como especial, pois todos os entrevistados falaram muito bem do estádio Dr. Humberto Reale, localizado na rua Coronel Nogueira Padilha. Portanto, ao escrever essa parte, carreguei todas as emoções junto comigo, fazendo do capítulo, uma lembrança saudosa.

Assim, com tantos fatores que me deixaram feliz, acredito que o leitor não deverá ter dificuldades em entender a importância do São Bento para a cidade de Sorocaba. Com o advento do *QR Code* ao trabalho, acredito que diversas pessoas poderão ver como é o jornalismo sorocabano através das matérias citadas e como o clube é tratado pela mídia regional.

Portanto, concluo o livro-reportagem com muita satisfação e felicidade ao ver o trabalho pronto. Acredito que a peça fique eternizada na memória do Esporte Clube São Bento. Com isso, posso dizer que sou um torcedor especial do clube.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, F. **Futebol de Fábrica em São Paulo**. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 190. 1992.

CAMARGO, V. R. T. **A TRAJETÓRIA DA MENSAGEM ESPORTIVA: DOS SONS À IMAGEM PAULISTANA**. UNICAMP. Campinas, p. 14. 1998.

CAMPOS, H. Futebol, Cultura e Geografia. **Geocultura do Futebol**, 2017. Disponível em: <<https://geoculturadofutebol.blogspot.com/2017/09/historia-da-midia-esportiva-no-brasil-e.html>>. Acesso em: 25 Outubro 2018.

CHADE, J. Estadão. **Estadão**, 2014. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mais-de-3-2-bilhoes-de-pessoas-viram-a-copa-em-2014,1812267>>. Acesso em: 25 Outubro 2018.

COMUNICAÇÃO, E. B. D. EBC. **EBC**, 2015. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/todas-vozes/edicao/2015-10/luta-de-boxe-nas-ondas-do-radio-parou-o-brasil-em-1960>>. Acesso em: 25 Outubro 2018.

DAMATTA, R. **Universo do Futebol**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Pinakotheke, v. I, 1982.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, v. I, 2010.

GONÇALVES, J. C. **TV, Propaganda e Eleições: O Caso de Sorocaba**. UNISO. Sorocaba, p. 14. 2002.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, v. I, 2014.

HELAL, R. Futebol, Cultura e Cidade. **Logos**, São Paulo, 11 fevereiro 2000. 1-3.

LOPES, D. F. **A evolução do jornalismo em São Paulo**. 1ª. ed. São Paulo: Eca USP, v. I, 1996.

LUCA, W. A. D. **O fortalecimento dos jornais locais e a desconcentração da imprensa no interior de São Paulo**. Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, p. 16. 2007.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**. 3ª. ed. São Paulo: Global, v. I, 2015.

SOARES, E. **A Bola no Ar**. 1ª. ed. São Paulo: Summus, v. II, 1994.

SOUTO, N. B. Três Pontos. **Três Pontos**, 2017. Disponível em: <[https://trespontos.blog.br/2017/04/19/luciano\\_do\\_valle/](https://trespontos.blog.br/2017/04/19/luciano_do_valle/)>. Acesso em: 25 Outubro 2018.

## **ANEXOS**



## **Anexo I – Entrevista com Ademir de Barros, conhecido como Paraná, ex-jogador do São Bento**

**1 – Você é considerado um dos maiores ídolos do São Bento, ao lado de Luís Pereira, Marinho Perez, entre outros. Como o Sr. se sente tendo essa alcunha?**

**R:** É coisa normal. Como um nunca tive fase ruim, nada. Todas as coisas são boas. Como eu tenho amizade com tudo mundo, mexo com todo mundo, fica mais fácil. Passa pelo tratamento da gente, né? Não é porque a gente jogou em seleção, nada. É tudo a mesma coisa. Comigo não tem esse negócio não. É tudo a mesma coisa, quando a gente morrer vamos todos para o mesmo lugar.

**2 – Como você explica sua ascensão tão rápida do São Bento para a Seleção?**

**R:** Teve uma seleção do campeonato de acesso, no Peru, para disputar o sul-americano e eu era para ser convocado, mas não fui, porque eu estava sem contrato com o São Bento. Dai eu fiz minha pedida no São Bento, aí o São Bento disse: “Olha, vamos pagar isso daqui para você, se você aceitar você vai para a seleção”. Aí eu disse: “Ó, não vou para a seleção, mas eu quero isso”. Dai eu não fui para a seleção e eles foram campeões sul-americanos. Se eu fosse teria ido antes, né? Isso em 63. **[Mas como o Sr. explica essa ascensão, porque o Sr. jogava em um time de Sorocaba, né?]** Ah, mas assim, eu para jogar eu jogava em qualquer lugar, porque eu com 13 anos já comecei a jogar no meio dos homens. Os caras tinham idade até para ser meu pai, mas eu jogava. **[Isso vem muito por conta do seu pai também ter sido jogador?]** Também, já vem de família, né? Meu pai jogava, meus tios jogavam, então vem de família. A gente gostava de jogar, né? Então era mais fácil por conta disso.

**3 – Copa do Mundo, como foi?**

**R:** Nossa seleção tinha muita coisa errada, né? Tinham jogadores que eram melhores e não eram convocados, aí bagunçou tudo. O pessoal levou o Feola de técnico, mas quem escalava o time era o pessoal do Rio. Não adiantava nada. Quem era mais

jovem, não se misturava com o pessoal mais velho. Era tudo separado. Então era muito difícil. Aí o Rei machucou, né? Aí complicou. **[Nessa época o Sr. já tinha sido campeão com o São Paulo?]** Não, ainda não. O São Paulo ainda estava naquela fase de sofrimento. Jogava, jogava e não conseguia nada. **[Naquela época tinha muito rixa entre São Paulo e Rio de Janeiro, né?]** É, então. O mais importante na seleção de 66, é que o Paulo Machado foi o dirigente das duas seleções anteriores, que foram campeãs. Aí em 66 os caras do Rio cortaram ele. Se ele vai é diferente. Ele não dava palpite para escalar jogador, nada. Ele deixava o técnico escalar. Aí tiraram ele e bagunçou tudo. **[Aí em 70 o Sr. não foi?]** Não, não fui. Tinha um jornalista lá no Rio, inclusive ele que trouxe o Amarildo. Já estavam os 44 convocados e ele trouxe o Amarildo. Ele metia o pau em mim, até nos treinamentos. Aí fomos para um amistoso. Quando terminou o jogo estava indo para o ônibus e ele veio me cumprimentar. Aí ele disse: “É, você foi o melhor jogador nosso”. Aí eu virei e dei um soco na cara dele. Foi aí que o chefe da delegação me disse que eu não precisava esperar mais pela convocação. Mas eu prefiro ficar jogando no meu Santos (time de várzea de Sorocaba), do que numa seleção dessas. Aí não fui mais.

#### **4 - Como que o Sr. chegou até o São Bento?**

**R:** Eu comecei no amador do São Bento, porque aqui tinha um campeonato amador bom e era feito pela liga. Aí eu trabalhava no Jornal Cruzeiro do Sul, que era aqui (centro de Sorocaba). Daí eu fui lá treinar no São Bento, porque o Cruzeiro do Sul tinha um time que era dirigido pelo Odair Sanson, que era o repórter de esporte do jornal. Aí eu pedi para ele para jogar no time do jornal, mas ele dizia que eu era muito magrinho, que eu ia quebrar a perna se jogasse. Dai eu descobri que tinha o amador do São Bento e fui treinar. Fui treinar na sexta-feira, eles treinavam de quarta e sexta. Fui na sexta, dai eles falaram comigo que iam jogar no Campo do Estrada no domingo, para eu ir, às 7h30. E naquela época tinha o primeiro e segundo quadro, no amador. Dai eu cheguei no bairro, conversando com um amigo meu, falei “Tito, é para mim jogar no amador do São Bento lá no Campo do Estrada, mas eu não sei onde é”. Aí ele disse que me levava. Fui lá, joguei no segundo quadro, ganhamos, nem lembro de quanto, mas ganhamos. Aí eles me falaram para ficar na reserva do amador, mas no time titular, fiquei. Entrei no jogo e tudo. Tinha um monte de velho no time, e fiquei

jogando com eles. Daí meu pai um dia falou para mim, “Pensa aí, os caras da fábrica querem que você vá jogar lá, na fábrica e aí você trabalha lá também”. Aí eu falei, “pô, com um monte de velho que tem lá?” mas ele disse que seria bom. Aí eu fui. Quando eu fiz 14 eu entrei na fábrica. Disputei dois campeonatos com eles e o pessoal do São Bento foi atrás de mim, aí o que eu ganhava na fábrica o São Bento começou a pagar. Aí saí da fábrica e fiquei jogando no amador do São Bento. Em 59 fomos campeões do amador, eu assinei contrato e virei profissional. Teve um jogo em 60, contra o Irmãos Romano e o nosso ponta esquerda era Nelsinho, que jogou no Corinthians. Não tinha concentração nada, a gente se encontrava na hora do jogo e jogava, quando ia viajar, vinha um dia antes e ia. Aí o Nelsinho não foi no jogo e o Moacir falou para mim: “joga de Ponta esquerda?”, eu falei que sim. Eu estava de meia, mas nosso ponta faltou. Eu queria jogo, né? Aí fui para a ponta esquerda e fiz minha carreira lá.

**5 - Em 63 foi o ano do acesso. Como foi aquele campeonato para vocês? Foi difícil?**

**R:** Bem difícil, diferente de agora, né? Porque antes tinha time de futebol. Na final jogamos contra o América de Rio Preto e o América era um timão. Jogamos o primeiro jogo lá e empatamos em 0x0. No segundo jogo, aqui em Sorocaba empatamos em 1x1. Aí fomos fazer o terceiro jogo. Empatou em 1x1 e foi para a prorrogação e ganhamos lá. Naquela época só subia um. Nesse jogo, na final, o Cabralzinho se machucou e daí o Cabralzinho foi para a ponta e eu fui para o meio, isso no segundo tempo já. Naquela época não podia trocar, né. Praticamente ficamos com um a menos. Mas foi bom, porque ele ficou daquele lado e o lateral ficou marcando. Daí ganhamos na prorrogação. O Picolé que fazia os gols nossos, né? Aí toquei no pé esquerdo dele e ele fez o gol. **[De lá o Sr. já foi contratado pelo São Paulo?]** Não. Aqui eu disputei o paulista de 63, que ficamos em quarto lugar se não me engano e em 64, onde eu disputei o campeonato jogando de centroavante, porque o Picolé tinha sido vendido. Em 65 eu fui vendido, né? Mas não era para eu ter saído, porque o São Bento estava vendendo um por ano e ia vender o Nestor. Aí o São Bento foi jogar contra o Santos e a gente falou para ele não jogar, mas ele disse que iria para fazer a despedida no São Bento. Foi quando ele rompeu o tendão de Aquiles e tiveram que me vender. Porque aquele dinheiro de venda do jogador que fazia o campeonato no ano, aí teve

que sair eu. **[E como foi a experiência de ir para o São Paulo?]** Pior que eu cheguei no São Paulo e o time era feio... Fazia tabela com os caras e saía na frente, mas os caras tocavam para trás. Daí tem que correr, né? Mas eu corria demais no jogo. Pegava aqui, pegava ali e corria. Daí o time foi melhorando. Estavam construindo o estádio, não estava pronto ainda, né. Aí depois trouxeram um monte de jogador, entre eles o Gerson e fomos campeão em 70 e 71 e em 72 fomos vice-campeão invicto.

## **6 - Tem alguma história curiosa?**

**R:** Fui jogar contra o São Paulo, era o João Avelino o técnico, saímos da concentração escalados e eu era titular. Aí chega no campo e o presidente manda me tirar do time. Porque diz que ele queria vender um jogador, mas na segunda-feira saia a manchete no jornal: “Melhor em campo: Paraná”. Aí eu não joguei. Eu já estava querendo parar mesmo. **[Com quantos anos o Sr. parou?]** Estava com 37. Parei, né. Aí me formei em administração e estava em São Paulo e fui tomar um café na rua 13 de maio, aí encontrei o Zé Pilão, de Cerquilha e ele era o diretor do Ceasa. Aí ele me perguntou o que eu estava fazendo, aí eu disse que tinha me formado em administração. Foi quando ele me disse que ia me arrumar alguma coisa para fazer e me perguntou se eu queria ir trabalhar no Ceasa aqui em Sorocaba. Aí eu disse que sim e ele me falou para eu ir lá no dia seguinte. Me disse para eu ir de terno que ele me colocaria de diretor do Ceasa. Aí eu fui, comprei um terno e fui lá. Aí quando eu cheguei ele me disse: “porra, demos azar. Eu cheguei ontem a tarde aqui e os caras nomearam um cara de Itapetininga para ser o diretor”. Era um negocio de politica né? Ele me disse, quer trabalhar de estatística lá? Eu aceitei. Aí eu estava trabalhando, né? Um dia chega o Bellini e o Celso Roth. O Celso Roth era o secretario de esportes da prefeitura de São Paulo e eles estavam montando um projeto de escolinhas de futebol em São Paulo. Aí eu sempre conversava com o Bellini, a gente jogava junto no campeonato de veterano e eu falava pra ele da molecada aqui do Santos, que eu treinava eles de sábado. Aí ele disse para o Roth, “Eu fico de coordenador seu se você for buscar o Paraná para trabalhar com a gente”. Aí vieram os dois, eu não queria ir, mas me encheram tanto que eu fui. Aí fui trabalhar. Para mim foi bom, porque eu fui lá para São Paulo e arranjei serviço para um monte de boleiro que tinha parado de jogar. Foi bom. Aí tinha os times de futebol lá, que jogavam de sábado, o pessoal da secretaria

de esportes da prefeitura e da secretaria de turismo. Então eu juntava todo mundo e fui jogar. Aí os caras falaram comigo, “vem trabalhar com a gente aqui, assim você ganha da prefeitura e ganha daqui”, eu aceitei, né! Daí eles pediram para vir para Sorocaba, porque não tinha. Aí eu vim. Levei o menino Deco para trabalhar comigo, levei o Tuca, o Juliano, que jogaram no São Bento e foram trabalhar comigo lá. Aí teve um ano que me chamaram para São Paulo e eu fui lá e eles me disseram que iam me colocar de diretor do Centro Social de Sorocaba, mas por causa de política, mudou o secretário, não deu certo. Aí fiz um concurso aqui na prefeitura, passei e fiquei trabalhando até os 70 aqui. **[Agora está tranquilo?]** Agora tá. Aquele banco em frente a igreja e o meu escritório e fico lá, tranquilo.

#### **7 - Qual foi a melhor fase da sua carreira?**

**R:** Acho que foi a melhor fase mesmo foi aqui, depois, quando eu já tinha aposentado e fui jogar num time que tinha um monte de veterano e disputava o campeonato da várzea aqui, em 84. E em 84 nos fomos campeão na várzea e eu fui eleito o melhor jogador da várzea, no meio dos novinhos e tudo.

#### **8 - Tem alguma partida que lembra com carinho do São Bento?**

**R:** Não, para mim era tudo a mesma coisa. Para mim o bom era jogar. E eu não me arrependo de nada na minha carreira. Só acho que tem que ter mais garra hoje em dia, porque hoje eu não vejo mais jogo por causa disso.

## **Anexo II – Entrevista com Anderson Silva Santana, conhecido como Henal, jogador do São Bento**

### **1 - Você começou sua carreira em 2001?**

**R:** Isso, foi 2000/2001 né. Na verdade eu jogava no União, time força do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo e lá só tinha a base e aí em 2001 foi que foi montado o profissional depois rodei interior de São Paulo quase todo aí e em 2011 cheguei para cá, na verdade foi em 2010 mas só que naquela preparação para 2011 da série A2 né.

### **2 - E quando você chegou você imaginou que ia fazer história aqui no São Bento?**

**R:** Ah não né, a gente não imagina que o que ia acontecer. A gente só viu o momento. Estava chegando no clube e ele estava com uma dificuldade muito grande, eu esperava sair do clube para coisas melhores porque a gente joga futebol pelo o dinheiro e não tem como, lógico que pelo amor também, mas mais pelo dinheiro. E na época o clube não estava tendo, mas aí acabei ficando e o clube acabou melhorando, entrando uma nova diretoria e as coisas começaram a andar, começou a pagar certinho e fiquei 9 anos aqui.

### **3 - Você ficou cinco anos ininterruptos né?**

**R:** Isso, 5 anos sem sair aí depois 2015 eu tive uma passagem rápida pelo Guarani, voltei; depois eu fui para o Cuiabá e voltei em 2018.

**4 - Você ajudou o clube a se reerguer de 2011 até 2016, tiveram os acessos os títulos e você também fez parte, e com tudo isso, com todos esses jogos que só na sua primeira passagem foi de 150 agora está em 180. Você se sente ídolo do clube?**

**R:** Sou o jogador que mais jogou jogos no CIC com a camisa do São Bento, ídolo é aquele que conquista vários títulos, marca a história com títulos. Eu me considero, porque consegui títulos aqui, marquei história no tempo que ninguém queria vir jogar aqui o clube ainda engatinhava naquela época e ninguém queria jogar aqui, porque o clube atrasava salário e então do recomeço do clube até agora eu tenho uma parte imensa na retomada do São Bento ao futebol nacional, dentro disso, eu me considero sim.

**5 - Em 2016 você recebeu a proposta do Cuiabá e acabou deixando o São Bento, o time estava na série D naquele momento, e como isso aconteceu, o Cuiabá foi até você?**

**R:** Então na verdade eu estava em uma sondagem com o Santos, estava naquela de ir ou não, de acertar ou não, e o mesmo empresário que estava mexendo com isso que era na época era o Marcelo Pinheiro, não mintto, n fim do campeonato ligaram para o empresário do Rossi falando que o Cuiabá tinha interesse em mim era e não era só em mim era no Cordeiro e no João Paulo também era três jogadores na época, aí nisso naquela coisa de ir pro Santos ou não, o cara acabou ligando para o Marcelo Pinheiro aí o Marcelo falando que lá tinha oferecido mais e saindo daqui, indo para lá seria mais fácil a gente ter uma negociação com Santos aquela coisa de burocracia para entrar, acabei saindo também pelos valores né que foi maior. E o São Bento na época eu ia fazer um time na série D e não estava investindo muito. Nem eu acreditei, foi um ano e meio lá, joguei metade de 2016 e 2017 todo lá.

**6 - Você viu os acessos do São Bento da série B para Série C da C para B. Você acreditou nisso, vendo de longe você queria estar aqui para subir com o clube, qual foi o seu sentimento de ver tudo aquilo de longe?**

**R:** Ah, então, o querer estar aqui a gente sempre quer ser vencedor, subir com o clube ,ainda eu que tenho uma história e gosto muito do clube, lógico que queria estar nos momentos bons do clube, mas a gente também torceu muito para que isso acontecesse, mas ver o começo aquela coisa de estrutura, o São Bento começar a jogar um paulista da primeira divisão jogar contra os grandes clubes aqui e tipo não tinha calendário tinha que jogar a Copa Paulista depois e vendo o time poder disputar

uma série D, aí que eu consegui dar vaga para série D na classificação contra o Santos, aí depois o time subir para série C e de repente subir para série B, a gente fica feliz mesmo, lógico que queríamos estar, mas o momento não era esse, era de tentar outros horizontes.

#### **7 - Em 2018 você voltou numa ligação de parabéns para o Presidente certo?**

**R:** Eu tinha uma relação de amizade muito legal e tal e eu fiquei sabendo que a vontade dele era ser Presidente do Clube porque quando eu conheci ele, ele não fazia parte da diretoria, não fazia parte de nada do clube, ele era um torcedor que vinha aqui e peguei amizade com ele, que acabou virando advogado e sempre falava que queria ser presidente do clube aí deu que ele foi eleito presidente e eu acabei ligando para ele e ele me disse que estava em negociação com o goleiro mas não tinha dado certo, ele perguntou se eu estava afim de vir para cá, e eu lógico, estou desempregado voltei de Cuiabá agora, e falei: quero sim e acabei vindo.

#### **8 - Teve algum momento que você estava acompanhando de longe e que chegou até a desacreditar do São Bento, que o time fosse chegar à série B e nos 40 melhores times do Brasil?**

**R:** Eu acho que não só eu, como todos os torcedores não acreditava que o time ia subir rapidamente para série B, pelo elenco que estava sendo montado, por estar chegando e ainda vindo naquela coisa sem muito investimento, os times que investem mais lógico que vão subir e acabou sendo ao contrário o São Bento com seu investimento que sempre fez, a folha mais baixa, conseguiu subir, eu acho que não só eu, como a maioria dos torcedores não acreditavam que o time ia subir para série B assim rapidamente como foi.

#### **9 - Você atribui o sucesso rápido do São Bento a quê?**

**R:**A honestidade da diretoria, dos jogadores que vieram para cá, o comprometimento, o pagar em dia hoje conta muito no futebol pois todo mundo é pai de família, todo mundo tem que ajudar alguém então pagar em dia é essencial acho que isso que foi



o que deu a alavancada. Acho que o Paulo Roberto também tem muito a ver com isso né porque foi um cara que colocou sua Filosofia de trabalho conseguiu 6 anos à frente do time, foi um gestor de grupo e é o que hoje precisa num futebol, ele foi um gestor excelente e os jogadores que vinham e compravam a ideia dele acabou dando certo.

**10 - E teve alguma história, alguma preleção, algum jogo especial que você tem pelo São Bento?**

**R:** Eu tenho um jogo com Sertãozinho lá que foi o acesso da série A3 para série A2 eu acho que aquele jogo ficou na história lá por tudo que aconteceu, por eu escorregar sair cara a cara com o Pedrão na época, por o time tá perdendo de 2 a 0 e conseguir empatar o jogo 3 a 3 e acabar subindo, acho que este jogo está na memória e eu nunca mais vou esquecer.

**11 - Você já está com 34, e pensa em aposentar em algum momento? Você tem alguma pretensão de fazer alguma coisa no futebol depois que você parar? Algo no São Bento também?**

**R:** A gente sempre pensa né em parar porque já estou com 34 e penso em jogar mais uns 4 anos em Alto Nível e eu quero ser treinador de goleiro eu sou apaixonado pela posição gosto muito do que eu faço e quero ensinar e levar isso aí para frente eu acho que o goleiro é um cara ali que é sozinho para tudo, até para comemorar para treino e para tudo, não tem um treinador específico só para ele eu acho que merece uma atenção especial e quero levar um conhecimento que eu tive no futebol a frente, eu quero ser treinador de goleiro, fazer alguns cursos e continuar na carreira como treinador de goleiros.

**12 - Tem algo que não perguntei que você queira falar do clube, da sua relação de carinho ou amor e ódio com a torcida?**

**R:** É aquela coisa, dentro de campo você estando correspondendo a torcida vai te elogiar, e quando fica ruim a torcida é imparcial, a gente fica bravo e tudo mas a gente sabe do amor do torcedor, a gente também é torcedor e quer ver o time ganhar sempre

então nós jogadores não somos máquinas, temos o momento ruim também, e eu tive mais momentos bons do que momento ruins, tenho um carinho imenso e um respeito imenso pela torcida do São Bento e tenho certeza que eles tem por mim também. Sou de Tupã, mas moro aqui já faz sete anos que eu moro em Votorantim. Eu acho assim que ninguém queria estar vindo para o São Bento na época, estava difícil e eu acabei dentro de campo representando bem honrando a camisa e foi aquela ascensão, acho que o time veio crescendo e eu vim crescendo junto com o clube. Eu tenho só agradecer ao São Bento por tudo, pela minha carreira e por tudo que até hoje faz. Eu nunca joguei em time grande, o time grande que joguei foi o São Bento, então tenho um respeito imenso pelo Clube, por ter jogado contra Santos, São Paulo, Corinthians, Palmeiras times que eu por ser Paulista via na televisão. E no Campeonato Paulista tem o privilégio de usar uma camisa de um clube que você gosta e poder jogar contra esses clubes para mim foi essencial.

### **Anexo III – Entrevista com Arnaldo Ribeiro Kriger, torcedor símbolo do São Bento e dono do Bar do Bentão**

#### **1 - Nome e sobrenome?**

R: Arnaldo Ribeiro Kriger

#### **2 – O Sr. é de Sorocaba?**

R: Não, eu sou de Votorantim, mas estou aqui (no bar) há 37 anos. E Porque estou aqui? Eu morava na cidade e de repente teve a emancipação em 52, então eu queria estar na cidade do São Bento. Então eu comprei esse bar, para estar na cidade do São Bento.

#### **3 – Então desde que o Sr. nasceu você torce para o São Bento?**

R: Toda a vida!

#### **4 – Você teve alguma influência?**

R: Meu pai por exemplo, morei em Votorantim toda vida, né? Então ele pegava o bondinho que tinha aqui antigamente, ia em todos os jogos no Humberto Reale e me levava assistir. Isso quando eu tinha 10, 11 anos, né. Eu vi tanto jogo que fui pegando amor pelo São Bento. E eu ia a todos os jogos, meu pai me levava desde menininho. Meu pai fazia com que eu fosse, ele gostava do São Bento e naquela época os times faziam muitas excursões, né? Em uma delas, o Santos e a Ponte Preta, de Campinas, vieram jogar e eu vi, entre tantos o Pelé, que nunca ganhou do São Bento jogando aqui. Ele jogou três vezes contra o São Bento aqui, empatou duas e perdeu uma. E também perdeu pênalti, viu? O Lourenço, goleiro, defendeu.

#### **5 – Você é da época do Humberto Reale. Sofreu muito com a troca de estádio?**

**R:** Ah, sofri... Ele era muito aconchegante, pequeno e colocava pressão nos adversários. Os jogadores sentiam, o juiz então. Era o alambrado, o *bandeirinha* e o jogador. A pressão era enorme. Então senti muito essa mudança.

**6 – Em relação ao CIC, você gosta de ver o São Bento jogar lá?**

**R:** Fica um pouco distante, né? Eu na verdade, tenho aqui a *première*, Sportv, então eu vejo todos os jogos do São Bento pela TV. Qualquer jogo que tiver, eu vejo. Mas olha, entre nós, não tem quem goste mais do São Bento do que eu. O São Bento hoje é um time de empresário... O Márcio é meio contraditório, né? O próprio conselho também... Não sei se com o Paulo Roberto estaríamos assim.

**7 - Você acha que o Paulo Roberto foi o melhor técnico da história do São Bento?**

**R:** Pode ser. Veja bem, ele teve muitos acessos, né? Eu fui muito feliz, né? Mas acabou que ele foi demitido depois do jogo São Bento 0 x 1 Londrina. E aí o Márcio foi no vestiário, brigou com ele e demitiu, né. E depois que ele saiu ele não deu certo em mais nenhum lugar, né. Mas o São Bento é patrimônio de Sorocaba.

**8 – Como explica sua paixão pelo São Bento?**

**R:** Olha, é inexplicável. Essa paixão supera tudo.

**9 – Você é da época do time amador do São Bento?**

**R:** Eu peguei a época dos aspirantes do São Bento, né. Muitos jogadores aspirantes viraram profissionais, Marinho Péres, Luis Pereira, entre outros. Hoje mudou. Qual jogador que joga aqui é de Sorocaba? Só o Doriva. O resto é tudo de fora. Hoje é tudo baseado no dinheiro... Certa vez, tinha um tal de Picolé, que fez uma temporada espetacular em 62 e o Palmeiras queria contratar ele e ele disse: “não, estou bem em Sorocaba e não tenho interesse no momento”. Viu, hoje, quem faria uma coisa dessas, meu deus? Se o tive vier contratar o cara vai na hora, correndo. É que hoje, veja bem, o time não é proprietário do jogador, né? Então os empresários fazem o que quer.

**10 – Além do Bar, teve algum momento de sua vida que o amor pelo São Bento transpareceu e ajudou/atrapalhou sua vida?**

**R:** Na verdade eu montei bar para ter um museu do São Bento, né. Da mesma forma que tem do Corinthians, do Palmeiras. Mas nada me atrapalhou, não. Aqui já vieram vários jornalistas, então esse bar ele já é famoso, né. Até pelo amor que eu tenho, as pessoas reconhecem.

**11 - Tem alguma história do São Bento que possa contar?**

**R:** Teve um jogo do São Bento, contra o Corinthians no Humberto Reale, nos anos 90, 80. Tinha dois jogadores, Edu e Eduardo. O jogo terminou zero a zero, o Corinthians foi embora e depois na Castelo esses jogadores se envolveram em um acidente e morreram. Outro fato que me lembro, São Bento 1 x 0 Corinthians. Gol de pênalti de Bozó. O técnico do São Bento era o Filpo Nuñes. Dois dias do jogo, o Corinthians veio aqui e levou ele para treinar o Corinthians. Essas histórias são marcantes.

**12 – E alguma história sua, você tem alguma?**

**R:** Uma vez o São Bento ganhou um jogo e subiu de divisão e eu estava no estádio, aí o repórter me entrevistou. Eu estava chorando, né e ele me perguntou qual a razão da minha emoção. Aí eu respondi que não interessava a divisão, a competição e nada, o meu amor é o São Bento, eu amo o São Bento. Olha, eu sou casado a 42 anos, tenho quatro filhos, mas se eu tiver que escolher entre o São Bento e minha esposa, eu fico com o São Bento. Isso já deu uma confusão... Porque eu falei isso na TV. Mas é isso, não tem ninguém que ame mais o São Bento que eu.

**13 – Quando o São Bento quase fechou as portas, como ficou o seu coração?**

**R:** Me doeu muito. Meu coração estava muito machucado. Se o São Bento acabasse, eu acabaria junto com ele, viu?

**14 – E depois de quase acabar em 2011, você imaginava chegar a Série B em 2017?**

**R:** Não, eu não imaginava. Mas hoje na Série B, tem times tradicionais, que jogam com o São Bento. Ponte Preta, Guarani, então é difícil de explicar. É inexplicável, meu deus do céu. Quando eu vou em jogo, eu não consigo gritar, eu fico quietinho. Mas eu digo, em cada derrota meu amor aumenta e em cada vitória meu coração dispara.

**15 - Qual foi o momento mais triste que o Sr. passou com o São Bento?**

**R:** Eu não sei exatamente a data, mas foi quando o São Bento caiu para a Série A-3. Ele ia cair para a Série A-4, mas teve um time que não cumpria as exigências e o São Bento permaneceu. Se caísse seria a falência do time, né? Então, eu fiquei bem triste.

**16 – E qual foi a maior alegria?**

**R:** Ah, são várias. Por exemplo. No Paulistão do ano passado, o São Bento ganhou dos três grandes, né? E esse ano, ele chegou a 11 partidas, perdeu oito, empatou duas e ganhou uma, foi um terror. Então são pequenos detalhes. **[Então sua maior alegria foi o São Bento ter ganhado dos três grandes?]** É uma delas... Teve o acesso em 62 também, quando eu era jovem. Teve um jogo também, contra a Catanduvense, que foi muito bom. O São Bento estava perdendo e precisava ganhar e conseguiu.

## **Anexo IV – Entrevista com Caio Vinícius Filoso Rossini, repórter do Jornal Cruzeiro Do Sul**

### **1 - Qual seu nome completo e sua formação?**

**R:** Caio Vinícius Filoso Rossini, sou formado em jornalismo na Universidade de Sorocaba

### **2 - Faz quanto tempo que você cobre o São Bento?**

**R:** O São Bento desde o segundo semestre de 2010, começo de 2011. Quando eu entrei na Cruzeiro eu comecei cobrindo o Atlético. Fiquei uns dois anos cobrindo o Atlético. Foi a época que o São Bento caiu para Série A-3. No ano que o São Bento caiu foi o ano que eu comecei a cobrir, porque o pessoal começou a perder o interesse. O Atlético estava crescendo e o São Bento estava mal. Aí os caras acharam que o São Bento ia acabar. Aí eu falei, “ninguém quer? Eu quero”. Daí que eu vou. Aí eu cobri o rebaixamento. **[Quase acabou, né?]** Quase! Em 2011 não tinha presidente. Teve uma reunião no Sorocaba Clube, em uma sala pequeninha, com 30 cadeiras e o pessoal batendo cabeça para saber o que eles teriam que fazer para montar uma chapa que atendesse o estatuto e manter o clube em atividade. Aí que apareceu o Fernando, o Chicho e salvaram. Nem era para o Fernando ser o presidente, era para ser o Márcio, mas precisava, porque o estatuto obrigava que a diretoria tivesse um diretor jurídico que tivesse OAB, e só tinha o Márcio. Então ele foi para diretoria jurídica e o Fernando virou presidente. Mas quase acabou. E deu certo. Tinha uma ala, que até acabou sendo impugnada, porque não atendia os critérios, mas queria parar o futebol profissional. Queriam parar, estruturar o clube e depois voltar, mas se para não volta. Aí eles acabaram sendo impugnados, pois não cumpriam algum critério técnico e sobrou para eles.

### **3 - Qual a importância do clube para a mídia de Sorocaba?**

R: É o maior da região. Para a mídia esportiva especificamente é o maior case da região, por mais que você tenha Magnus, por mais que você tenha LSB, que jogou NBB um tempo e tal, por mais que tenha o Falcão e tal, a identidade São Bento em Sorocaba é o que motiva, é o que mexe. Aí a gente sente bastante isso, porque em qualquer lugar que eu vou me perguntam do São Bento, e na época que a gente cobria a LSB, ninguém chegava lá e perguntava da LSB, entendeu? Todo mundo quer saber do São Bento e todo mundo pelo menos conhece o São Bento. Então, é o principal case da cidade. Muito mal explorado, mas é o principal case da cidade.

#### **4 - Por que você acha, que mesmo sendo o maior case da cidade, o São Bento não consegue levar público para o estádio?**

R: Eu acho que existem vários fatores. Uma questão é o desânimo da cidade. Porque, tem coisa que a gente não consegue comprovar com número, não vamos chegar na matemática exata, “porque não, se o São Bento fizer mais campanha e botar mais Outdoor, vai fazer torcedor.” Não é assim. A gente sente que há um sentimento na cidade, de que o São Bento ainda é aquele time amador, ainda é aquele time que fica pedindo ajuda. Não tem essa ideia de time profissional. Estabilidade, recentemente até tem mais, de 2012 para cá conseguiu bastante, mas a sensação do pessoal é essa. Não é um time que atrai porque é tudo muito amador. Você vai para o estádio, você não tem aquela sensação de que “poxa, legal. Estou indo para o estádio, que legal!”. O cara não se sente valorizado, aí o espetáculo não é valorizado. Ontem, por exemplo, eu estava assistindo o jogo do Paraná, e quando o Paraná entra em campo tem fogos, o mascote está lá brincando, está na torcida, tem campanha, etc. Aqui é tudo muito pequeno, apesar das tentativas, não tem essa atração. Eu faço uma comparação com o Bragantino. Veio o *Red Bull*, que não tem ligação nenhuma com a cidade, pegou o símbolo do Bragantino e pagou por ele, e tem uma média de cinco mil pessoas. De oitocentos, subiu para cinco mil, Por que? Porque o público olhou e falou “pô, tem dinheiro, é profissional e o time é bom. Eu chego lá, tem quinhentos mil seguranças, oitocentos mil caras de apoio e o ingresso é barato.” Então, o cara sente, tem esse sentimento de que pô, agora vai. No São Bento você não tem esse sentimento. Você fala “eu vou porque vou ajudar.”. Essa questão da ajuda, ajuda você faz quando pode, se não puder, você não faz. Então não tem essa obrigação. É uma



questão meio que social, de o São Bento não conseguir passar um lado de “vem”. “Vem que vai ser *dahora*”. Tem que profissionalizar o clube inteiro. Porque a gente percebe, agora na Série B essa distancia fica ainda maior. Os outros times, eles têm um staff gigantesco. Então, por exemplo, o Botafogo de Ribeirão Preto tem mais de 30 diretores. Cada diretor em uma área especificamente, que cuida e trabalha em cada setor. Aí tem um organograma bem organizado, um departamento de comunicação com dez funcionários, não sei mais o que. Custa, mas você consegue abraçar mais. Aí você tem ações conjuntas, porque não adianta um pensar em uma ação de marketing, mas o clube não abraçar. Tem que ser algo conjunto no clube, uma ação pensada, porque o Pitaluga se mata para botar Outdoor na rua, aí o torcedor vai estádio, o time entra em campo e não cumprimenta o torcedor. Então acaba que parece que são pontuais. “Faz isso aqui, agora faz isso aqui”, e uma coisa não liga na outra. Então se precisa de uma gestão profissional, organograma, torcedores definidos, chefes e funcionários para que todos os setores do clube sejam bem cuidados. Acho que é isso que falta para a gente conseguir levar, pelo menos, um público maior. Porque hoje, o São Bento, e aí é o que eu falei da questão da sensação, porque quando ele vai para mídia, pedir público, ele vem com discurso de “porque é o clube de Sorocaba é você precisa ajudar o time de Sorocaba”. O cara não é obrigado. Só porque eu moro em Sorocaba eu sou obrigado a ir aos jogos do São Bento? Se o São Bento não oferecer nada bom, eu não tenho obrigação nenhuma de ir. Eu vou no cinema. Aí passa uma certa antipatia. “Ah, eu tenho que ajudar, que saco, estou pensando em ir no jogo, mas chega lá tem fila, pastel é sete reais, eu tomo chuva, aí o time perde”. O Botafogo, fez e está fazendo diversas reformas no estádio e ele está fazendo uma promoção de sócio torcedor que é nove e noventa. Vendeu cinco mil. Não foi só, “ó, lançamos”. Não. Eles foram para atalhos, atrás de empresas, tentaram isso, aquilo, mídia. “Ah, eu pago a diferença do preço do ingresso”, ok, mas são cinco mil pessoas dentro do estádio consumindo. Se todo mundo pegar ao menos uma água, eles já se pagaram. Então, falta um pouco dessa visão mercadológica, mas aí tem que ser completa. Não dá para um remar para cá e o outro remar para lá, todo mundo tem que fazer a mesma coisa. O Botafogo não tem nada de diferente. A cidade é do mesmo tamanho, o time o do mesmo porte, só que você tem uma empresa que terceiriza futebol, a Botafogo S.A. e os caras estão fazendo o negócio virar. Tem que parar com essa do amador, que precisa ajudar. Até

na captação do patrocínio, porque você chega na Toyota e fala “ah não, Toyota, você precisa ajudar porque é de Sorocaba”. A Toyota não sabe o que é ajuda, “o que é ajuda?” Ajuda eu faço um programa social, eu dou para o menino que está sem escola, não para time de futebol. Então falta um pouco de profissionalismo nisso tudo.

### **5 - Você sente alguma diferença de cobertura da mídia sorocabana, em relação ao São Bento e aos times grandes de São Paulo?**

R: Há uma diferença até editorial. O Mauro Nóbrega, que era presidente da rádio, ele sempre falava, que quando tinha outros de São Paulo aqui em Sorocaba, ele dizia “Cuidado, porque em São Paulo, você critica o Felipão, mas o Felipão tem quinhentos mil assessores, o Palmeiras tem oitocentos mil assessores, então ele talvez ouça, talvez ele nem sabe o que você está falando e não vai acontecer nada. Aqui não, aqui tudo repercute demais. Aqui uma palavra mal dada tá todo mundo te ouvindo, o técnico fica sabendo, aí o técnico quer tirar satisfação, porque é tudo muito perto. Então, você acaba gerando um clubismo maior. Ao mesmo tempo, a mídia de Sorocaba é extremamente boazinha, muito boazinha. Se você pegar Campinas, pegar Ribeirão Preto, pegar outros centros, os caras batem assim, com força. Batem no ar. Eles não têm rabo preso com ninguém e não tem problema nenhum. Tem muita gente que não consegue trabalhar em Campinas por isso, porque a pressão é sempre muito grande. Aqui não. Aqui é todo mundo passivo. Então aqui tem essa linha editorial, de “calma, não bate”. Aí a gente faz crítica e a torcida briga com a gente, “não, vocês estão gorando, vocês estão torcendo contra, criando um clima que não vai ajudar”. Então, é geral, não é só da mídia. Mas de uma forma geral, aqui é muito mais pacífico, muito mal pacífico.

### **6 - Isso, de certa forma, você acha que repercute mal, que não ajuda?**

R: Eu acho que atrapalha. Eu acho que se você tem uma visão crítica, é que muita gente não sabe lidar com críticas, mas você tem de receber críticas, não é que alguém está torcendo contra mim, sabe? Se eu virar e falar que o São Bento está jogando mal..., me reclamaram, porque na sétima rodada do campeonato paulista, vocês estavam falando que o São Bento poderia cair e aí vocês estão chamando o azar.

Não, gente, o time ainda não ganhou, o time está na zona de rebaixamento, vai cair... Quando a gente fala que vai cair, não é que eu estou torcendo para cair. É tipo, façam alguma coisa, que vai dar mer... Sempre você é o errado. “Não porque você está falando, porque você, não sei o que”, sempre você é o errado, sempre. Aí acaba criando esse clima passivo, que vai no que eu disse da ajuda. “Porque vocês não estão ajudando o São Bento”, tá, mais calma aí, qual a obrigação da mídia em ajudar o clube? Nenhuma. Não temos obrigação nenhuma em ajudar, nenhuma obrigação de defender o clube. A gente vai torcer, mas não temos obrigação nenhuma. Tem que falar o que está acontecendo. Isso desagradava a gente, desagradava a torcida também. Você tem um time na lanterna, já rebaixado que o maior protesto tinha 12 pessoas. Então, que pressão tem? O que 12 pessoas vão fazer o Alessandro correr? Aí acontece o que aconteceu. “Ah, se tivesse pressão poderia não ter caído?” Poderia ter caído do mesmo jeito, mas pelo menos, e aí vem a sensação da cidade. Se você tem pressão, se você tem cobrança, se você tem protesto, isso volta para o clube? Não, isso mostra que tem muita gente interessada no time. Isso leva a empresa a olhar, e pensar, “nossa, um mercado interessante, porque o time mal, leva 500 pessoas para protestar, esse time bom tem um potencial gigantesco”. Também vai nessa, de ninguém ligar muito, está lá, bonitinho, se der tempo eu vou, se não der tempo eu vejo pela TV. Aí fica esse clima meio distante.

### **7 - Você acredita que a cobertura da mídia sempre foi assim, boazinha?**

R: Não, sempre foi bem crítica. Na época da Lande Produções, que era a época do Luis Augusto, era bem crítica. Deu certo uma época, deixou de dar certo em outra, enfim, era uma cobertura. É que o São Bento passou por alguns momentos, a década de 90 que foi horrorosa e esse quase fechamento em 2011. Que aí há uma união de força, para que o São Bento não feche, e aí o São Bento vira esse coitadinho. “Olha, se a imprensa não me ajudar, se a torcida não ajudar, o São Bento vai fechar”. Eu acho que hoje, o São Bento não corre o risco de fechar, mas me assusta ainda o fato de o São Bento não ter uma vida política. Eu já falei isso para várias pessoas, não tenho nada contra o Márcio, está fazendo o trabalho dele. Não é que eu acho que ele deve ser derrubado, mas precisa de uma oposição, precisa de alguém que cutuque. Porque a gente já ouviu várias vezes, o Márcio mesmo falar, que “se eu não assumir,

ninguém pega. Se eu largar ninguém pega!”. Calma gente, não pode ser assim. O São Bento precisa ser de mais gente. O cara tem que sentir, que se ele não fizer, vai ter alguém que vai lá e faz, sabe? Porque se não fica nessa do comodismo. “Ah, porque vocês tão reclamando, mas eu sofro, porque eu sou abnegado e se eu largar ninguém pega” Não você está aí porque você quer, se você não quiser, tem quem queira. Mas, por isso que falta essa vida política também. E aí tudo isso gira em torno também dessa essa mídia, que acaba sendo mais boazinha, porque se você falar mal do Fernando, o Fernando vai largar e o São Bento vai ficar sem ninguém e vai acabar de novo.

**8 - Qual o papel da mídia, mesmo com outros esportes, cobrindo o São Bento? Você acha que por ser futebol, o São Bento se destaca?**

R: Eu acho que é um pouquinho de cada, um pouquinho por ser futebol, a principal paixão e um pouquinho por ser o São Bento, o principal time da cidade. Porque o Atlético Sorocaba também era futebol e não levava mais público. Então eu acho que é um pouquinho de cada. Um pouco dessa tradição e um pouquinho também por ser o esporte preferido. **[Quando tinha os dois, o São Bento se sobressaia do mesmo jeito?]** Bastante! No Atlético, quando o Atlético tinha um público de dois mil e quinhentas pessoas, a gente considerava um público muito bom. Para o São Bento um público muito bom era com cinco, seis mil pessoas. Com o estádio mais cheio, porque a média do Atlético, sem falar na época que estava acabando, mas na época que estaca bem na Série A-2, que disputava título, era de oitocentas, setecentas pessoas. Enquanto isso, mesmo o São Bento zoad, morrendo na Série A-3, montando um time de várzea, dava mil, mil e duzentas pessoas. Então, o São Bento mesmo mal, era melhor que o Atlético bem cuidado. **[E a mídia também sentia isso?]** Também sentia isso. A gente aqui na Cruzeiro, a gente tentava dar um tratamento igual para os dois. Mas era difícil, porque o Atlético era muito fechado. O São Bento era escancaradíssimo, se você quisesse treinar junto com o atleta você treinava e o Atlético era extremamente fechado. Então para você conseguir qualquer informação era um parto. Então é, tinha também essa diferença pela característica dos próprios clubes.

## **9 - Você faria alguma mudança na cobertura da mídia sorocabana em relação ao São Bento?**

R: Eu acho que falta quantidade. Se você for ver, friamente quem cobre mesmo, somos nós, A Globo, com o Sportv e o jornal Cruzeiro do Sul. Então você tem uma TV, um site, uma rádio e um jornal. Um em cada setor. Então falta essa competição, essa competitividade. Ter mais rádios, ter quatro, cinco rádios. Não só de ir lá e fazer jogo, é de cobrir o dia-a-dia, estar lá no treino, estar lá entrevistando, encher o saco, pedir informação o tempo todo. Falta, por exemplo, como tem em outros lugares, um Club Band, estar lá no dia-a-dia. Falta portal, então eu acho que falta quantidade. Não é qualidade, qualidade até que é boa, mas falta gente. Porque acaba virando uma briga besta, porque, por exemplo, hoje o São Bento ele fecha muito os treinos. Para a TV, não interessa, fala do São Bento duas vezes por semana, o site sente um pouquinho mais, porque precisa de atualização diária, no jornal o dia que não tiver, ele vai falar do São Paulo, do Corinthians, do Palmeiras, então não vai se sentir falta. Então, fechar treino afeta principalmente a gente, que tem um material diário. Aí quando o São Bento começa a fechar treino, eu comecei a brigar e perguntar o que estava acontecendo. Quando eram todos os treinos abertos, eu era o único que estava todos os dias. “Ah, mas você pode pegar hoje para semana inteira”, mas amanhã o cara pode machucar, então você tem que estar lá. Até que os caras vejam que você está lá e te respeitem. Então quando eles começaram a fechar eu comecei a brigar e, de repente, chegaram e me falaram, “você está sozinho, cuidado que é você contra uma instituição”. Eu falava para o pessoal, “vamos lá, vamos brigar, vamos nos unir”, mas nada. O Douglas virava para gente e falava, “viu, qualquer coisa faz uma matéria fria, usa a criatividade em pauta, não faz falta treino para gente”. Aí fica nessa. Faz o que quiser, a gente é obrigado a aceitar, porque não há movimento. Como teve uma vez, por exemplo, em Piracicaba. Uma vez que o Roque Júnior destratou um repórter de uma rádio e toda a imprensa saiu da coletiva. Aí depois do jogo eles falaram, “Roque, a gente não gosta, não temos nada contra você, mas a gente acha que você está fazendo um péssimo trabalho e agora você vai dar entrevista para as moscas”. E saiu todo mundo da sala de imprensa, ninguém falou com o técnico e no dia seguinte ele foi mandado embora. Aqui a gente não tem isso. Porque falta, não só união, mas como falta gente, gente para se unir. Porque se resolvêssemos nos unir, teriam mais

cinco rádios falando “beleza, estamos juntos”, são cinco rádios falando a mesma coisa. Se ninguém mais fazer nada, fica largado, do jeito que está.

**10 - Tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de falar, de ressaltar?**

R: É isso cara, o São Bento tem um baita potencial, que não é aproveitado. Dá uma tristeza considerável, do que poderia ser e do que não é. Eu também acho que é um processo, não podemos atropelar etapas. Eu torço para que o São Bento se mantenha no cenário nacional, para quem sabe daqui a 10 anos a gente olhe e fale “pô, legal o time se estruturou”. Mas a tendência, se continuar como está não é legal não. Se continuar sem profissionalismo, nada contra, mas se continuar com um advogado contratando jogador, não vai dar certo. Precisamos de um cara profissional, um cara safo, que veja que o Éder Luís não dá. Isso é simples cara. Tem que pegar o celular e ver onde ele jogou, se ele jogou no Vila, tem que ligar e perguntar “Vila, e aí? Posso contratar?” Só que você tem que ter amizade, porque se você não tiver amizade, eles falam para você levar e você descobre que é uma bomba. Isso você constrói, tem que ser alguém profissional no futebol.

**11 - Você já passou algum perrengue?**

R: Já! Fomos para Maceió, cobrir o jogo contra o CSA, pela semifinal da Série C. Aí pegamos o avião, o equipamento, porque, nessas eles não contratavam alguém que fazia a montagem, então era eu, de graça. Chegamos lá, comecei a desmontar as malas para montar e tem um aparelho que a gente usa que chama Codec, que é o que faz a ligação entre o estádio e a rádio para transmitir o som. Aí comecei a procurar, “cadê o codec?” Não tem codec. Chamei o Nilson e pedi para ele ver se eu não estava louco. Aí ele disse que não tinha codec. Sem codec não dá para falar, só por telefone. Aí ele me disse para ir montando, que ele ia achar alguém em Maceió que tivesse o equipamento para emprestar. E deu certo. Ele achou um cara que alugou o equipamento para a gente, cobrou trezentos reais. O cara estava na praia, ele saiu da praia, levou para a gente e conseguimos fazer o jogo. Se não desse certo, a gente

teria saído de Sorocaba, ido para Maceió e não teria feito o jogo, pela falta de um equipamento.

## Anexo V – Entrevista com Candinho Barros, ex-jogador do São Bento

### 1 – Você começou a carreira no São Bento?

R: Não, eu comecei no São Paulo. Fiquei um ano no São Paulo e depois vim embora para Sorocaba, jogar salão. Aí fui para o São Bento. Assinei contrato de gaveta na época e fui embora para a Ponte Preta, só que fiquei apenas três meses. O Cilinho me adorava. Eu ia fazer estágio de um ano e ia ficar com o Cilinho lá, porque eu tinha assinado com o São Bento, mas aí o Cilinho caiu do time profissional e aí eu voltei. Quando voltei eu assinei pelo profissional do São Bento. **[Se não você teria começado a carreira profissional na Ponte?]** Sim. Naquele timão da Ponte, que jogaram até 77 juntos. Em 75 foi quando eu estava lá com eles. Eu era moleque, treinava nos juvenis e morava com os profissionais. Fiz amizade com todo mundo da época. Aí assinei o contrato de profissional com o São Bento em 75 e fiquei até 84. Daqui eu fui para Uberlândia. Lá foi lindo demais. O time que tinha, o campeonato mineiro era muito bom, sabe? Fomos jogar contra Cruzeiro, Atlético e o nosso time era praticamente a terceira força do campeonato. Só não fomos campeões por detalhes. Nosso supervisor, nós ficamos 15 dias em Belo Horizonte, e ele prendeu todo mundo no hotel. Não podia fazer nada. Então a gente ia, treinava, comia, deitava e não podia fazer mais nada. Quando chegou para fazer os jogos lá, estava todo mundo pesado. Naquela época os caras faziam bagunça mesmo, mas quando entrava em campo resolvia. **[Foi o melhor time que você jogou?]** Não... Aqui no São Bento foi bom também. No Rio Preto, joguei divisão intermediária com o Rio Preto. Tinha o Ronaldão, que jogou no São Paulo, Vílson Taddei, nossa... era um time fera mesmo, sensacional. Nosso time era time grande da intermediária, então, tinha, vamos supor igual hoje, tem segunda e primeira divisão, o nosso time era fera na segunda. E só não subiu por detalhe, porque chegou na hora e trocou o treinador, na semifinal e mudou tudo. Aí, tinha um tal de Cação, era um craque e quando chegou na semifinal eles queriam vender o Cação e me sacaram. Aí eu fui para o banco e colocaram o Cação para vender ele. Aí começamos a levar pau. Quando eu voltei, conseguimos engrenar de novo, mas não deu. Perdemos para o Ituano aqui. Empatou com o Ituano aqui e saímos fora, se ganha a gente subia. **[Eram pontos corridos?]** Era. Aí classificava quatro e fazia a semifinal, mas ficamos em quinto. **[E foi a melhor fase**



**da sua carreira?]** Não... Eu tive fases boas aqui no São Bento. Eu tinha sido vendido para a Inter de Milão, mas não fui. Eu tinha feito os exames, estava fazendo a despedida e o empresário ligou dizendo que tinham cancelado. É que foi um monte de gente brigar com o Juan Figguer que era o empresário, que queriam ganhar dinheiro em cima de mim, aí ele cancelou. Aí depois apareceu o Inter de Porto Alegre, que na inauguração da iluminação aqui, eu que fiz nosso gol, arrebentei com o jogo. Acabou a partida e fizeram até coquetel para mim. Já estava tudo pronto para eu ir, por 75 milhões na época. Já estava tudo certo, feito as malas e tudo, aí o São Bento aumentou para 150 milhões. O Inter chegou em 120, mas o São Bento não vendeu. Isso aí foi em 82. **[Você fica chateado com essas coisas?]** Ah, fico... Eu só ia terminar de fazer o exame médico, minha noiva ia ver se gostava do apartamento e do carro que iam dar, vinha para cá fazer o casamento, Padre Mauro que ia fazer, na Monsenhor. Ia só casar e ir para lá. Trouxe minha namorada até para ver apartamento. Era o Patacão que estava vendo uma casa para gente, no Vergueiro, um carro zero, Opala e sobrava mais quinhentos mil, mas não deu certo. Todo mundo queria ganhar dinheiro. Depois que eu tinha parado, o secretário, Newlton Bello, contou para mim que todas as equipes do futebol brasileiro queriam me levar embora, todas. Era Corinthians, era Santos. Só que a gente não sabia de nada. Ganhava pouquinho, só para sobreviver e comprar umas roupinhas, mas se fosse para time grande... Se fosse hoje, nossa senhora... Falar hoje, vinte mil, dez mil já é um dinheirão cara. Mas o futebol mudou muito. Antigamente, você pegava as equipes por aí e era só time bom cara, só timão mesmo e campo ruim. Hoje inverteu, né? Mas tudo tem sua época, né...

## **2 - Você parou de jogar com quantos anos?**

**R:** Eu tinha 32 anos. Eu machuquei e não podia mais treinar. Eu estava com esporão. Na época tomei infiltração, tomei tudo. Fiquei oito meses fazendo fisioterapia em São José do Rio Preto e as equipes tudo atrás de mim, querendo me levar embora. Um time de Tupã, me levou um pacote de dinheiro lá. Aí fui para Tupã, levei o dinheiro de volta e disse que estava machucado. Tinham uns dois times de Goiás também, mas parei. Depois vim embora, em 92 surgiu o Atlético Sorocaba, aí eu comecei usar uma espuminha e sarou. **[Então você foi jogar?]** Não... Aí estava tudo certo para ex-

jogadores do São Bento montar o Atlético, só que teve uns besta aqui na cidade que não quiseram. Aí eu parei. Eu sinto, as vezes eu até sonho, de estar jogando no profissional. **[Tem muita saudade?]** Demais! Não sai da cabeça. Eu jogo ainda. Jogo um campeonato de sessentão lá em Barueri. Todo sábado de manhã eu estou lá. O jogo começa 15 para as oito da manhã. Saio daqui cedinho. As vezes também tem campeonato no Vale da Ribeira, ou na Baixada, jogo de manhã em Barueri e desço a tarde para jogar lá. Porque na Ilha Comprida temos um time lá, né e geralmente jogamos campeonatos com ele. O jogo é pegado, são 16 equipes, mas é gostoso. Se eu não faço isso, de repente eu fico doente. Eu ia parar de jogar, porque começou a doer a minha coluna. O Edu é muito meu amigo, que jogou no Santos. Aí eu coloquei até no Face a minha chuteira pendurada e falei “parei”. Aí ele entrou em contato comigo e me disse para eu não parar, senão eu ia ficar doente. Aí continuei jogando, com a dor mesmo e operei a coluna e estou zero. Operei a coluna e o joelho. Em 79 eu operei o menisco. Ele abriu, calcificou, deu problema e lesionou o meu ligamento cruzado, então tem que estar sempre de olho. Eu operei num centro espírita, nunca mais senti dor.

### **3 - Teve algum gol marcante?**

R: Contra o Inter de Porto Alegre aqui, na inauguração. Foi uns dos mais importantes, sabe? **[Foi um dos jogos mais importantes também?]** Foi, foi, porque dali surgiu uma oportunidade para eu ir embora para a Europa. Então ficou uma coisa marcante. **[Esse jogo foi pelo Brasileiro?]** Não, foi amistoso. O Inter ia jogar contra o Palmeiras em São Paulo e vieram para Sorocaba para fazer a inauguração do refletor no CIC.

### **4 - Você jogou no CIC e no Humberto Reale, qual dos dois era melhor?**

R: Ah, o Humberto Reale. Ali a torcida era mais forte. Nossa, ali era gostoso. O CIC é muito longe, né...

### **5 - Como você se sente sendo tão querido pelos torcedores do São Bento?**

**R:** Sensacional! Onde a gente vai, a gente é conhecido, tanto aqui em Sorocaba como fora. Em São José do Rio Preto também, eu chego e fazem festa para mim e é gratificante. O que eu tenho de amigos, é muito bom.

#### **6 – Tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de falar?**

**R:** Uma das melhores fases da minha vida eu quebrei a Tíbia e Perônio, contra o Guarani de Campinas. Pelo São Bento, aqui em Sorocaba. Eu fui dar uma porrada no cara e pegou aqui dele... Aí quebrei a Tibia e o Perônio. Eu dei uma caneta nele, ele veio e me deu um murro, mas o juiz mandou seguir. Levantei correndo, fui atrás e dei, mas quando bati nele a perna foi. Mas também, com quatro meses eu já corria. Corria de gesso. Minha vontade era tão grande que corria de gesso. Ele esfarelava tudo, mas eu corria. Depois voltei bem. Quebrei em 80. Porque em 79, o Carlinhos quebrou a perna em Limeira e em 80, no mesmo dia, eu também quebrei. Mistério, cara. Primeiro ele, depois de repente eu, na mesma época o Joãozinho que jogou no Cruzeiro também quebrou, Batista que jogou na Seleção Brasileira. Então a gente tinha o contato de todo mundo aí que se machucou, porque a gente dava força um para o outro. Eu estava com 22, 23 anos.

#### **7 - Você se arrepende de alguma coisa?**

**R:** Eu me arrependo. Eu gostava de viver aquele momento, sabe? Eu não pensava, eu gostava de balada, de namorar, nossa..., mas não me arrependo disso não. Eu me arrependo de conhecer algumas pessoas na minha vida que não era para eu ter conhecido. Pessoas que só me atrapalharam. Hoje, do jeito que o pessoal ganha, a gente teria uma outra cabeça. Hoje seria uma coisa totalmente diferente. Eu já ia pensar mais antes de fazer as coisas.

#### **8 – Hoje a diretoria do São Bento te trata bem?**

**R:** Tratamento sim. Só que eu acho que eles deveriam de ouvir mais a gente. Porque eu fico em Sorocaba, então, a gente quer ajudar o São Bento. Eu acho que para ser diretor precisa ser um pouco mais profissional. A gente poderia ajudar muito o São

Bento. O trabalho de marketing. O São Bento não tem nada, pô. Fizeram um coquetel há uns anos atrás, na outra diretoria, excelente. Porque não dá continuidade? Hoje o São Bento não é de Sorocaba. Você vai ver coletiva e não pode porque é fechado. Antigamente enchia de gente no CIC para ver coletiva. O povão ia, o povão era São Bento. Hoje não é mais. Só que antigamente meus vizinhos iam a jogo, meus amigos, colegas, mas hoje não... Não tem ninguém de Sorocaba jogando. Só o Doriva que foi meu aluno. Então tinha que fazer um projeto aqui do São Bento de Sorocaba. Tem uns moleques bons aqui. Os pais vêm conversam com a gente e eu levo. Coloco no Santos, no Palmeiras, eu faço isso também. E porque não fazer e colocar aqui no São Bento? Eles tinham que valorizar, tocar a base. Tinham que fazer isso. Tem o Martinelli que era do Ituano e hoje foi para o Arsenal. Se ele viesse para o São Bento, ele ia jogar? Eu fui ver o treino do time e tem uns moleques que já servem para o profissional. Não tem que pegar gente do São Paulo, do Corinthians, aí vende e cadê o dinheiro? Você vende um moleque desse hoje e ganha uma bolada. Mas o esporte aqui é fraco...

## **Anexo VI – Entrevista com Fernando Martins da Costa Neto, ex-presidente do São Bento**

### **1 - Como avalia seu mandato como Presidente do São Bento?**

**R:** No meu tempo deu tudo certo, aconteceu tudo de melhor que aconteceu, porque quando você faz qualquer tipo de esporte tem que haver uma sincronização de todos. Você não consegue atingir o objetivo com uma diferença, então no meu caso a imprensa inteira nunca reclamou dos problemas. Grandes problemas trabalhistas e a imprensa nunca comentou. A polícia ajudou bastante também e apareceu que eu falo os mentores do São Bento, que trabalharam comigo, mas sem aparecer. Se pega, não sei muito bem, o senhor Ailton Sewaybricker sempre trabalhou nos bastidores, sem ganhar nada em troca. O São Bento tinha ônibus de graça, porque ele é amigo lá do Marco, da empresa São João e foi ele que conseguiu isso aí. Temos o Laor Rodrigues, que se hoje que hoje nós colocamos o nome dele de homenagem no CT Laor Rodrigues, temos um restaurante, um refeitório muito bem-feitinho muito bonito, que ficou para os jogadores, alguns alojamentos tudo partiu do Laor Rodrigues. Na época fizemos uma rifa de um carro e ele mesmo vendeu todos os números, ele fez tudo fez tudo e junto com associação Vamos Subir Bento, que também deu um suporte muito grande na época para São Bento. Para assim acontecer essas coisas boas que aconteceram. E tem as irmãs Ramalho, que estão há muitos anos, não é assim que apareceu agora. Tem uma vida inteira no São Bento. É uma família dedicada. Eu cheguei no São Bento em 2011, no dia 11/11/2011, então tinha tudo para dar certo. Um dia especial. Estava muito difícil, sempre falo que todos os presidentes, todos sem exceção, quiseram o melhor para o São Bento, todos trabalharam para fazer o melhor. E alguns não tiveram sorte, ficaram muito abandonados, porque se ele ficar sozinho, não dá para estar em todos os espaços ao mesmo tempo. Então, a maioria dos presidentes que não deram certo, que acabaram ficando no meio do caminho, mas para mim a boa vontade deles era muito grande. Eu vejo hoje, o Márcio tá aí com algumas divergências de ideias, mas ele é um apaixonado pelo São Bento. Aliás é muito torcedor, excede como torcedor e acaba ultrapassando o limite. Deixa a vida profissional, pessoal, tudo em troca do São Bento. É um negócio bonito de ver o que um cara apaixonado faz. No meu início de trabalho, o grupo que nós acabamos

montando sem se conhecer, alguns nem conhecia ainda, mas foi um trabalho assim de todos de mão dada. Só deu certo porque se uniu os jogadores que vieram aqui, os técnicos que tive, comecei com o Claudinho Anacleto depois eu tive o Edson Vieira e depois por cinco anos o Paulo Roberto. Só tem esses três. Paulo Roberto ficou cinco anos. Então, faz parte dessa história recente do São Bento, onde acabou dando tudo certo, ele tá incluso nela, porque mais do que técnico, ele virou de fato São-Bentista. Uma coisa bonita de ver, um técnico virar torcedor. Então eu não tive problema nenhum. Fernando como é que foi sua gestão? Até hoje a torcida que eu vejo, meus amigos falam “Fernando, você ficou seis anos e nunca ninguém xingou”. Então, a sorte que eu dei foi muito grande, tudo foi maravilhoso, foi se encaixando. Os acessos nossos, as vezes a gente até não tinha um time tão qualificado, mas a obsessão nossa é muito grande. A motivação que ela dava ao jogador, impressiona. Tem hora que olhavam e falavam “não é possível que o São Bento conseguiu fazer tanto assim”. É mais inspiração. O jogador se doava. Eu sempre falo, o jogador na média ele tira nota seis, se ele se apaixona pelo clube, gosta de onde ele tá, ele tira sete e meio a oito. É o que faz o sucesso. O sucesso ele precisa dar um pouco mais, ele precisa fazer aquilo por alguém. Então, quando ele está disposto a trabalhar pela diretoria, pela comissão técnica, ele se supera. Então eu tive tudo essas vantagens maravilhosas. O presidente, ele precisa saber delegar poderes e unir o grupo. O período que ele fica como presidente, é de manter a união do grupo. Você não pode dispersar. Todas as pessoas que estão dentro do grupo, são importantes de alguma maneira. Você perdeu um, vai faltar, vai sumir uniforme, vai faltar bola, vai. Todos que trabalham junto são muito importantes. O que cada um faz, o que cada um fez, quer dizer. Eu nomeei uns mentores meus, nesse período tinha um torcedor do São Bento fanático que era, que ajudou muito o São Bento financeiramente, foi o Zezo Lanaro. Nós fizemos um diploma para ele, que ele mesmo se intitulava como o príncipe do São Bento. Então, nós oficializamos esse título para ele, que ele era o príncipe do São Bento. Isso tudo é muito gostoso, é só alegria isso daí. Nós tivemos, de mentor, que sempre trabalharam nos bastidores, o Ailton Sewaybricker, o Laor Rodrigues, o Laelso Rodrigues. O Laelso ajudava tanto, que ele fazia o Cruzeiro do Sul comprar ingresso do São Bento na minha época. O São Bento numa situação tão difícil, ele comprava ingresso para o jornal distribuir. Ajudava numa situação que era muito, mas muito importante que ele ajudasse. E o Zezo Lanaro que também sempre ajudou

financeiramente o clube. Então a gente teve esse suporte, essa base de fortalecer o São Bento e eu fui muito privilegiado. Eu tinha o médico, doutor Atiê, que trabalhava de graça. O próprio Dr Márcio, que hoje é Presidente do clube, também trabalhou muito, mas muito em prol do São Bento, nos problemas trabalhistas que o São Bento tinha. Então, todos que tiveram lá, doaram o máximo de si. Eu tive o contador, Agacyr Masiter, o Xixo. O Xixo sempre foi meu braço direito, que cuidava da parte financeira. Era uma parte financeira muito delicada, mais faltava do que sobrava e sempre que faltou ele arrumava uma maneira de ajustar e cobrir, de fazer o dinheiro, fabricar o dinheiro, para que as contas fossem pagas rigorosamente em dia. Então, isso daí foi gerando crédito para São Bento. O São Bento discute bastante o salário, mas paga rigorosamente em dia. Rigorosamente em dia, porque nós tínhamos um tesoureiro, que quando necessário bancava do dinheiro dele para cumprir as metas. Tinha outro rapaz do financeiro que ajudava a cobrir as contas, que é o Sérgio, lá do Sindicato dos Metalúrgicos e diretor nosso também. Outro apaixonado que é. Paixão pura. Nós tivemos todos esses diretores dedicados assim. Foi uma somatória assim, que “Fernando, o que precisava para ser o Presidente do São Bento?” Naquele momento o que precisava era só a presença de todos, e isso daí aconteceu. Durante seis anos, a gente se reuniu todas as segundas-feiras, na reunião da diretoria. Para a gente checar o problema, o que estava precisando fazer, para onde ir, qual o caminho a seguir. E sempre foi definido como um colegiado. Os problemas mais difíceis do São Bento eram votados e decididos pelo o que a maioria decidisse. “O que precisa fazer?” A maioria acha que é isso, ponto. Nunca foi imposto uma decisão, sempre foi decidido pelo colegiado, pelo grupo que participava. Almir também, que trabalha como um doido, até hoje. Almir Laurindo, sempre que eu fui na Federação, 90% das vezes foi lá Almir Laurindo que foi me levar. Largava do serviço, deixava do serviço e colocava o carro dele à disposição para ir trabalhar para o São Bento. E isso daí nunca teve um custo para São Bento. Nós sempre pagamos todas as despesas que tinha, do bolso mesmo. Então, isso dava força. Cada um põe um pouquinho. Nós terminávamos a reunião, nós íamos jantar. Cada um pagava o seu. Não custava nada para o São Bento. Isso foi fortalecendo o São Bento, deixando o São Bento cada dia mais forte e a gente acredita muito, que no futuro a gente será muito forte ainda. Porque a dedicação que tem das pessoas que estão dentro do São Bento é muito grande. Independente de erros ou de acertos, não existe ninguém melhor do que esse grupo

hoje que está no São Bento. Isso é dedicação pura, isso é fanatismo pelo São Bento. Então, se errar, faz parte do jogo, o jogo tem vitórias, empates e derrotas. Você pode de vez em quando empatar e pode perder, mas a dedicação não vai faltar. Exatamente a dedicação que tem pelas pessoas, de viajar longe que tem, o diretor viaja por conta dele. E vai acompanhar o time, é uma paixão louca. Isso fortalece o grupo. E a gente vem trazendo novas pessoas, que vem somando. Eu e o Xixo saímos para dar uma descansada, mas fizemos muito bem de sair, porque você deu oportunidade para gente nova, para gente com maiores dedicações. Temos o Zé Adão que substituiu no caso eu e o Dr Urban que substituiu o Xixo. As duas vagas de diretoria preenchidas. Então a gente só somou mais dois, porque a gente também faz parte do grupo, que continua aumentando e cada vez trazendo mais gente para trabalhar em prol do São Bento. Hoje a gente vê na cidade, eu tenho um reconhecimento assim, uma unanimidade da cidade de pessoas que me abraçam, que me elogiam. **[Isso faz você querer voltar um dia?]** Voltar, não. Mas não abandonar nunca. Então, vai se passar anos, independente da gente tá na linha de frente ou não. Hoje eu estou no grupo de mentor também. Tem muita gente no grupo de mentor, não tão forte assim as decisões, mas participando, dando conselho, ajudando dentro do possível sempre. O que não pode é sair magoado, ter mágoa, porque quem perde é o São Bento. Então por mais que eu não concorde com algumas coisas, eu não vou deixar de gostar do São Bento. Que amanhã a gente vê nossos diretores, que vão rejuvenescer e gente não acompanhe as ideias. Mas a gente não pode deixar o objetivo e o objetivo é sempre o São Bento forte. E depois desses anos todos, que o São Bento ficou no esquecimento, você tem de ser lembrado como o São Bento de Sorocaba. O mais importante é que a cidade abrace o São Bento, que ele seja da cidade inteira. Assim, nunca São Bento vai cair, porque ele não é de ninguém, é de todos. Então, ninguém pode se intitular dono do São Bento, o São Bento é da cidade e é isso que vai engrandecer cada vez mais. É preciso que a nossa política da cidade nunca misture nada, com o dirigente do São Bento, com o São Bento. São Bento é patrimônio da cidade, então não pode misturar nada. A imprensa de Sorocaba é uma imprensa muito sadia, reparte bem. O objetivo da imprensa nossa, tanto escrita, como falada, ela pensa única e exclusivamente no São Bento. Isso vai deixando todos os políticos de Sorocaba, se você pegar todos os vereadores hoje, todos eles apoiam o São Bento.



## **2- Qual era a expectativa quando você sentou na cadeira de presidente do São Bento?**

**R:** Eu sempre sou um sonhador, né? E sempre sonho que eu acredito que eu venço. De alguma maneira a gente vai fazer acontecer. “Existe não sei quantos processos trabalhistas, não sei quantos, mas a gente vai dar um jeito nisso”. A gente vai passar e o São Bento vai subir. Então eu tenho isso junto comigo na vida, que eu acredito que eu consigo resolver. Mas quando cheguei no São Bento, eu fui na Secretaria que ficava embaixo do estádio. Aí eu cheguei lá, deram a chave para eu abrir a porta, e nossa, de oito lâmpadas, acendia uma. Os pisos, os tacos estavam tudo soltando. Nós não temos telefone, tinham sido cortados os telefones, não tinha computador. Nós tínhamos um funcionário, que até hoje é funcionário lá, que é o Coutinho. Quando eu cheguei lá eu pensei “como é que faz para trabalhar aqui?” Não tem condições. Dei umas férias para ele para eu arrumar o espaço. Aí mandei assentar o piso, pintei as paredes e tinha uma prateleira de troféus, troféus antigos, tudo com teia de aranha, que não eram uma prateleira, eram tábuas de andaime. Arranquei tudo aquelas tábuas, pintei a sala, arrumando os tacos, dei um jeito nas lâmpadas, comprei telefone novo, comprei um computador. Aí quando o Coutinho voltou a trabalhar, “Nossa, tá mudando o São Bento”. A situação era essa. Muitos sócios, ou os torcedores do São Bento, quando chegavam na secretaria, pensavam que era o fim, né? É a primeira vista que fica, então, pelo menos a sala ficou bonita, chique, bonito. Mandei tirar tudo o que estava muito velho. Então foi o início de toda a renovação do São Bento. Na época a gente não tinha nem uniforme para jogar, tinha que mandar fazer uniforme. Tiveram várias vezes que o uniforme nosso chegou no dia, na hora do jogo. Mas vai jogar agora a tarde, de manhã estávamos desesperados atrás de uniforme para jogar. Mas tudo dava certo. Vai jogar as quatro horas, quando era duas horas chegava o uniforme. Vai jogar com uniforme branco, com azul. Então foram uns acontecimentos assim, de grandeza que fica para a história. Quantas vezes deu no fio da navalha. Detalhes tão pequenos assim que acabaram acontecendo. Eu mesmo fui crescendo na minha vaidade dentro do clube, de conseguimos objetivo unidos, juntos. “Nós vamos subir esse ano, vamos subir”. Chegava no fim do campeonato e subia de fato. Essas coisas fortalecia a gente. As vezes quando você ficava na dúvida, tinha sempre dois, três diretores, que “não, a gente perdi, mas vai virar”. Essas coisas foram uma

somatória da gente nunca acreditar que pudesse não subir. Acreditava que ia subir do começo ao fim. Tiveram momentos maravilhosos de viver, tantos acessos que nossa.

### **3 - De tantos momentos maravilhosos, qual você acha que foi o melhor de se viver?**

**R:** O que dá prazer em tudo, é a taça. A taça que faz, eu digo sempre, para você ser bom, tem que ter a taça, senão você não ganhou. O acesso da A-3 a gente foi campeão e campeão é diferente. Ela tem uma festa que é uma loucura. A gente tinha um lema, ninguém perde sozinho, se perdeu, perdeu todo mundo. Então, vamos trabalhar de novo, conversar para poder ganhar de novo. Então o São Bento viveu esse estágio de vida, sempre se unindo. Independente na alegria ou na tristeza, foi sempre junto. Em alguns momentos era muito fácil culpar o técnico, mas não é o que resolve, porque ele não ganha sozinho. A diretoria é a principal responsável pelo bom andamento do clube, do time vem de cima não unida, não junto, pode ter certeza que hora que chegar lá embaixo, no vestiário as informações saem distorcidas, tanto para o bem, quanto para o mal. Se você tiver um grupo bem, que paga em dia, fechado, que faz a melhor alimentação, isso eu obrigava constantemente, que nossa alimentação tinha que ser boa. A gente tinha que ter alguma qualidade de algumas coisas. Então o nosso alimento lá, era à vontade. O jogador quisesse comer um bife comia um, o que quisesse comer três comia três. Suco de laranja, que são apaixonados por suco de laranja, deixávamos lá, quem quiser tomar um, toma um, quem quiser cinco, toma cinco. Isso aí o jogador novo ligava para vim no São Bento, e perguntava, “E o São Bento como é que é?” “Ah, a melhor comida do Brasil tem aqui, não tem miséria”. “Aqui os caras tão bem, o pagamento é certinho, também receber no dia certo e na hora combinada faz toda a diferença”. Muitos jogadores acabaram vindo, até ganhando menos. Por saber da idoneidade e o respeito que tinha com o jogador. E a gente se envolvia sempre com a família do jogador, as crianças, a esposa, justamente para deixar muito mais à vontade, seguro. Então, são essas coisas. Se você falar, ‘Fernando, quais foram os momentos tristes?’ Eu não consigo lembrar de nenhum, graças a Deus.

### **4 - Mas teve algum momento que o Senhor tem dúvida de alguma coisa?**

**R:** Olha, não. Nunca cheguei a duvidar do sucesso. Nunca passei por um momento de achar que não ia dar certo, não. Não por mim, mas pelo grupo. Pela união do grupo, pela força que o grupo tinha. Eu tirei licença em um período lá, assumiu Dr Marcio com o Sérgio e os dois colocaram o São Bento da Série D para Série C. E eu tinha, além da saúde não me ajudar, um temor muito grande. Porque o custo era grande e o recurso do campeonato era zero e os dois malucos foram lá, superaram e o São Bento subiu de novo. Quer dizer, eu nunca deixei de participar, mas não estava eu carregando o piano, alguém carregou por mim. Então, a gente fica muito grato em saber, que eu no grupo, quando eu cansava o outro abraçava. Não tenho queixa de nenhum, assim. Ninguém deixou de colaborar. O Marcelo Batoré, que prega a paz no grupo. Se tem alguém mais estressado, tá ele lá para acalmar. Então, cada diretor de um tipo, todos importantes na hora certa, no momento certo. E a gente se reunia toda segunda-feira, decidia o que ia fazer e ia atrás do objetivo, trabalhando e transmitindo tudo para os jogadores. Nós tivemos jogadores importantes, como o Marcelo Cordeiro, que ficou comigo vários anos. Um líder do grupo. Uma pessoa muito educada, muito boa. Uma liderança do bem. Porque tem a liderança do bem e tem a liderança do mal também. Esse trouxe bons resultados para nós. Defendia tanto os jogadores, quanto a diretoria também no vestiário. Então, no lugar certo, na hora certa, isso foi muito importante para nós. E o Paulo Roberto, que nunca deixou de se esforçar o máximo, as vezes perdendo oportunidades melhores de trabalho para permanecer no São Bento. Virou uma figurinha carimbada do São Bento, faz parte do álbum. Seu Laelcio então... Quando eu estava mais apertado eu ia fazer visita para o seu Laelcio na fundação Ubaldino do Amaral. “Vamos comprar mais ingresso, mais isso, mais isso.” “Vou mandar fazer o cheque para você, aqui tá.” Resolveu mais um probleminha. Depois nós arrumamos os patrocinadores também, que nos ajudaram nas horas mais difíceis. O JC Moraes, que também colaborou muito. O José Carlos apareceu na hora certa. Tudo aconteceu na hora certa. Depois nós tivemos a Unimed, que nunca deixou São Bento, a Tempermax. A Unimed e a Tempermax vêm a muitos anos já. Na minha época teve a Ossel também, que colaborou muito. A Ossel também chegou na hora certa. Então são muitos patrocinadores que tiveram, mas a gente lembra desses que apareceram no último segundo. Agora tem a JCB agora também, que apareceu no outro momento, que as coisas eram tudo mais barato, na subida de terceira para segunda. Ainda não estava no Brasileirão. As coisas ficaram muito pesadas, a elite

do futebol está a mais um passo. Se conseguir ele vai entrar no máximo, que é o futebol brasileiro. E ele pretende, em um futuro não muito distante, atingir seu objetivo e para mim vem formando uma estrutura. Você tem que aprender a lidar com essa nova fase do São Bento no Brasileirão da Série B, para você passar para o A, você entre os melhores do mundo, entre Palmeiras, São Paulo, Flamengo, etc. Esse é o objetivo. O plano é chegar nesse objetivo. E não tá tão longe. Tem que organizar mais um pouquinho, né? É tudo muito novo para nós. A nossa infraestrutura não está madura ainda. Então tem que amadurecer no tempo certo, na hora certa para gente chegar. Mas a gente vai chegar lá. O que eu tenho é agradecer muito, aí a faixa de presidente. Foi feita uma homenagem na Câmara Municipal de Sorocaba. Eu sou apaixonado por dar nome as coisas, dei o nome da faixa de *Vitória*. Passei para o presidente a *Vitória*. Então, a gente tem tudo esse trecho a percorrer, de grandeza, de fazer homenagem, numa transição de Presidente. E como nós fizemos, na Câmara Municipal, é uma coisa muito bonita. A gente é só alegria vendo, que o São Bento estava no pedestal. Isso faz bem, isso traz bons fluídos. A diretoria inteira composta, brigando e lutando muito, para que as coisas deem certa. Às vezes o resultado não e também na vida. Às vezes é até para testar. Você não vai perder a batalha, você pode perder uma luta hoje. Então você tem que atravessar aquele momento difícil, até para valorizar depois a vitória. E essa diretoria é muito briguenta, batalhadora, então, vai vencer.

##### **5 - Antes de chegar na presidência, como foi sua vida no meio do futebol?**

**R:** Eu fui árbitro do futebol varzeano, eu fui presidente do Guarani de futebol de salão por muitos anos também. Então, eu já sabia mais ou menos como que era. No Guarani a gente teve vários títulos de campeão do Cruzeiro, um dos mais importantes aqui da cidade. Vários e vários títulos no São Bento foi trabalhando sempre nos Bastidores, sem que precisasse aparecer, sem tem que ser mostrar muito. Eu trabalhei no Montenegro, quando Montenegro foi mudou de sede lá para o cerrado, que foi construído o estádio e eu participava da diretoria. O Guarani também sempre teve bons patrocinadores. A Ossel ajudou bastante em vários títulos do cruzeirão com o Guarani. Então, eu no futebol só acabei ganhando. Apitei várias finais do varzeano e

a pessoa não lembrava. Então fui bem, porque passei despercebido. Não joguei no São Bento, mas fui presidente.

## **6 – O que você tem a dizer sobre o São Bento?**

**R:** Eu tenho só que elogiar toda a história do São Bento, todos os momentos, todas as pessoas que tiveram ao meu lado. Foram maravilhosas de se dedicar também, de deixar de ficar na casa, de tá no seu lazer, para se doar ao São Bento. Então é muito bonito. Eu fui homenageado dentro do estádio recentemente, com uma sala dentro do estádio. A sala da imprensa dentro do estádio hoje tem meu nome. Foi uma surpresa muito agradável de ter isso daí, porque eu sempre gostei de colocar nome nas coisas. E hoje a sala de imprensa tem o nome de Fernando Martins da Costa Neto. Fiquei imortal.

## **7 - Como que o São Bento chegou até seu nome, para ser o Presidente em 2011?**

**R:** O time não vinha passando uma fase muito boa e eu na época fazia parte do conselho. Depois eu acabei me desgostando do conselho porque eu era suplente e assumiu um outro cara a cadeira. Daí desisti do São Bento, larguei mão e o São Bento continuou mesmo assim. Depois, quando houve uma situação delicada e muito difícil lá no São Bento, começou a se unir uma chapa e concorrer com outra chapa. E foi procurando um nome, no qual eu não fazia parte, quem fazia parte era o Xixo. E o Xixo, falou “Ó, só vai se fulano, porque o Márcio não, que ele já era um advogado, mas também tinha que ficar no cargo um advogado com OAB também”. Então se chegou à conclusão. O Xixo é o melhor trabalhador de bastidores, ele nunca é o número um, sempre o dois, três. Ele nunca assume o primeiro cargo, ele assina no cargo de baixo, onde ele pode percorrer muito mais espaços. Na parte financeira, na parte de formar o grupo. E ele que fez a indicação. “Olha, do jeito que tá só tem nome”. A gente já tinha trabalhado muito tempo junto no Guarani. Para resolver, tem que ser o Fernando. Nesse tempo eu não conhecia o Almir, o Márcio, que estavam formando o grupo. “O Fernando, quem é Fernando?” Aí que foram me procurar. E eu falei que tinha parado com futebol. Aí por causa do meu parceiro Xixo, que na época falou que

tinha que ser eu e tudo. E na época eu tinha um amigo que já faleceu, que andava comigo para baixo e para cima, o Dodô e ele falou assim, “Fernandinho, eu até sonhei com isso, eu já sabia.” Aí vendo tanta corrente eu resolvi aceitar. Aí fomos no Sorocaba Clube, aonde o conselho que elegia, né? E a gente precisava de uns votos, porque a outra chapa, estava mais por dentro do São Bento. Nós não, nós viemos numa força externa. E ali a gente acabou ganhando por dois, três votos de conselheiro ali, para assumir. Eu lembro no dia, que foi dia 11/11, eu tive um derrame facial ainda lá. Eu comecei a entortar o rosto ainda lá, para terminar o dia de Presidente no hospital. Passei o dia no hospital ainda a noite no hospital. E depois daquilo foi só trabalhar. E com todos unidos, né? Já nasceu unido o grupo, começou no primeiro dia unido, não teve nada assim que contestar. “Tamo junto”. E o sucesso foi direto, rápido. Eu fiquei três anos e depois teve a reeleição, que foi unanimidade. Não teve outra chapa, nem nada. Pela pagada boa que vínhamos.

#### **8 - Tem alguma história de algum jogo, que você lembra com carinho?**

**R:** Hoje temos um símbolo nossa, que que é o Markinho, o Markinho tem um metro e pouquinho, é pequenininho e nós estávamos jogando em Santo André e um empate desclassificava nós. Tirava fora da competição. O time deles foi bater um lateral, e jogou a bola no próprio companheiro. Aí ela voltou para o Markinho, que pegou um chute de esquerda, ele chuta com a direita, e a bola foi no ângulo direito e ganhou o jogo. Então esse daí foi o jogo que quase entregamos os pontos. Aqui na A-3 também, contra o Sertãozinho. Saiu uma falta para nós e o tínhamos o lateral Veloso e o jogo para acabar e ele beijando a bola. Ele cobrou na cabeça do zagueiro nossa, chamado de Foguinho, a bola bateu no cocuruto dele, não sei se ele queria fazer aquilo mesmo, mas bateu daquele jeito e também no último minuto o São Bento conseguiu. A sorte era amiga do São Bento, mas era muito amiga. São jogos que a gente visualiza na cabeça, de vez em quando.

#### **9 - Como o Sr. se sente em saber que foi o último presidente a tocar no Humberto Reale?**

**R:** É uma judiação que tem. Porque a gente pensa em criar uma comissão para ver o que fazer com ele, porque ele não pode ser abandonado. Fizemos um CT lá, um refeitório. Nós construímos o bloco A e ganhamos o bloco B, onde a Premodisa doou os blocos para nós. E me dá uma tristeza em ver que está abandonado lá. Tem que dar vida naquele espaço, quem sabe jogar a base para lá, não se sabe. Então a gente não pode deixar nascer mamona lá de novo.

## **Anexo VII – Entrevista com Guilherme Jonas Feliciano, historiador do clube**

### **1 – Nome completo e idade**

**R:** Guilherme Jonas Feliciano; 54 anos

### **2 – Sempre torceu pelo São Bento?**

**R:** Sim, sempre torci pelo São Bento. Me deixa fazer um resumo do meu currículo como torcedor de futebol. Assim, meu pai não liga para futebol, então eu comecei a gostar muito por acaso. Eu tinha um primo que gostava muito. Ele era palmeirense e eu falava de futebol com ele, por isso gostava do Palmeiras também, mas em 1973 eu comecei a acompanhar pelo jornal o São Bento. Eu tinha oito anos. Ai que eu fui descobrir que tinha um time na cidade e descobri que disputava o Campeonato Paulista. Na época meu pai assinava a Folha de SP e na última folha do jornal vinha um resumo do Campeonato Paulista, onde tinha os escudos de cada clube (eram doze times disputando) e a campanha de cada um. Me chamou a atenção que o único time azul era o São Bento e eu achei muito legal. Eu gosto muito de escudo de futebol, desde sempre lia placar e jogava futebol de botão. Assim, comecei ver a campanha do São Bento sem ir ao estádio. Só que em 73 foi curioso, que o São Bento perdeu todos os jogos no retorno, eram 11. Então eu lembro de ficar em casa e me perguntar, “Será que ganhou”? Eu nem sabia de rádio, nada. Só na segunda ou terça-feira que saía o jornal, para ver como foi a rodada da semana. Era uma coisa que me chamou bastante atenção, por que o time só perde, “estranho né?” Mesmo sem saber, eu já estava gostando do time. Já em 1974, esse meu primo me levou pra ver um jogo no Humberto Reale. São Bento e Bela Vista do Uruguai. Por coincidência foi a estreia do Gatãozinho no São Bento. (Gatãozinho foi o jogador que mais jogou no clube). Mas algumas coisas me marcaram nessa ida ao estádio. E acho que isso me influenciou muito nessa questão de torcer. Primeiro por ser um lugar de multidão. Então para um moleque de oito/nove anos, devia ter umas 20 mil pessoas. Depois eu descobri que tinha mil e poucas. Mas a sensação para mim que nunca tinha ido num evento tão grandioso, foi muito legal, com muito barulho. Além disso, três coisas me marcaram



muito ali. Primeiro, na entrada do estádio, na lateral, estava pintado o tira-prosa, que pedi pra repintar quando o estádio foi reinaugurado. Eu que desenhei o tira-prosa para pintarem de volta. Porque aquele tira-prosa me chamou muita atenção, ficou muito marcado. A segunda coisa, foi quando eu estava subindo a arquibancada e havia uma escada atrás dela. Ela era do chão até em cima, parecia ter 500 degraus. Depois, nos anos dois mil eu voltei para ver, mas foi uma decepção, porque ela não era tudo isso. Mas para mim ela não tinha fim. A outra coisa foi o uniforme que o São Bento jogou. Camisa branca, calção e meias azul. Talvez por isso que eu goste muito dessa configuração, por conta dessa primeira imagem do time. Então a partir daí eu comecei a acompanhar o São Bento, mas não ia com frequência ao estádio. Meu pai me levou para um jogo contra o SP em 75, em Sorocaba. Depois eu só voltei a assistir em 78, quando tinha 13 anos, meu pai me deixava ir sozinho com meus amigos. Assisti mais quatro partidas no Humberto Reale. Minha história no Humberto Reale são seis partidas, mas é como se eu tivesse vivido toda a história do estádio.

### **3 – Você sente falta do Humberto Reale?**

**R:** O Humberto Reale para mim, foi o maior erro que o São Bento cometeu ao destruí-lo. A história é o seguinte. O São Bento era muito criticado por mandar jogos no Humberto Reale, principalmente pela imprensa de São Paulo, por acharem que ele não tinha condições, pois ele era uma rua Javari melhorada. No entanto a Javari continua até hoje, mas o Humberto Reale houve uma pressão muito grande para o São Bento parar de mandar jogos lá. É verdade que o estádio era acanhado e precisava de uma série de reformas. Assim, veio o advento do estádio municipal. Também era um absurdo uma cidade do tamanho de Sorocaba não ter um estádio decente. Ele veio em um período de críticas ao Humberto Reale, havia necessidades de se ter um estádio melhor. Então, desde o final dos anos 60 se discutia a construção do estádio municipal. Começou em 67 a ideia de se fazer outro estádio, só que a coisa foi se arrastando e a construção começou em 70. No entanto, por falta de verba tiveram paralisações e tinha-se a discussão de como utilizar o estádio, pois era um conceito de centro de integração comunitária, ou seja, para ser usado para a população sorocabana, não só para o futebol, mas com outros esportes, onde na Praça da Amizade teriam quadras poliesportivas, piscina e uma série de espaços

comunitários. Porém não acabou rolando. Mal vingou o espaço, quanto mais essa praça esportiva. Então, realmente, o São Bento e Sorocaba precisavam de um estádio novo. O primeiro grande erro. Quando se inaugurou o estádio, o São Bento se sentiu desobrigado a manter o Humberto Reale. Tanto é, que em 79 (CIC inaugurou em 78), o presidente Gas Barro, propôs, pelo São Bento precisar ter sócio, (na época dele havia muitos clubes societários, Ipanema, Clube de Campo, Clube Recreativo), uma série de clube e era meio moda. E o São Bento achou legal fazer no Humberto Reale um espaço. Chegou a se abrir um buraco no meio do campo para fazer a piscina. Felizmente, por uma luz iluminada, esse processo de sócio não avançou. Assim, taparam o buraco e recuperaram o campo, mas demorou para acontecer. Embora a partida de despedida tenha sido marcada contra a ponte preta, oficialmente, onde o jogo seguinte foi contra o São Paulo, no estádio novo, em fevereiro de 79 o São Bento jogou o que seria o derradeiro jogo no Humberto Reale, pois o estádio foi reativado depois. Mas aí foi reativado, pois uma partida teria de ser jogada a noite e o CIC não tinha iluminação. Aí o São Bento jogou contra o América de Rio Preto e foi a última partida do Humberto Reale, em fevereiro de 79. Depois o estádio foi definitivamente desativado. Só que o São Bento mandava jogos no CIC, mas houve um movimento no final dos anos 80 de tentar reativar o Humberto Reale. Será que é viável? Para mandar jogos menores. Só que nisso, o Humberto Reale tinha arquibancada de cimento vertical na direita das cabines de rádio e uma na esquerda das cabines. Além das cabinas em si, as sociais cobertas e do lado oposto do gramado era uma arquibancada de madeira. Nos anos 60 ainda havia arquibancada de madeira atrás dos gols, mas nos anos 70 já não havia mais. Manteve-se essas outras arquibancadas, só que final dos anos 70, começo de 80, as arquibancadas de madeira foram apodrecendo e destruíram a arquibancada, além das sociais, que foram derrubadas. Mas em 80 e pouco, ainda haviam restavam as arquibancadas de cimento. Assim, em 87 foi reativado o estádio. Reconstruíram o campo, arrumaram as arquibancadas e os vestiários. Mantendo somente as duas arquibancadas de cimento. O São Bento jogou três amistosos, contra Juventus, Santo André e Inter de Limeira. Depois voltou a ficar parado e no final de 87 e 88 o São Bento jogou três ou mais partidas oficiais ali. A última partida oficial, oficial mesmo foi contra o XV de Piracicaba, em um amistoso. No final de 87, começo de 88. Jogou-se o equivalente a uma Copa Paulista. Chegou a jogar contra Jacareí. Não, era um torneio José Maria Marin. Ele

chegou ao final do torneio. Na semifinal jogou contra a Ferroviária e na primeira partida da final contra o América de Rio Preto no Humberto Reale, onde empatou e perdeu na final em Rio Preto. Foi vice-campeão. Esses foram os últimos jogos do Humberto Reale. Já em 2007, na calada da noite as arquibancadas foram derrubadas. O presidente era o João Cândia na época. Assim, vem outra tristeza muito grande. Eu sempre olhava da Vila Santana, onde eu via a Igreja Bom Jesus e as arquibancadas ao lado. Aí teve um dia que eu olhei e não vi. Pensei comigo, “será que é o ângulo que eu to?”. Aí que descobri que tinham derrubado. Muitos torcedores se cobram por ter deixado acontecer. Eu não morava aqui, não sei se poderia ter feito muita coisa, talvez não teria conseguido, mas triste né? Você saber que foi derrubado simplesmente. Aí entra uma série de discussão de o que se fazer com o estádio? Ah, arquibancada condenada? Pouco provável, porque resistiu tanto tempo, mas que seja, vamos derrubar e fazer outra! Nunca se pensou nisso. Não sei se pensaram em especulação imobiliária ou usar o espaço para outra coisa, sei lá! O espaço ainda existe e sempre pode-se mandar em transformar em estádio. Dava pra mandar jogo ainda, alguma partida pequena. Com todas as deficiências de acesso, dava pra mandar jogo, no estilo da Rua Javari. Por isso o CIC foi o grande mal nesse sentido. Com isso o São Bento abandonou o Humberto Reale e, administração por administração, nunca foi se falado em recuperar o estádio. É um patrimônio, mas o São Bento aceitou ruir esse patrimônio.

#### **4 – Foi a pior coisa que o São Bento fez na história?**

**R:** Na minha opinião o clube tem dois grandes erros na história. São muitos erros no geral, mas dois são piores. Esse do Humberto Reale foi o maior de todos. Numa maneira geral pode se dizer do abandono do Humberto Reale foi um grande erro, mas culminou no momento que derrubaram as arquibancadas. Aí o campo virou um terreno baldio. O outro grande erro foi a venda do clube, né! Em 99/00 por aí. O clube estava cheio de dívidas, com problemas financeiros e inúmeras dificuldades, aí apareceu uma proposta de um empresário pernambucano, Jailson Dantas, dono do Unibol de Pernambuco. Um clube empresa que queria fazer dinheiro. Provavelmente ele ia levar a estrutura do São Bento para lá. Podia até não levar pelo apego ser menor, mas poderia ficar revelando jogadores aqui, mudar o emblema do clube. Até chegou-se a

fazer outro emblema do clube e o time viraria São Bento Futebol Clube. Assim, começaria uma nova agremiação. A venda chegou a acontecer por 300 mil reais em duas parcelas. No entanto, ele pagou a primeira e ficou devendo a última e isso salvou o São Bento. Por ele não ter pago a última, o clube conseguiu reverter na justiça a venda. Lógico que anos depois, após perceberem a besteira que tinham feito. Foi uma coisa terrível! Lógico que você pensa, “poxa não tem outro jeito de ganhar dinheiro?” Não sei se era a última solução. Mas ficou um imbróglio na justiça até 2013, onde o dinheiro estava depositado em juízo e viu-se que o Jailson não tinha direito ao clube. Foi assustador! É claro que teve rebaixamentos por aí, mas os rebaixamentos fazem parte, né! Como caímos esse ano, não era pra cair, mas alguém caí. Isso faz parte do jogo, uns ganham e outros perdem. Se tiver boa organização e é mais difícil perder, mas acontece. Isso não é tão duro quanto acabar com a história.

## **5 – Melhores momentos que passou como torcedor**

**R:** O melhor momento do clube eu não vivi, que foi o acesso em 62/63. Porque aquele foi o momento que o São Bento passou pela primeira vez para a divisão principal e foi enfrentar os grandes. Então ele mudou o patamar do clube. O time estava numa vidinha de jogar contra times do interior e passou a ter um desafio muito maior em enfrentar os grandes, tendo uma exposição muito maior. Então, seguramente foi o melhor momento do clube. Outros dois grandes momentos. O São Bento tem outros títulos, né? E título é uma boa coisa a se recordar. São Bento não tem muitos títulos, uma coisa que eu reclamo muito e que se a gente compara com outros clubes do mesmo porte do São Bento, como o XV de Piracicaba por exemplo, que tem muito mais títulos. O Ituano também, mesmo com todo o artificialismo do clube. Então, acho que o São Bento precisa pensar em ter mais título, pois ele pensa mais em ter acessos. Eu tenho duas críticas ao Paulo Roberto. Ele se contentava com os acessos, no fundo o pensamento eram os acessos, mas é com o título que você grava seu nome, né! E o São Bento teve oportunidade. O grande sonho da minha vida, que eu falava para os meus amigos, era ver o clube ser campeão da Série C do Brasileiro e no ano retrasado ele teve a chance. Por que eu acho que está dentro do escopo do São Bento ganhar. Claro que eu quero que chegue a uma Série A, ganhe a Série B, uma Libertadores, mas poxa, vamos ser realistas primeiro. Então, podemos pensar

por aí. Houve um momento especial, muito importante, que foi a revitalização do clube, que começou em 2011, muito por conta da Associação Vamos Subir Bento, onde eu fiz parte a distância, por eu morar em Belo Horizonte na época, mas procurei alimentar essa turma que estava pegando firme nisso, porque foi gente que estava com muito pique para fazer o São Bento voltar a ser um clube realmente. O Willian Alves foi um cara muito importante nesse trabalho. Talvez ele foi o cara que mobilizou todo mundo. A mobilização foi toda dele, talvez não fique na história, mas o mérito foi todo dele. Carlos Athayde que foi o presidente do movimento quando ninguém quis assumir. Em termos de resultado foi o pior presidente, o Manenti. A propostas dele eram de peitar o David Ferrari, que tinha uma série de defeitos, por ter uma certa arrogância, mas ele estava tocando razoavelmente o clube. No entanto o Manenti se opôs a ele e achou que tinha que mudar. Veio com propostas meio que iludido, achando que as coisas seriam mais fáceis, mas as coisas não aconteceram do jeito esperado. Algumas pessoas atrapalharam ele também por achar um mandato inconsistente. Ai ele não aguentou o tranco. Talvez ele não tenha aceito as pessoas que deram as mãos por tentar ajuda-lo. Mas o fato é que com o rebaixamento em 2011, a Associação Vamos Subir Bento entrou na jogada para mobilizar pessoas para assumir a presidência, criar um novo conceito de sócios como clube, fortalecer conselho novamente e ser decente. Aí a diretoria que assumiu foi uma diretoria honesta e comprometida. Encabeçada pelo Fernando e pelo Xixo. Foram pessoas decisivas para fazer o clube voltar a crescer. Assim começaram os acessos em 2013 em sequência. Então, esse momento foi muito importante por reorganizar o clube. E mesmo voltando a Série B, o São Bento não consegue colocar gente no estádio. Isso me entristece muito, mas é o preço que temos que pagar por muitos anos no limbo. Nos anos 90/00 o São Bento estava no limbo, ninguém, falava do São Bento. O próprio jornal que fala muito do clube nessa época não cobria firmemente. Então foi triste e lógico, aqueles torcedores que tinham 10 anos nos anos 90/00 e começaram a gostar de futebol, não se interessaram pelo São Bento. Eu costumo falar que a prefeitura não consegue enxergar o São Bento ainda com o respeito que o clube merece. O que mais aparece de Sorocaba na televisão é o CIC. A imagem que mais aparece é o estádio. Quem mais tem mais tempo de televisão em rede nacional, de Sorocaba? É o CIC. E existe a ingratidão da prefeitura de entender isso. Aí entra o questionamento, “ah dinheiro público não e pra ser investido em esporte”. Depende, se der retorno pra prefeitura, porque não? Mas a

prefeitura podia ajudar de diversas maneiras o São Bento, não só de não cobrar o aluguel do estádio (que seria um absurdo cobrar), está levando o nome da cidade e somos respeitados, mas para prefeitura somos um qualquer como tantos outros. Também entra aquela discussão da Magnus vir para cá. Agilizou-se o processo de um ginásio, mas pela Magnus, uma atenção que não se vê para o São Bento. E agora o CIC ficou para o São Bento, foi com ele que o time perdeu o Humberto Reale e começou a perder forças.

## **6 – Dentre tantas loucuras que você já fez, qual foi a mais especial e a mais sofrida?**

**R:** Bom, sofrimento, todo jogo do São Bento é de sofrimento. Mas em 2005 e 2001. Em 2001 uma época que o São Bento ganhava quase sempre. Passava muito jogo na Rede Vida e eu acompanhava. Mas em 2005, era um campeonato que você falava “caramba, que bom”. O time estava muitos acima dos outros, só o Juventus estava mais ou menos do mesmo nível, mas ganhamos deles lá em São Paulo. O time voava e tinha o Neném, né! Quando chegou na fase final do campeonato, o David Ferrari brigou com o Neném e mandou ele embora. Aí quase que o time não consegue o acesso. Então, esses dois anos a gente não sofreu tanto. Fora isso todos os anos foram de sofrimento. Então, em termos de sofrimento em campo, algumas pessoas não têm noção, porque você vai a campo? Porque você quer ter alegria, mas você não tem garantia nenhuma disso. Tem grande chance de passar raiva, sair frustrado e passar raiva. Até pode sair feliz, mas vai passar raiva o jogo todo. Quer dizer, é meio masoquista. Diferente do filme, ou do teatro, que você pode gostar ou não e beleza, mas no estádio vai querer ver seu time ganhar e tem grande chance de isso não acontecer. Acontece até com time grande às vezes. Então, esse exercício de ir pro estádio é bem complicado, a gente vai pra sofrer mesmo. Mas o jogo de maior sofrimento de todos foi contra o Sertãozinho em 2013, no acesso. Onde foi um campeonato que fez tudo certo. Primeira fase impecável, quadrangular muito bem, mas se enrolou numa partida em limeira e mesmo assim era só empatar em casa contra o Sertãozinho para garantir o acesso e mesmo assim quase que não sobe. Foi sofrimento que muitos torcedores passaram. De estar no estádio e em 20 minutos o time está perdendo de dois a zero. De todos os jogos foi o mais alucinante. Por que?

As coisas foram acontecendo de uma maneira muito doida. Você perdendo, empata em 2x2 e acabou o jogo né? Como o gol do Falcão em 82 quando empata o jogo contra a Itália. Mas o Brasil levou o terceiro gol e o São Bento também. Empata aos 30 do segundo tempo e leva o terceiro aos 37. Não pode ser né, cara? Então realmente as coisas estavam muito loucas. Aí no último instante, na cabeçada de um jogador que nem era destaque da equipe, de um volante que tinha jogado pouco, o São Bento busca o empate. Então, a maior emoção que eu vivi em um estádio foi essa. Eu duvido que aconteça uma emoção tão grande quanto essa. Em termos de loucuras assim eu fiz algumas, né! Ir de ônibus pra Brusque assistir São Bento e Brusque. Em 81 eu menino ainda fui para Araraquara pra ver jogo com a torcida. Ano passado andei viajando por aí. Fui para Pelotas, Caxias do Sul, Maceió. Lógico que juntei o turismo, mas é sempre legal ver jogos do São Bento fora. E teve um muito legal contra a Catanduvense porque foi um jogo de acesso. A gente viajou de madrugada, com o grupo de uns amigos da associação. Fomos trocando ideia o tempo todo e foi um momento bem interessante. Se você ganha é maravilhoso, mas se perder a volta é complicada.

### **7 – Você como torcedor, mudaria alguma coisa no clube?**

**R:** Muita coisa! A equipe que trabalha na administração do clube tem que ser maior. Não só a diretoria, mas tem de criar outros cargos. A equipe de apoio tem que ser maior. O marketing tem que ser forte, porque hoje em dia é inimaginável uma equipe da Série B sem um departamento de marketing no time. Isso não dá! Tem que ter gente ligada mais forte com futebol, que pudesse viabilizar contratações melhores. Tem que trabalhar mais essa ideia, buscar mais gente para o clube. Em termo do clube em si, só existe uma saída para o São Bento, que é a categoria de base. O São Bento tem que dar um jeito de estruturar a categoria de base. Pensamento de um investimento de médio a longo prazo. Se não fica difícil de depender do dinheiro de televisão, da boa vontade das emissoras, das federações para sobrar dinheiro. Então, a gente vê que assim não tem perspectiva nenhuma. Uma venda se paga cinco anos de investimento e assim se vai. Mas precisa ter gente dentro do clube para ter gestão. Tem que ter boa vontade.

## **8 – Qual mensagem que você deixa para os novos torcedores do clube?**

**R:** A mensagem é que nós temos um time que depende da cidade, que não da pra depender de gente de fora. E o time que está a nosso alcance. Porque muita gente não se incomoda de pagar 200 reais e ir pra São Paulo para ver o Palmeiras, São Paulo, Corinthians e não quer pagar 20, 30, 40 reais para ver um jogo aqui. Então, lógico que os mais jovens talvez não entendam, mas se entenderem eles têm que pensar o seguinte: não adianta esperar um time bom para ir para ao estádio acompanhar. Se eu quero o time bom, a minha maneira de fazer isso é indo aí estádio. Porque assim tem recursos para se fazer isso. Entram duas questões também. Primeiro: é o time da nossa cidade, está ao nosso alcance, mesmo se gostar ou não e segundo: existem momentos ruins e bons e tem que pensar assim.

## **9 – Tem alguma coisa que não falei que gostaria de falar?**

**R:** Basicamente é isso. São Bento é um clube que alimenta muitas paixões. Ele engana muito a gente, porque o São Bento não é um clube de eventos épicos, de grandes jogos e viradas espetaculares, não. São Bento não pode pensar em ter momentos épicos. A história do time mostra que é um clube que ganha de grão a grão, passo a passo, devagarinho. Quando o São Bento está muito bem, “Ah hoje joga contra o Juventus, vamos encher o estádio porque se ganhar vai se classificar para as semifinais do Paulista. Aí o time não consegue. Empata com o Juventus com 11 mil pessoas no estádio. Onde gera a muita expectativa. Quer dizer, quando ele consegue atrair torcedor porque vem numa caminhada boa e a hora da queda. Tem muitos casos assim. Então, é a característica do São Bento. Não sei se é maldição, talvez seja. Porque as estatísticas não permitem que as coisas aconteçam. Eu penso muito em números e a estatística não permite que as coisas sejam sempre ruins ou boas, você tem altos e baixos. Mas com o São Bento acontece sempre a mesma coisa. Se você prestar atenção, você pega ex-jogadores do clube que jogam contra nós, sempre fazem gols, nas pro São Bento isso não acontece. É a maldição, que eu não sei quando ela vai mudar. Mas o São Bento é isso. É um time que gera muitas



decepções no momento mais importante e é difícil de confiar. Por exemplo, o São Bento abre dois a zero, no quadrangular que sobem três de quatro times e o time toma dois gols faltando sete minutos e o último gol é de um cara que cortou o supercílio e fez o gol de cabeça. Isso aconteceu em 92. O time abriu dois a zero na Matonense e eles empataram em Sorocaba. Abriu dois a zero da Francana e eles empataram em Sorocaba. Aí na última rodada se ganhasse da Francana em franca ainda subia, mas perdeu. Jogou contra o Corinthians de Prudente e leva de 4 x 1 em casa. Essas coisas que acontecem.

## **Anexo VIII – Entrevista com Marcelo Cordeiro, ex-jogador do São Bento**

### **1 - Já vinha se preparando?**

**R:** Já, sim fiz um curso de gestão a distância, e a ideia era assim que parasse eu começasse o curso da CBF, já fiz a pré-inscrição para licença B, e preparar para uma nova carreira. Meu desejo é trabalhar no campo, seja como auxiliar técnico, técnico. E quero aprender, para ser um treinador vitorioso assim como fui como atleta... Não tenho pressa, mas também não descarto seguir a carreira de gestão. Estou num clube que tenho voz ativa... e minha ideia é auxiliar o clube em outra função, Doriva, presidente ou até os jogadores mesmo.

### **2 - Quando você chegou, imaginava fazer uma carreira tão brilhante no clube?**

**R:** Não, não imaginava... eu vinha no ano de 2014, sai do esporte para curtir meu filho recém-nascido, vim com o Paulo Roberto quando surgiu a oportunidade, é uma cidade que eu já conhecia, muito boa. 2015 vim sem minha família, fiz um campeonato muito bom. 2016 voltei já com a família e logo já sai para o Vila (era um desejo que eu tinha de disputar a série B). Depois dessa saída para o Vila, foi a hora de sossegar e encerrar minha carreira no São Bento, “Daqui eu não saio”, fiz a série B e C e pude ajudar o São bento o ano passado. Fiz 2 gols no último jogo da série B. Sou muito identificado com o clube e tenho um desejo grande de ajudar.

**3 - Quando você veio para o São Bento, o clube só estava no Paulistão, não tinha pretensão nacional nenhuma. E as coisas foram acontecendo com o Paulo Roberto, você, Fábio Bahia e o Henal, que também voltou. Vocês imaginavam que isso iria acontecer, subir da série D para Série C e da Série C para Série B, e a projeção nacional, que era pequena sem pretensão alguma, acontecer do nada e até hoje está bem na Série B? O que você imaginou quando você voltou, imaginou que poderia subir da série C para Série B?**

**R:** A gente sempre tenta fazer o melhor, a gente quer sempre estar conquistando. Era uma coisa que ninguém imaginava que fosse tão rápida. Víamos o Fortaleza,

Payssandu e entre outros que demoraram a subir. O que aconteceu no São Bento foi fruto de trabalho, dedicação, escolhas corretas, manter a base também foi muito importante. Desde 2015 o São Bento sempre contratou jogadores que além de buscar uma projeção a nível nacional, como muitos conseguiram, jogadores que brigavam pelo Clube, que não viam o clube como recebimento de salário. Essa base que sempre teve: Henal, Viana, Eu, Fábio Bahia, João Paulo, Eder, Pit, Morais, Cavallo. Então foi nessa fase difícil de acesso que conseguimos seguir com uma base muito boa, principalmente na defensiva, que sempre foi muito sólida. Então acho que esse foi o segredo do São Bento. E o erro foi ter mudado muito o perfil de jogadores, nós saímos de um grupo de jogadores desconhecidos e apostaram num nível de medalhões, jogadores de renome que a carreira já não estava no mesmo nível. Mas nome não ganha jogo. E para série B já houve uma mudança de mentalidade, perfil de jogadores, mas também gera um certo tempo para organizar. Mudou totalmente o grupo de 2018 para 2019 e do Paulistão para Série B, e a gente torce para que nos afastemos da zona.

**4 - As ascensões foram muito boas para o clube, e as vezes não acreditamos que isso aconteceu. Em certo momento você chegou a duvidar de alguma coisa, do clube, do elenco, da torcida?**

**R:** No início da série C, nos treinamentos, tínhamos um time limitado tecnicamente, foi um momento de olhar e pensar: “Poxa, tínhamos um time qualificado e por motivos de orçamento tivemos que mudar tudo, mantendo apenas a base. Pensei: tecnicamente a gente vai sofrer, mais na parte ofensiva porque na parte defensiva mantiveram quase todos da base do paulista. Começamos a Série C, com uma dificuldade imensa, e eu achei que o Campeonato seria difícil para nós..., mas com o desenrolar, mantemos a solidez defensiva, tomávamos poucos gols e tínhamos a bola parada muito forte. E durante a competição os jogadores que foram chegando foram aumentando a qualidade do elenco. A descoberta do Everaldo em 2017, a volta do Eder, a chegada do Love, do Cavallo, do Nilson. Durante a competição fomos moldando o grupo e fortalecendo. Nosso ambiente era muito bom, isso fazia a diferença. Tínhamos jogadores que buscavam uma projeção e que sabiam ouvir, conversávamos muito com os mais jovens para mostrarmos as oportunidades. O jogo

de Ribeirão Preto, sem dúvidas foi um divisor de águas. Ali nós falamos que o acesso era nosso. A entrega do time foi fora da curva. Pegamos o líder fora de casa, ganhamos e encostamos no Botafogo que era o líder (que não classificou). Nós pegamos o 1º lugar na classificação e o acesso. Acabamos sendo eliminados pelo CSA nos pênaltis que foi o campeão da série C. Então foi um grupo que o vestiário era bom, a gente sabia das nossas limitações, mas a nossa amizade, nossa entrega e dedicação fizeram toda a diferença.

**5 - Depois veio a Série B ano passado, ficaram 15 ou 14 rodadas sem perder, até que veio o jogo contra o Londrina, a demissão do Paulo Roberto e a contratação do Marquinho Santos. Como foi esse momento para vocês? Como vocês viram essa mudança de técnico?**

**R:** Ninguém esperava a demissão do Paulo, foi a primeira derrota do campeonato. O motivo foi um problema interno, entre diretoria e treinador. E aconteceram uma série de mudanças drásticas: perdemos o treinador de 4 anos e que tinha uma maneira de jogar com sua defensiva sólida; partimos para outro com uma filosofia totalmente diferente, um time mais leve e com mais posse de bola ; além da perda de quase todos os nosso jogadores de frente, (Everaldo, Valterson, Zé Roberto, Rodolfo, Crispim, Paulinho) quase todo o nosso ataque. Então era um grupo muito forte que foi escolhido a dedo que de uma hora para outra perdeu tudo (treinador e jogadores) e você montar um grupo durante a competição é muito difícil. Ao invés de fortalecer o time nós trocamos jogadores, o certo era manter e fortalecer, mas nós trocamos e acabamos oscilando muito no campeonato. Mesmo assim conseguimos se manter. Um clube precisa passar 2, 3, 4, 5 anos na série B para calejar para aí pensar no acesso e subir.

**6 - Falando um pouquinho de você. Foram 91 jogos com o clube e 15 gols, tem algum jogo que você tem como especial na passagem pelo São Bento ou alguma situação que você lembra com carinho?**

**R:** Tem alguns jogos que foram muito marcantes. Acho que o gol que de pênalti que eu fiz aqui contra o Capivariano em 2015; nós vencemos de 2x1 penúltima rodada, e

nós nos livramos do rebaixamento. Foi um ano muito difícil, eu dei uma Cavadinha e fiz o gol da vitória. Então foi um gol especial e importante. Salvou o clube da queda e podemos ir para Penápolis tranquilos. Os dois gols contra o Vila Nova no último jogo na série B e garantiu a permanência do time num momento difícil. O próprio jogo do São Bernardo que fiz 2 gols e nós ganhamos de 3x0 em 2016, um ano especial para o clube onde fizemos uma campanha muito boa. E sem dúvida nenhuma, o jogo mais marcante, não teve vitória e nem gol, mas teve o acesso no Confiança. Pela primeira vez vi esse estádio completamente lotado e a torcida fez uma festa maravilhosa. Conquistar o acesso dentro de casa, diante da nossa torcida não preço nenhum, então sem dúvida foi um jogo muito marcante não só para mim, mas para história do clube.

**7 - Tem alguma história que você lembra com carinho, alguma preleção, alguma coisa que ficou marcado para você?**

**R:** Sim, o próprio jogo contra o Confiança, eu lembro que tive sempre esse perfil de líder, de chamar e de cobrar; e um cara que eu sempre cobrava era o Everaldo (risos) ele jogava na minha frente então eu enchia o ouvido dele. No jogo do confiança eu reuni todo mundo e falei que o jogador que eu mais cobrava era o Everaldo e que ele poderia ajudar muita gente e fazer a diferença para nós, ele era um jogador diferente do nosso time. Então se a gente quisesse ter oportunidades melhores para todos os jogadores, nós precisaríamos muito dele porque ele tinha condições de ser decisivo para gente. Acabou que todos se emocionaram e ele chorou, o Éder pediu a palavra e chorou. E realmente naquele dia ele decidiu aquele jogo.

No jogo da volta da mesma forma eu reuni todos os jogadores, fiz um pedido para o presidente e para o diretor de levar todos os jogos para concentração, nós reunimos, fizemos uma roda e dei a palavra para cada um deles, para expressarem o que estavam sentindo no momento e mais uma vez foi muito emocionante. Porque não tinha como o acesso fugir ali, o grupo estava muito fechado a amizade era muito grande dentro do vestiário e dentro de campo também. Então sem dúvidas foi um dos momentos marcantes pois esse é o papel do líder também, de cobrar, mas de saber

reconhecer a importância de cada um. Naquele momento que falei com Everaldo eu tinha certeza que ele faria a diferença, estava dizendo que ele poderia fazer o que ele quisesse, que ele seria decisivo e estávamos ali para apoiá-lo, pois o acesso seria favorável para todos naquele momento.

**8 - Passado isso, você virou auxiliar esse ano, e você tem ideia de ser técnico do São Bento um dia?**

**R:** Tenho, tenho... Não só do São Bento, mas também da Portuguesa, do Vitória da Bahia, Botafogo do Rio, ou treinador ou gestor ou auxiliar técnico, a função não importa. São todos clubes que me ajudaram na minha carreira, me fizeram feliz e pretendo retribuir de alguma forma algum dia. O São Bento já estou tendo a oportunidade de ajudar e espero ficar aqui um bom tempo e depois tenho vontade de rodar pelo país mas esses clubes eu tenho um carinho enorme, são clubes que guardo no coração que me ajudaram muito na minha carreira, pude trabalhar com grandes profissionais, grandes treinadores, pude aprender bastante e trabalhar para que isso seja possível.

**9 - E para terminar, você tem alguma coisa para dizer que eu não perguntei?**

**R:** O futebol não existe mágica, as vezes é mais fácil você chegar no topo do que se manter. O São Bento não chegou no topo ainda pois o topo é a série A, mas chegou num nível muito bom. E para que ele se mantenha, primeiro precisa do apoio da cidade e da união das pessoas que gostam do São Bento, as vezes existe a vaidade de querer “ser o pai da criança depois que ela conquista o sucesso”, mas não é bem assim, para se conseguir alguma coisa é em conjunto, é união de pessoas e foi assim que o São Bento chegou, um grupo de apaixonados na diretoria que trouxeram o clube até aqui.

Sempre digo que o maior patrimônio do clube é a torcida, independente do momento que o clube esta vivendo a torcida não pode abandonar o clube, pois os jogadores vão passar, os presidentes vão passar mas a torcida vai ficar, vai continuar sendo São Bentista, então se a torcida largar nesses momentos, o clube tente a acabar como o Nelson João, Atlético Sorocaba, Mogi Mirim, Rio Branco, Portuguesa. Muito se da a vaidade, má administração e a torcida foi se afastando por conta disso.

Meu desejo é ver o São bento na série A, precisa de muita entrega, muito trabalho, sem vaidade e saber lidar com as críticas. Mas na minha opinião o São Bento nunca vai ser um time grande, os times grandes já estão definidos: São Paulo, Corinthians, Flamengo... Mas o São Bento pode ser um time forte do interior, como a Chapecoense, precisa chegar na série A, série B e se manter, se fortalecer e se estruturar para que o time permaneça ali. E quem sabe poder estar no São Bento quando ele chegar na Série A, Série B. Para mim é um prazer estar aqui e espero continuar por um bom tempo.

## Anexo IX – Entrevista com Nilson de Oliveira, narrador de futebol

### 1 – Qual seu nome completo e sua formação?

**R:** Nilson de Oliveira. Eu uso o Duarte por causa de diretor de rádio que não me deixou usar Oliveira quando comecei fazer rádio ela nem ela nem no esporte. Eu usava Nilson Oliveira no ar fazer. Eu fazia Vanguarda AM, aí apareceu uma vaga na Vanguarda FM e fiz o teste. Legal só que os Nilson Oliveira você tá muito marcado já, como locutor de AM e eu vou mudar. Aí ele veio com um papelzinho. Era Nilson Duarte ou Nilson Bianchi para eu escolher. Aí eu pensei, vamos de Duarte então né, Bianchi vai ficar meio estranho. E pegou! Tem gente que não sabe, mas é Nilson de Oliveira. O Duarte é por conta do Roberto Macedo. Eu comecei a fazer locução em 96, mas eu passei a narrar só em 2010. Então os desde 2001 foi quando eu entrei na Vanguarda AM até 2010, eu até podia tentar voltar, mas já estava marcado também e eu nem tentei. Tá cheio, viu? No rádio tem bastante. Muitos que começaram nessa época minha, foram batizados pelo Roberto Macedo, um diretor artístico que manja muito de rádio e batizou um monte de gente aqui de Sorocaba. Ele tinha em pecha de mexer. Quando eu me vi já não tinha mais o que fazer mesmo, porque na Vanguarda AM eu tinha muito mais proporção que na Vanguarda AM e aí acabou ficando. **Ainda mais cobrindo o São Bento, né?** Sim, depois quando eu fiz essa transição, durante dois anos eu trabalhei na Vanguarda FM aqui, narrava os jogos aqui. Lá a locução para a dona de casa, receita, horóscopo, música sertaneja. Eu fiz a transmissão por dois anos de 2011 a 2013 eu fiz as duas, aí em 2013 pulei de barco e estamos aqui até agora. Bom, acho que fiz a escolha certa. Formação, radialista no Senac Sorocaba. Sensacional. Muito do que eu uso até hoje, me formei em 97, para rádio eu diria que é exigido na verdade o BRT, mas não é só o registro foi uma formação bem interessante mesmo. Hoje em dia até melhor do que que eu fiz, que é um pouco mais rústico. Hoje em dia a tecnologia evoluiu bastante né, mas é legal. **[Mas é sensacional mesmo. Tem jogos que são tubo e nem parece]**. Grande parte do ouvinte, não sabe que muitos jogos são feitos daqui.

### 2 - A quanto tempo você cobre o São Bento?



**R:** Desde 2010. Eu comecei na Cruzeiro em 2011, mas em 2009, eu tinha esse trabalho na rádio Vanguarda e a gente queria montar uma equipe esportiva, nem que fosse para a Vanguarda AM. Acabou que não rolou. A gente até apresentou projeto, a gente chegou, no Paulista de 2007 no dia da transmissão, mas a dona da rádio barrou, porque não dá, que vocês trabalham na Vanguarda fM e se vocês trabalharem na AM, enfim, barrou em alguma coisa jurídica e ela não deixou a gente fazer a transmissão. Aí em 2009 eu companheiro então na Vanguarda, hoje na Top FM, Cacá Martins, a gente colocou um site no ar, chamado equipe de futebol 10. No final de 2009 para cobrir o Votoraty, os jogos da parte final da Copa Paulista. Culminou com o Votoraty campeão daquela Copa Paulista, mas a gente começou a narrar em setembro de 2009. Como a gente já tinha essa cancha de rádio, aí acabou chamando atenção também do próprio meio né. Embora não tivéssemos uma audiência muito grande, mas os primeiros três, quatro jogos, a gente já tinha contatos. O pessoal da Cruzeiro me pediu piloto, mas não estava precisando de narrador na época e foi o start. Em 2010, a gente continuou com o site no ar, e aí foram os primeiros jogos do São Bento na rádio. Porque a gente começou com o Votoraty no final do ano e em 2010, a gente começou com o site no ar em parceria com uma rádio comunitária aqui de Sorocaba, a Super FM. Aí narrei o ano todo de 2010 e em 2011 vim para Cruzeiro. **[Aí está cobrindo o São Bento?]** Desde 2010 eu faço, na maioria, quase que todos os jogos, já são nove anos. **[Sofreu bastante, né? Mas teve muita alegria também].** Teve mais coisa boa, esse ano é que o negócio azedou. 2011 tem a queda e inclusive o jogo da queda eu estava na Super ainda, no começo de 2011. Eu venho para Cruzeiro na reta final do paulista 2011, que o São Bento caiu. O primeiro jogo que eu narrei aqui foi do Atlético Sorocaba. O jogo da queda em 2011, eu batizei uma sobrinha minha, já estava marcado o batismo e mudaram a data do jogo para o dia do batismo, então eu não narrei. Só fui narrar o São Bento sendo rebaixado esse ano. Teve esse começo bem complicado 2011, disputando Copa Paulista, que a gente saía daqui para fazer jogos fora e aí não tinha a situação do tubo. Ou você vai fazer o jogo ou não se faz. E em 2011, eu, Caio, Mauro Nóbrega na época, saía daqui e “vai perder de quanto hoje?” não era nem se ia dar jogo. Porque o negócio era complicado. Mas de 2013 para cá, foram 2 anos de muito sofrimento, muita coisa complicada, mas de 2013 a 2019, foram seis anos de muita coisa legal. O acesso e o título em 2013, acesso 2014, aí em 2015 teve um pouquinho de sofrimento, mas a gente ficou ali né

naquela na zona da marola, né? Não caiu para segunda divisão e o Paulistão de 2016, que para mim foi o mais legal dos campeonatos paulistas que o São Bento disputou. É claro que o mais legal até porque chegou a segunda fase. Mas o time era um time mais vibrante e a vaga na Série D era algo impensável quando a gente começou a trajetória aqui na Cruzeiro em 2011. Cara, não dava para imaginar o São Bento disputando nada em nível nacional, nada. **[Achei que nunca fosse ver]**. Então, você achou que nunca fosse ver e eu achei que nunca fosse narrar ou presenciar esse tipo de coisa. Mas é uma série de situações, né? Você vai bem no Paulista, você perde para o Santos, que não tinha que fazer. Jogo único na Vila Belmiro, enfim. Foi um jogo bem legal que a gente transmitiu também o áudio da torcida do São Bento depois do jogo, no antigo site da Cruzeiro. A torcida do Santos vai embora naquele dia e fica só a torcida do São Bento, porque é o padrão, sei lá. 40 minutos depois do jogo a torcida do São Bento gritando dentro da Vila e a gente gravou o áudio. Era o maior número de acessos do antigo site da Cruzeiro, um número absurdo, um negócio bem legal. E a disputa da Série D, foi num primeiro momento para não perder a vaga, porque por essa campanha de 2016, pelo desempenho no Paulista, o São Bento garantiu vaga na Série D, e era mais bagunçado. Ainda é bagunçado, mas na época era mais. O São Bento conseguiu vaga para duas edições da Série D. Uma parte da diretoria do São Bento defendia, que 2016 não devia jogar, devia deixar para jogar em 2017. Para se estruturar um pouco mais e tal. Teve até esse pedido, aí a CBF falou não. Se você não jogar em 2016, perde a vaga em 2017. E aí acontece o que aconteceu né. O São Bento vai disputar e sobe. Uma história de filme, de filme. Aí a gente começa a ir mais longe com o São Bento. São Januário, a gente também sente a dificuldade e a diferença dos níveis das séries mesmo no futebol nacional. Mudança de jogo. Partida contra a Portuguesa Carioca estava marcada para o estádio Luso Brasileiro, no Rio de Janeiro e sei lá, três dias antes da partida a CBF muda o jogo para o São Januário. E tem toda uma logística para cobertura. Tem passagem aérea, linha telefônica, reserva de cabine... uma série de situações assim, complicadas né. Aí a gente tem que refazer tudo isso e a gente consegue fazer a transmissão. O jogo do acesso em 2016, contra o Itabaiana foi pior. Aconteceu a mesma situação. Jogo marcado no sábado a noite, eu estava no ar no Esporte Total. A nossa faixa esportiva era a noite, às 18 horas, hoje é ao meio-dia. Estava no ar na quarta-feira e chega a informação que a CBF altera data e dia do jogo do São Bento. Na quarta. O jogo seria no sábado

e eles mudaram para segunda, às 19h, em Itabaiana, no Sergipe. Não na capital, não em Aracaju, a 70, 80km de Aracaju. Eu pensei comigo, “puxa vida, parece que tem alguma coisa já marcada para esse dia”. Aí eu descobri o que era. Era o debate de candidatos a prefeito, que a FUA estava organizando. E para você registrar um debate no TRE você tem que ter uma série de protocolos, dentre eles falar quem vai fazer a transmissão, onde que ele vai estar no ar e a rádio ia transmitir o debate. Soco no meio do estômago! A primeira alternativa era não ir, não fazer o jogo. Era o primeiro jogo contra o Itabaiana, fora. A primeira perna do acesso. Era quartas de final e o jogo da volta seria aqui em Sorocaba. Aí ficou aquela situação e a gente perdido mesmo. O que vamos fazer? Aí no dia já chegou a ideia de fazer no site, só que não poderia fazer no site da Cruzeiro, porque o site da Cruzeiro também estava lá no TSE, que a gente ia fazer o debate. E a Cruzeiro ela tem uma diferença em relação as rádios comerciais, ela é uma associação né. Então tem diretor, tem conselheiro, tem muita gente que toma decisões do Cruzeiro. Não é uma Rádio Comercial, que tem um dono que fala que vai e faz, ou não vai e não faz. E a agente ficou nessa situação, virou a noite, até que no dia já tinha surgido a ideia de postar um link no site oficial, um clique aqui para você ouvir o jogo. Mas até você conseguir explicar essa situação para um cem número de pessoas e elas aprovarem isso, demorou. Aí tem o lance da passagem aérea marcada, hotel já marcado, enfim, a gente conseguiu fazer o jogo. A gente foi para Itabaiana, fez o jogo, o São Bento ganhou lá e ganhou aqui também. A gente conseguiu fazer o jogo nesse modelo do clique aqui. Em 92,3 tinha o debate, no Cruzeiro.com.br, o debate porque tinha que estar e a gente fez nesse clique aqui o jogo. Era um site que não existia, tipo [cruzeiro.com.br/Sport](http://cruzeiro.com.br/Sport). Criado só para esse jogo e deu certo.

### **3 - Qual a importância do São Bento para a mídia em Sorocaba?**

**R:** Na mídia esportiva de Sorocaba, sem dúvida nenhuma é o carro-chefe, não tem como negar. Eu sonho com o momento em que Sorocaba viva essa transição de outros times, de outros esportes, mas hoje eu diria que o São Bento é 70, 80% da importância, no que diz respeito à interesse do torcedor mesmo, para a mídia esportiva de Sorocaba. Nós temos um time de alto nível de futebol de salão, tem dois times agora, tem a LSB no basquete, que disputou o NBB e que disputa o campeonato

brasileiro, também na atividade. E tem time feminino de basquete, que voltou também, mas o São Bento é o carro-chefe. Ele é o que movimenta o torcedor. A gente sente nos programas esportivos e nas transmissões a interação do ouvinte. Quando a gente fala do São Bento a situação é diferente. Então, eu torço para que esses outros esportes, esses outros times também ganhem, mas hoje é 70, 80% São Bento, sem dúvida.

#### **4 - E porque você acha, que com tanta movimentação na mídia, o São Bento não consegue levar gente para o estádio?**

**R:** É uma grande reflexão, motivo de estudo. Na nossa equipe aqui a gente fala muito sobre isso. **[O Guilherme (historiador) até me mostrou dados históricos desde que teve o CIC, o Humberto Reale era sempre lotado, mas era uma capacidade de seis mil, sete mil pessoas, então dava aquela impressão de lotado por ser mais acanhado. Aí no CIC tem uma média de 1400 pessoas]**. Eu não vi essa transição, o São Bento vem jogar no CIC exatamente no ano em que eu nasci, em 1978, mas eu lembro do CIC, em um passado não tão distante, com mais gente. O São Bento jogando Série A-3, Série A-2 e levava uma média de 4500 torcedores. Você pensando num universo de 700 mil habitantes que é Sorocaba e a gente aqui na Cruzeiro FM, a gente é uma Rádio Regional, a gente sabe do alcance que o São Bento tem na região metropolitana e a gente passa de um milhão e meio de habitantes. Você pensar em duas mil, mil e quinhentas pessoas? É de fato decepcionante. Eu tenho algumas teorias, mas são teorias. Primeiro que houve um distanciamento do São Bento com o torcedor. O São Bento, talvez até por essa mudança do Humberto Reale para o CIC, o São Bento deixou de fazer parte do dia a dia do torcedor. Nesse passado não tão distante, nesses jogos que a gente tá falando, de A-2 e de A-3, você passava na frente do CIC e o São Bento estava treinando na Praça da Amizade. Também era uma situação de falta de estrutura, não estou dizendo que o São Bento precisa voltar com essa situação, dependendo de correr na Praça da Amizade para se preparar para o jogo. São Bento hoje tem uma estrutura muito melhor, usa a estrutura que foi do Atlético Sorocaba, no CT da Fazenda do Ipês, que é sensacional. Mas eu acho que o São Bento se distanciou da sociedade, se distanciou do torcedor, se distanciou no dia a dia do torcedor e o torcedor foi esfriando essa relação. Outra coisa, que para mim é

muito clara. Essa ascensão que a gente falou do São Bento, ela foi muito rápida. E eu tenho a impressão, que o torcedor do São Bento não tem noção que o time está na Série B. Um campeonato gigantesco. São Bento está hoje entre os 40 maiores clubes de um país continental. Tem muita gente que roeu esse osso, quando chega nesse filé e tem a dimensão do quanto é legal disputar a Série B. Eu tenho impressão que o sorocabano, que o torcedor da região metropolitana ainda não entendeu e acaba não dando valor. Eu acho que são alguns fatores. Esse distanciamento, que eu acho que o São Bento ainda tenta, em algum trabalho de marketing, que vem melhorando lentamente, mas ele existe e o São Bento tenta reverter essa situação. Agora para o torcedor entender a importância, o tamanho do que é disputar o Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão, aí não tem muito o que fazer. É a gente falar, enfim, é o trabalho de formiguinha para o torcedor acabar assimilando. Mas eu acho que são os dois maiores fatores que afastam o torcedor do CIC. Sem contar a condição para o torcedor. Não tem estacionamento, o ingresso normalmente não é caro, principalmente no que diz respeito a Série B. Hoje você compra ingresso para assistir o jogo do São Bento, você que é estudante por dez reais. Qualquer cinema você vai pagar mais que dez reais. Eu acho que vale, acho que é justo o valor. Não é essa a questão. Você pode reclamar, “puxa, vou lá sentar no cimento”, o estádio não é o ideal, mas é o que tem. Eu vou dizer para você que o Walter Ribeiro, que é um estádio quarentão e a gente passou grande parte desse período que eu estou aqui, viajando pelo interior e ele está acima de muitos estádios de times tradicionais também. Cito o Inter de Limeira por exemplo, o Jaime Cintra, que é bem deteriorado. Talvez aqui próximo, tem o Novelli Junior, que na parceria da prefeitura com o Ituano, o Ituano transformou numa espécie de arena nos últimos anos o Novelli Junior, colocou cadeirinha, enfim, talvez o Novelli Junior. Então, não está entre os piores, mas se o torcedor não consegue assimilar o que é a disputa da Série B, como é que ele vai fazer um comparativo do Walter Ribeiro com outros estádios? **[O torcedor de Sorocaba, pega muito como base os times da capital, aí não tem como comparar]**. Não tem comparação. Claro que poderia melhorar, mas eu acho que falta um pouco de carinho do torcedor com o São Bento e com a situação que o São Bento vive. Nunca vai ser um Palmeiras, um Corinthians, um São Paulo. Então, não tem como fazer comparativo nesse tipo de situação de estrutura. Mas também entendo o cara que sai de casa e não tem onde estacionar, que vai pagar sete reais num copo

d'água, também acho que poderia ter um pouco de carinho nessa contrapartida. Mas acho que primeiro passo tem que ser do torcedor. É o torcedor que faria essa roda girar. A roda gira. Você não precisa vender o copo d'água a sete, pode vender o copo d'água a três, quatro. Não é barato, mas é um preço bem mais justo. Está faltando esse impulso nessa roda, a roda está travada e ninguém também se movimenta muito para que a situação mude, e devido ao cenário atual, a gente torce para que o São Bento tenha essa longevidade na Série B. Teve a queda no Paulista. Dói. Disputar a Série A-2 é complicado, mas o São Bento não pode abrir mão dessa Série B, quando pensa no futuro a médio e longo prazo. Se continuar na Série B, o CIC vai ter que passar por modificações. A CBF vai exigir iluminação, vai exigir gramado, coisas que o São Bento hoje não tem e hoje não apresenta. Alguém tem que azeitar essa roda para que ela comece a girar, se não é o São Bento que vai pagar e o torcedor também vai ficar sem ter um time de alto nível, em um campeonato bacana.

**5 - Já que a gente falou dos clubes da capital, qual você acha que é a principal da cobertura da Cruzeiro com times da capital e com o São Bento? Tem uma diferença muito grande de cobertura?**

**R:** É, a gente faz uma cobertura à distância, mas a internet encurtou muito esse caminho, né. Hoje você pega a entrevista coletiva de qualquer um dos quatro grandes, ao vivo na internet. Você consegue repercutir aqui. A gente também tem que atender essa fatia que vai querer saber as novidades dos grandes clubes. De um tempo para cá a gente conseguiu manter muito mais quente essas informações. Até cerca de seis, sete, oito anos atrás, quando não era muita a velocidade da informação, ela era menor, você tinha que repercutir como se fosse um jornal impresso. Colocaria no ar hoje, as notícias de ontem. Hoje não, a gente consegue colocar ao vivo essa entrevista coletiva e tem a tecnologia a nosso favor. Se o Vágner Love foi dar uma entrevista coletiva perto do meio-dia e a gente estiver no ar, a gente coloca ao vivo. A gente já pinça essa informação. Ela é mais superficial, porque a gente não tá no dia-a-dia. No que diz respeito ao São Bento, a gente, quando o São Bento abre o treino, 100% dos treinos abertos tem alguém da Cruzeiro FM lá. Normalmente é o repórter, que é o Caio Rossini, que é quem entende do riscado, mas quando ele não pode entrar no ar eu vou, enfim, sempre tem alguém quando há essa abertura para imprensa, esse

atendimento a imprensa que a gente fala, que coloca jogador para falar, técnico para falar. Essa é a grande diferença, a gente perde por não estar fisicamente acompanhando os grandes clubes da capital, mas essa velocidade da informação, essa necessidade também que os próprios clubes têm, não é à toa que o Palmeiras coloca alguém para falar com black drop atrás, enfim, os times também precisam. Novamente eu vou fazer essa roda girar. Então essa é a velocidade da informação nos facilita muito. A gente consegue, mesmo que à distância, fazer informação legal, de uma forma consistente. Fazer parte do dia a dia do time e suprir essa necessidade do torcedor aqui também.

**6 - Como que você avalia a mídia Sorocabana em relação ao São Bento? Sempre esteve perto do clube, sempre teve junto ou teve uma disparidade em algum momento? Sei que de 2002 até 2008 o clube estava quase acabando né. Como era essa relação?**

**R:** É, o São Bento esteve perto do fim. Teve reunião, que fecharam a porta. Tinha um repórter do Jornal Cruzeiro do Sul, o nosso repórter Caio Rossini, que pode contar a história com mais propriedade para você. Sei lá, duas, três pessoas, a reunião com portas fechadas e não sabia se o São Bento ia sair vivo dessa reunião. Acabou saindo, enfim, dando sequência nas atividades. Mas teve essa situação. O São Bento ficou trinta anos na primeira divisão. Da década de 60 até o início da década de 90. Era a era do Rádio AM e foi quando eu comecei a me apaixonar pelo rádio, comecei a ouvir o São Bento também. Haviam mais equipes, digamos assim, cobrindo o São Bento. No momento em que o São Bento cai em 91, diminui bastante. Também começa uma convergência de informações. Porque o AM vai entrando numa obsolescência normal, porque a questão da qualidade do áudio. Não era nem a qualidade dos profissionais, mas a disparidade na qualidade do áudio em relação ao FM. E, junto com isso o São Bento vivendo uma situação terrível. De 91 a 97 o São Bento teve momentos horrorosos de cair em campo para a última divisão do estadual e não disputar essa divisão porque, um time da divisão que o São Bento estava não tinha condições. O time que subiu não tinha estádio e o São Bento permaneceu, no que era a Série A-3. Aí eu diria que o rádio esportivo, de uma maneira geral foi minguando, junto com São Bento. O São Bento teve poucos momentos legais. Eu lembro de 97, quando chegou

no quadrangular para subir para a Série A-2, contra o Corinthians de Presidente Prudente. Naquele jogo eu estava na arquibancada e haviam duas rádios transmitindo o São Bento. A Clube e Cacique. Ainda não havia chegado nessa situação de FM. Das transmissões esportivas em FM. Eu acho que esse é o período mais sombrio. No início dos anos 2000, eu sei o quanto você acompanhou a Rádio esportiva em Sorocaba, mas um cara chamado Luiz Augusto Andrade, da Lande Produções, monta uma equipe na Cacique AM. Uma equipe com a pegada diferente, Vander Paiffer narrando, nesse período mais complicado, eu lembro do Edno Camargo, que é um cara que narrou muito, os jogos do São Bento. Lembro muito dele, tenho uma memória afetiva muito grande dele narrando os jogos do São Bento. Mesmo nesse período complicado, ainda no AM. No início dos anos 2000, o Luiz Augusto Andrade, ainda na Cacique AM, monta uma equipe um pouco mais jovem com o Vander Paiffer, que faz parte da nossa equipe até hoje. Depois, num outro momento com o Demetrius Garcia, ele começa a oxigenar novamente essa cobertura de São Bento. Fica um período na Cacique AM, faz um ano na Vanguarda AM, eu já trabalhava na Vanguarda, já estava no FM, mas ele faz essa transição para a Vanguarda AM. Ficou um ano na Vanguarda AM, quando o São Bento foi campeão da, hoje Copa Paulista, na época, Copa Estado de São Paulo, no ano de 2002. Aí ele dá o pulo do gato, na minha opinião. Ele encerra a parceria com a Vanguarda AM e vem para a Cruzeiro FM, em 2003. Cruzeiro FM, que entrou em 95, começa a cobertura dos jogos do São Bento, ainda de uma forma terceirizada. Era uma equipe dele. Ele tirou a equipe da Cacique, foi para a Vanguarda e da Vanguarda veio para Cruzeiro. Era a Lande Produções. E o São Bento com esse título da Copa Paulista, o Atlético Sorocaba também vivendo um momento bom. E ele chega com essa limpeza do FM, com essa diferença no que diz respeito a audição. Ele fica esse ano de 2003 inteiro na Cruzeiro FM, com a equipe terceirizada, quando acabou o ano, a direção da rádio se juntou e contratou todo mundo. “Ou você compra a rádio ou a gente contrata todo mundo por que a gente quer uma equipe própria”. E assim aconteceu, muito pela coragem e pelo talento desse cara, chamado Luiz Augusto Andrade, que é um cara sensacional. Assim, começa a história de fato na Cruzeiro FM, com o Atlético subindo para primeira divisão, em 2003. O São Bento sobe em 2005, aí agregam-se outros profissionais, como narrador, não tem como não destacar Demetrius Garcia, um cara que começou a narrar junto com o Vander e ganhou muito espaço e hoje é narrador de TV. E começa



essa longevidade. Para responder mais objetivamente a pergunta, teve sim esse hiato, mas pelo pioneirismo e a coragem desse cara chamado Luiz Augusto Andrade, o Rádio se manteve e conseguiu agregar bastante.

**7 - Você até já respondeu isso, mas para ressaltar. O São Bento, dentre os esportes em geral é o que mais se sobressai. Sem dúvida, né?**

**R:** É o que mais sobressai, o que mais gera a interatividade. O rádio é muito legal também em relação a isso, porque ele assimila as novas tecnologias. Tem uma participação de WhatsApp extraordinária, quando tem jogo do São Bento, transmissão de jogo do São Bento, ou quando a gente fala do São Bento nos programas esportivos. Live, Facebook, YouTube, algo recente para a gente também, mas também gera essa comunicação mesmo. Então o São Bento é, sem dúvida alguma, o prato principal do esporte de Sorocaba. É inegável, que é o São Bento.

**8 - Você faria alguma mudança na cobertura da mídia em relação ao São Bento, ou no esporte em geral aqui de Sorocaba?**

**R:** Na cobertura do dia-a-dia do São Bento, eu sinto falta desse dia-a-dia, desse tempo um pouco mais nostálgico, de que os repórteres faziam parte de fato do São Bento. O time ia treinar e você chegava lá com seu caderninho, com seu gravador para você conversar com quem você quisesse, enfim. Acho difícil que isso aconteça, porque acabou gerando uma cópia da cópia, né. O que acontece em São Paulo, a gente atende a imprensa, que tem 15 minutos de acesso, depois todo mundo vai embora. São Bento acabou copiando isso. Acho difícil, a médio prazo, ou até longo, existir alguma mudança muito significativa, no que diz respeito a cobertura. Essa falta do dia-a-dia da imprensa e talvez também link, a imprensa, às vezes, também representa o torcedor. O torcedor se sente representado, quando o São Bento vai jogar no Pará e está o Caio Rossini atrás do gol, trazendo as informações. As vezes nem torcida tem. A gente fez um jogo no Rio de Janeiro, no Campeonato Brasileiro da Série C, que não haviam nem representantes da federação carioca de futebol, que é quem normaliza o jogo. Não havia nenhum rádio, não havia nenhuma web rádio, nem um jornal. Só a Cruzeiro FM fez a transmissão daquele jogo. Então, eu acho que esse estilo de

cobertura quando o time se aproxima mais da imprensa, ele se aproxima mais do seu torcedor. Talvez essa seja a grande mudança. Acho difícil que isso aconteça, quanto mais um time vai subindo na graduação de tamanho e de alcance de campeonatos, mas ele vai se distanciando da imprensa. Essa seria a grande questão, a grande mudança, o que me faz falta nesse momento. Você ter esse contato mais direto, esse contato mais físico mesmo com o clube. E, na minha opinião, isso tem toda a diferença na qualidade da informação e também nessa proximidade, que eu acho que falta do torcedor, com o clube, porque, repito, quando você vê o microfone da Cruzeiro FM em outro estado, enfim, nu, jogo longe, o torcedor se sente representado e esse também é um dos papéis da imprensa. Você fazer a vez. A gente torce, mas não distorce. Quase que 100%, eu diria 100% da nossa equipe querem o bem e muitos deles, mais de 90% são torcedores, que em alguns momentos tiveram na arquibancada, que acompanham o dia-a-dia do time e torce, mas não distorce. Acho que falta um pouquinho mais dessa proximidade mesmo. Seria isso que eu mudaria, mas sei também que não é fácil.

## **9 - O que você gostaria de falar que eu não perguntei?**

**R:** Eu acho que cabe muito o registro, no que diz respeito. Você vai escrever um livro, mas nesse capítulo de mídia, voltado para o rádio, né. Nesse bate-papo que a gente tá tendo, é puxar a brasa para minha sardinha. Dizer que o rádio é e continua sendo o veículo mais rápido de informação, maneira mais fácil do torcedor ter acesso as informações do dia-a-dia do time. Ressalto essa mutação do rádio, que vai assimilando essas novas tecnologias. WhatsApp apareceu, a gente agregou, as *lives* apareceram, o rádio agrega e gera um novo canal de comunicação. É tudo muito rápido e o rádio consegue assimilar isso. Mataram o rádio quando a televisão nasceu, mataram o rádio quando a internet popularizou e o rádio vem assimilando. Hoje a gente vê um decréscimo na audiência da televisão, em relação ao rádio. Cada vez mais o torcedor ou consumidor se distancia da televisão e o rádio está lá. No relógio, no celular, em todo lugar. E a gente fica muito feliz com isso, né. A gente que é profissional do rádio, que trabalha no rádio a mais de duas décadas, eu gosto. É algo que eu gosto de ressaltar, da importância do rádio e o alcance que o rádio continua tendo.

## **Anexo X – Entrevista com Willian Alves, torcedor e idealizador da Associação Vamos Subir Bento**

### **1 - Como funcionou o processo do site do São Bento?**

**R:** Em 2011/2012, quando começou o processo de reestruturação, eu, o Marquinhos e mais uns caras fizemos o site do São Bento e esses dias eu estava até brincando com eles, porque a ação que a gente fez na época, era por conta do *Facebook* do São Bento, não ter nem 1900 curtidas. Aí a gente disse que o site só ia para o ar quando o *Facebook* batesse 1963 curtidas, por conta do primeiro acesso. Aí a gente ficou uns três dias para alcançar essas 1963 curtidas, uns três dias.

### **2 - O que você acha que falta para o marketing do São Bento?**

**R:** Falta criar uma identidade do São Bento. Como faz a Chapecoense, a Ponte Preta, por exemplo. A Chape quando ganha coloca lá “flechamos”. Falta isso ao São Bento. O São Bento é muito formal, parece que escreve para o diário oficial, precisa pensar em uma identidade.

### **3 - Como você avalia o jornalismo aqui em Sorocaba?**

**R:** Cara, está muito *Control c*, *Control v*, né? Não só em Sorocaba, mas em todos os lugares. Parece que copiam, colam e passam para frente. Esses tempos atrás joguei uma palavra chave de uma notícia ligada ao governo no *Google* e meu, só manchete igual, notícia parecida. Aqui em Sorocaba, quando fazíamos o release do São Bento, percebíamos isso. Teve uma vez que fizemos o release apresentando a chegada do Thiago Tremonti e meu, os caras ligavam para saber uma informação a mais e copiavam nosso release. Isso no impresso, imagina no digital. Então é complicado. Hoje em dia é muito caça clique, né?

### **4 - Como surgiu a Associação “Vamos Subir Bento”?**

**R:** Cara, eu tinha um blog, “Vamos Subir Bento”, em 2008. Nele eu escrevia os bastidores do São Bento e acompanhava a rotina do clube. Porque naquela época não tinha nada e eu resolvi fazer para animar a galera. Aí o Guilherme (historiador), estava em uma missão na aeronáutica, no Equador e eu postei sobre os mascotes do São Bento. Eu expliquei qual a torcida usava, sobre os bandeirões, sobre o Chico Bento ser torcedor do Bentão e tal. E na época, a Força Azul (torcida), usava o Che Guevara e aí o Guilherme começou a falar um monte (risos). Assim a gente se conheceu e anos depois surgiu a Associação.

**5 - Como era a sua relação com o Fernando e com o Chicho (ex-presidente e ex-vice-presidente do São Bento)?**

**R:** Era muito boa! É o que eu digo, com eles na presidência eu tinha duas certezas. Eles eram São-Bentistas então jamais iriam sacanear o São Bento e além disso eles eram muito sérios. Trabalhavam com humildade, então eles nunca iam querer aparecer mais do que o clube, nem nada. Até para exemplificar isso. Quando teve o acesso em 2014, o mandato do Fernando acabava naquele ano e aí seria uma bagunça, porque em a eleição ia ser em outubro e outubro é quando a gente fechava o time para o ano seguinte, que seria o primeiro na Série A-1. Aí a gente disse que não podia, porque se não começava errado... Só que o Fernando, na simplicidade dele não queria prolongar o mandato, porque ele achava que era antidemocrático. Mas era o que tinha que fazer, não tinha outra opção. Era difícil ser puritano e pensar que daria tudo certo na eleição. Aí eu fui sentar com eles e eles disseram que talvez fosse uma saída, “mas como faríamos isso? Porque não tem como pedir, porque vai ficar ruim, estranho.” Aí eu disse que não seria por isso. Sugeri fazer uma ação pública e o conselho vai com uma carta pedindo isso para vocês e eu não tinha dúvidas que o conselho aprovaria essa ideia. Aí no dia seguinte chamei uma reunião, apresentei a proposta e perguntei quem topava. 100% levantou a mão! Todo mundo assinou a carta e a gente levou no SESC, que estava tendo um evento dos Masters do São Bento. Nesse evento a gente aproveitou a imprensa que já estava lá, chamou todo mundo de canto para assinar e prorrogamos o mandato do Fernando. Porque, se ele saísse ali, aconteceria o que aconteceu agora, né? (risos). Quando ele deu aquela saidinha, na Série D, só deu certo porque subiu, mas os bastidores ficaram todo

bagunçado. Mas sim, ele sabia que ele e o Chico eram os caras que sustentavam aquele caminho tranquilo e feliz. Essa é a diferença para o Márcio (atual presidente). Ele é muito impulsivo, torcedor, o Fernando pensava duas, três vezes antes de fazer alguma coisa.

## **6 – Você sempre acompanhou o São Bento? Você sempre foi São-Bentista?**

**R:** Não. Na verdade, eu vim de São Paulo, com sete anos e eu era muito palmeirense. Meu pai é palmeirense fanático. Então, eu era muito palmeirense e cheguei em Sorocaba palmeirense para caramba. Peguei aquela fase de 93, 94, que ganhou tudo, então eu tinha camisa e tal. Só que aí, chegou 2000/2001, eu já com meus 15/16 anos, comecei a entender que tinha futebol na cidade, tinha o São Bento, tinha o Atlético. Aí, o primeiro jogo que eu fui assistir, foi o do Atlético, porque tinha o Hélio, que jogou no Palmeiras, no Sport, em Portugal, que é de Sorocaba (pai do Bernardo, ex jogador do Vasco). E ele morava no bairro e frequentava o mesmo boteco que meu pai, aí ele disse para a gente ir assistir e fomos. E eu fiquei animado, por saber que tinha estádio e tal. E meu, a primeira vez que eu fui no CIC, não foi nem para ver jogo, foi em 92/93, onde rolou uma apresentação de carro e moto, com aqueles looping, globo da morte e tal. Aí meu tio me levou. Mas depois desse jogo que eu fui, comecei a acompanhar o Atlético e o São Bento. Já matei aula para assistir jogo do Atlético, lembro daquele jogo contra o Madureira na Série C, que o Atlético entregou, aí eu comecei a entender e pensar comigo “Esse time é estranho. Tem vaga, mas não quer, hora que pode ir não vai”. Aí eu fui entendendo e calhou de ser a época que eu comecei a criar consciência social, e ver como as coisas funcionavam no mundo e saquei que eles estavam de pilantragem (risos). Aí eu fui entender o São Bento e vi que era aquilo o legal e comecei a torcer para o São Bento. Quando eu entrei na faculdade, eu foquei muito e participei de várias coisas. Centro acadêmico, movimento estudantil, fiz iniciação científica, então eu foquei muito na faculdade. Aí eu acompanhava muito por rádio, lendo jornal e ok. Só que no último ano de faculdade, o São Bento estava na primeira divisão. Então eu conseguia ir a alguns jogos e no último jogo, que foi aquele do rebaixamento contra o Palmeiras no CIC, que o Valdívnia fez o gol que rebaixou o São Bento. Eu iria nesse jogo, que era Palmeiras e São Bento, mas já como São-Bentista. Aí eu marquei que iria nesse jogo. Só que duas semanas

antes, o professor marcou a apresentação de pré-TCC e não tinha como faltar, porque era apresentação de banca e ficava pesado. Aí eu desliguei. “Não vou nem pensar nesse jogo, se não vou ficar pirado”. Eu morava no Iguatemi com minha família e o pessoal mandou, na época era MSN, que precisava pegar fita para a apresentação. Aí eu falei, ok. Quando estiver indo para a Uniso, eu passo na frente do Extra, entro lá e pego. Cara, que desgraça! Eu tinha esquecido do jogo mesmo. Estava lotado! Aí a partir do ano seguinte eu comecei a ir em todo jogo, acompanhar o São Bento mais de perto e comecei a mexer com isso. Em 2007 eu me formei, em 2008 eu comecei a mexer com algumas coisas no clube, cutucava o David Ferrari (Presidente na época), ligava para ele e tudo. Aí montei o blog para passar para a galera o que eu estava descobrindo, porque eu estava descobrindo coisas. Como aquele rolo da Traffic no Humberto Reale, informações que ninguém publicava. Aí eu criei o blog no final de 2008 para ser o polemicão. De lá para cá eu mergulhei de cabeça, cara. Hoje eu estou até mais afastado, só como conselheiro, mas até 2017 eu era o presidente do conselho, então eu estava bem envolvido. Em 2014/2015 foi loucura. Todo dia eu pensava em São Bento umas 4/5 horas por dia. Pensava em fazer coisas, ligações e tudo. Aí terminaram meus mandatos no conselho (foram dois), eu tirei umas férias. Agora eu estou só de torcedor. **[Mas você pensa em voltar, em ficar ativo?]** Assim, até hoje eu estou sempre disponível. Até hoje sou eu que faço as flamulas do São Bento, que o capitão entrega antes do início do jogo. Então, o que o pessoal pede eu ajudo. Inclusive esses dias, o Denilson da secretaria me ligou e pediu para fazer papel timbrado, cartão de visita e tal. Até queria ajudar, mas estava atolado na empresa e passei o contato de um amigo e ele tocou lá. Então o que eu posso ajudar eu ajudo, mas eu ainda estou meio traumatizado, porque no processo de 2017, foi muito pesado. Porque estávamos no conselho há dois mandatos e não era para eu pegar cargo nenhum, era para eu ser secretário do conselho pelas circunstâncias, o presidente e o vice foram para a diretoria, que era o Chicho e o Atiê, que era o médico do clube e aí caiu no meu colo a presidência. Aí três anos depois, eu estava envolvido e continuei como presidente. Aí chegou a eleição de 2017 eu estava de boa, com a responsabilidade de tocar o projeto. Mas começou Fake News, falando que a gente se beneficiava, ganhava dinheiro no financeiro. Aí falaram que tinha chamado a torcida organizada de vagabunda, aí eu percebi que os caras estavam criando fatos para ganhar votos. Tiveram envolvimento de pessoas da atual diretoria e pessoas da

outra chapa que acabou vencida. Levei um soco na cara, sem motivo na arquibancada. Então eu preferi me afastar muito. Porque quando eu vou, eu percebi que eu viro alvo, porque eles querem me atacar para tirar o foco de outras coisas. Aí eu prefiro nem ir muito, só quando precisa votar alguma coisa mesmo. Porque eu não consigo ficar quieto vendo besteira e vou lá e me posiciono e só piora. Mas assim, do clube eu não tenho mágoa nenhuma. Não tenho mágoas dessas pessoas também, porque nem meus amigos eles eram e eu tenho a clareza que fizeram isso para ganhar voto. No final a gente ganhou a eleição, então está tudo certo. Mas assim, quem entrou no conselho para fazer bagunça viu que não é lugar disso e já saiu, então o tempo resolve essas coisas. Eu ainda quero fazer muito pelo São Bento. Os caras até perguntam se eu vou ser presidente do São Bento e eu digo que só vou conseguir pensar nisso quando eu tiver mais cabelo branco do que preto. Por enquanto não dá para afirmar nada. Hoje eu não tenho nem condição de ser presidente do São Bento. Hoje em dia, no futebol brasileiro, o presidente de um clube tem que ter o perfil do Fernando, que já está com a vida ganha e não precisa correr atrás de pagar os boletos, no meu caso eu continuo pagando os boletos (risos). Quem sabe um dia, quando esses boletos se pagarem sozinhos, a gente consiga chegar na presidência, mas por enquanto não dá nem para cogitar. Tivemos caso, igual o Manenti, que precisava trabalhar e vimos no que deu, né? Quase acabou o clube. Tem que ter tempo para se dedicar. Se você tem que cumprir carga horária, não rola. Mesmo quando eu fui presidente do conselho, eu só consegui porque eu era dono da minha empresa e conseguia sair no meio do expediente e fazer as coisas, mas só porque eu trabalhava para mim. Mas eu tenho clareza, que se eu fosse assalariado, tivesse que bater cartão, eu não conseguiria. Então, por enquanto não dá. Não que seja algo que eu almeje, eu quero ajudar o São Bento, da melhor maneira possível.

#### **7 - O Blog surgiu em 2008. Foi em 2011 que você resolveu fazer a Associação?**

**R:** Não fui eu que resolvi não, foi pressão mesmo. Já existia o Blog, né? Porque em 2008, naquela crise, bombou. Teve um cara que tentou atrapalhar, mas acabou ajudando, que foi o Jorge Vinícius, era jornalista da Cruzeiro na época e estava no Premiere até um tempo atrás. Ele criou uma polemica e tal e eu liguei lá e disse que não era bem assim. Ele estava falando que tinha que ir um empresário e resolver os

problemas do clube. Aí eu falei com o Juarez e falei para ele resolver, né? Mas ele tentou polemizar comigo e acabou que ele bombou o blog. Isso em 2011. Aí o pessoal começou a trazer modelos de associações que tinham e principalmente a Cresce, Xavante! No Rio Grande do Sul. E a gente foi para lá e fizemos boas amizades com os caras. Aí a gente combinou de nos encontrarmos antes do jogo. Aí a gente chegou no consenso de criar uma associação para fazer alguma coisa que o clube não consegue fazer. Porque naquele tempo já tínhamos clareza que o São Bento seria rebaixado, que o Manenti pediria renúncia e tudo mais. Então era questão de tempo até tudo acontecer. Aí montamos a Associação em 2011. Aí eu já fazia a revista oficial do clube na época e eu queria que o São Bento tivesse história, tivesse algo datado. Porque cara, não tinha data de fundação do clube, não tinha nada. Você chegava para o presidente e perguntava quando que o São Bento foi fundado e ele não sabia, ou falava uma data constatada. Aí eu pensei em criar uma revista bonita, chamar o Luís Éden, que é historiador e vou criar a revista e fazer um roteiro da história. Aí colocamos, 14/09/1913 a fundação como Sorocaba Athlétic Club e 14/09/1914 a mudança para São Bento. E assim ficou instituído. Assim, para marcar, a gente fez a primeira festa de aniversário do clube, que foi lá no Humberto Reale, em 2011, com 98 anos. Fizemos homenagem e tal. E era o boteco da bola, com o JC Moraes. Aí falaram para conversarmos com o Anderson, que era gerente do bar. Aí o clube tinha acabado de ser rebaixado, clima de final de feira e a gente mantendo o clube vivo, porque se não ia acabar de vez. Aí o cara chegou e perguntou quantas pessoas vem. Aí pensamos “Vai vir os homenageados, uns 10. Mais um acompanhante por homenageado, 20. Mais umas pessoas daqui outras dali. Coloca umas 50, 80 pessoas no máximo”. Cara, chegou no dia, a gente fez o início no Humberto Reale, para fazer tipo uma passeata para o bar. Aí, eu estava no bar organizando as coisas. Aí o Vinícius Castelato chegou esbaforido e me disse que estava cheio. Aí pensei “cheio quanto? Umas 100 pessoas?” E ele me respondeu “300” (risos). Aí eu cheguei no Anderson e perguntei se dava para atender 300, e ele me disse que não. E lotou o bar, ficou gente de fora e tudo. Aí começou a desencadear tudo, porque um dos homenageados era o Laor Rodrigues, da fundação. Ele viu a situação do Humberto Reale e quis recuperar o espaço e assim culminou com a entrega no centenário do CT. Aí começou a juntar gente querendo ajudar, o pessoal da associação se animou. E a gente ficou com a Associação até 2014/2015, porque boa parte da associação foi para a diretoria,



porque o clube estava precisando de reforço e a associação acabou não dando prosseguimento. **[Quem estava na associação com você?]** Puts, era um bocado de gente. Chegamos a fazer reunião com 30, 40 pessoas, era bem legal. Quando a gente estava animado, quando subimos da A-3 para a A-2, a gente foi para Batatais, seis horas para ir, seis horas para voltar, chegamos de madrugada e faltava menos de uma semana para o jogo da volta. Aí pensamos em fazer um bandeirão. Naquela época a gente estava muito animado com o São Bento. A gente virou três noites fazendo aquele bandeirão. Aí terminou de pintar, a Rosa falou que ia para casa para poder costurar. Aí eu entrei no meu carro com o bandeirão, eu e o Roberto Duarte, entregamos para a Rosa e fomos para o quarto dormir. No dia seguinte a gente acordou com a Rosa batendo no vidro e faltavam duas horas para o jogo. A gente colocou no carro e levou para o estádio. Mas foi legal. Aquele bandeirão tem história. Ele tem cinco, seis anos e está lá até hoje. Ali eu percebi que fechava um ciclo, porque a gente ainda cuidava da bilheteria. Eu e o Aparecido Germano, pegando o ingresso na superior e pedi para ele aguentar trinta segundos para eu ver o bandeirão e cara, me arrepiei todo quando vi. Mas essa sensação se confirmou. Esse ciclo começou a entrar em um processo de declínio porque o clube foi se estruturando.

## **8 - Você acreditava que o São Bento fosse chegar onde está hoje?**

**R:** Cara, no começo da temporada da Série C, eu estava com o Vinícius e ele tem uma cena muito boa. Voltando no Campeonato Paulista que fomos muito bem, empatamos no Palmeiras no Pacaembu com aquele gol do Moraes e aí teve o jogo do Corinthians que eles só ganharam no último lance do jogo com um gol do Jô garfado aqui. Aí eu estava com o Vinícius assistindo o jogo assim, o Corinthians estava com o time completo, com o Tite no banco e a gente ganhando, aí ele olhou para mim “Cara, a gente está ganhando do Corinthians”. Eu só chorei duas vezes no estádio, no título de 2013 e no acesso para a Série B. Que eu vi em campo o Éder, Marcelo Cordeiro, Fábio Bahia, os caras que estavam aí desde a Série A-2 e aí arrepiou. Mas perdeu isso, né? Antes eu ia no mercado e encontrava o João Paulo, o Fábio Bahia. Tanto é, que uma vez eu estava no Extra e encontrei o João Paulo, o Fábio Bahia e o Marcelo Cordeiro no corredor escolhendo alguma coisa. Aí eu só passei atrás com o carrinho e falei alto “Isso é um trio de craque, hein”. Aí eles olharam para trás e falaram

“Você não vale, você a gente conhece”. E tinha o Rodolfo, que machucou o joelho e teve que operar. Aí eu fui no Tauste e ele passou meio que arrastando a perna, né? Aí eu perguntei “O Rodolfo, melhorou?” ele se assustou, porque eu conhecia ele. O São Bento proporcionou coisas maravilhosas para mim. Em 2008 eu era outro cara. Fiz amizades, viajei o estado inteiro, fui para Santa Catarina, Rio Grande do Sul, para acompanhar o São Bento. Mas fui para Curitiba, Rio de Janeiro, então, coisas que não fosse o São Bento eu não teria coragem de fazer.

**9 – Dentre essas histórias, qual foi o melhor momento que você vivenciou no clube?**

**R:** Acho que foi esse momento do Bandeirão de 2013 e também no acesso de 2013. Porque no acesso, a gente fazendo a bilheteria e ouvimos o gol dos caras, aí depois que deu certo foi uma alegria total. E no bandeirão também, porque eu lembro até hoje. Estávamos eu a Rosa e a Maria Helena meio tensos, porque o Teófilo (fotógrafo) passou e pediu para tirar uma foto e a gente deu aquele sorriso meio tenso, né? Aí acabou o jogo, eu nem me toquei que estávamos na final, só sabia que a gente tinha subido. Aí eu estava descendo e passei pelo Arnaldo (do Bar) e ele estava bêbado, largado e chorando. Aí eu o peguei e fomos para o campo, para dar volta olímpica e comemorar. No meio da comemoração o Douglas Britto da TV Tem disse que queria me entrevistar e eu disse “Não, entrevista o Arnaldo”. Cara, entrou na retrospectiva da TV Tem, de tão bom que foi a entrevista, porque ele disse no jeitão dele “Ói, pra mim não ter Parmera, não tem Curintia, Santos, São Paulo. É São Bento, o amor da minha vida!” Então aquele jogo do acesso foi bom. Aí o título foi fácil. A gente já tinha ganhado o primeiro jogo com o Veloso deitando em Batatais, aí empatamos aqui e foi tranquilo. Mas aquele jogo do acesso... Porque teve o de Catanduva, mas foi menos tenso. O acesso da D para C foi mais tranquilo também e o da C para B foi massa. Pelo clima que estava e pela surpresa, né? Porque jamais a gente imaginava que fôssemos chegar na Série B. No começo dessa temporada, eu conversando com o Vinícius e pensando “Cara, imagina que massa se a gente ficar cinco, seis anos na Série A1 e na Série C e depois subir para a Série B” e no ano seguinte a gente estava na Série B. Mas o momento mais legal foi esse acesso em 2013. Aí teve carreata, foi

muito gostoso. Eu estava no mesmo carro que o “El Loco” Vieira, que o Chicho e que o Henal. O Henal pegava o microfone e gritava “Chupa Marília”.

### **10 - Você tem histórias que envolvam o São Bento?**

**R:** Teve uma vez que eu estava saindo com uma menina e naquela época, o São Bento era muito parceiro do Tropical Grill e a comida lá é muito boa. Aí eu a levei lá e quem estava lá? Edson Vieira e o seu auxiliar. Aí eu dei um sorriso amarelo, sabe? Meio que dizendo claro que não era para ele atrapalhar (risos). Aí ele chega na mesa e fala “E aí campeão, essa aqui que você disse que quer casar?” (risos). Lazarento velho! Ele é maluco, cara, mas ele é massa.

### **11 – Nesses momentos tão bons, teve algum deles que você chegou a achar que não fosse conseguir?**

**R:** No acesso da A-2 para a A-2, que foi quando eu fiz a promessa. **[Que promessa?]** Bom, você lembra que a gente estava liderando, e estava todo mundo só querendo saber quando que seria o título, porque era pontos corridos e o campeão já estava garantido. Aí a gente pensava que era questão de tempo, né? No entanto começamos a perder, cara. Teve uma sequência aqui, que foi Guarani, Red Bull e perdia todos. E era aquele goleiro negro, fortinho, que entrou no lugar do Henal que tinha feito merda, para variar. Era o Ronaldo, bom para caramba. Aí fui para um jogo em Capivari e perdemos. Aí falei “Caraca, não vai subir”. Aí teve o jogo contra o Santo André, o mítico jogo do Markinho. Eu estava mudando de casa na época e não consegui ir no jogo, mas estava passando na Rede TV!, então eu assisti por lá mesmo. Aí o São Bento ganhou e eu me empolguei. Fui no mapa e vi a distância do Humberto Reale ao Pacaembu e dava 98 km, pela Raposo. Aí eu falei “Ah, está aí um negócio legal, né? Vou caminhando até São Paulo. Se o São Bento subir vou até São Paulo”. Aí eu postei no Facebook e apareceu um monte de maluco, né? Até porque naquela época eu estava em evidência e o jornal fez matéria. Aí um monte de gente disse que queria caminhar comigo, mas era ano de Copa do Mundo e eu queria fazer um negócio minimamente organizado, porque tinham 15, 20 pessoas dizendo que iam, então seria uma procissão na Raposo Tavares. Aí eu fui na polícia rodoviária, expliquei e eles me

disseram que todo o efetivo estava na Copa do Mundo. Aí esperei a Copa do Mundo e voltei lá, só que aí tinha uma parte do efetivo em férias porque tinha feito a mais na Copa do Mundo, um rolo. E nessa o grupo ia só diminuindo, e no final sobrou eu e o Edu Demiliti. Aí no dia 14 de outubro de 2014, que era centenário da mudança de nome, a gente saiu do Humberto Reale, fomos até Mairinque a pé. Aí um São-Bentista viu a gente e nos abrigou na chácara dele. Aí no outro dia ele levou a gente para a Raposo de novo e lá em Vargem Grande a irmã de outro São-Bentista recebeu a gente lá, passamos a noite lá. No terceiro dia a gente andou até dentro de São Paulo na região do Largo da Batata e ficamos lá, andamos para caraca. Porque no último dia, o Douglas Brito ia fazer a cobertura ao vivo, e a gente ia passar vergonha, porque estávamos muito cansados. Então a gente andou o máximo que conseguimos no dia anterior, para no último dia a gente aparecer bem na TV. Aí quando já estava escurecendo a gente achou um hostel e ficamos lá. Aí joguei no mapa para mandar a localização para o Douglas e vimos que estava dando 25 minutos a pé até o Pacaembu. Aí no último dia foi só alegria, só piada. Chegamos no Pacaembu e o Douglas, sem noção, sugeriu que a gente desse uma volta olímpica. O Edu topou e eu comecei a ir também, mas depois de andar 98km a gente ainda deu uma volta olímpica no Pacaembu. Mas também, nos dias seguintes eu só usava chinelo. Reunião com cliente de sandália. Foram três dias de pura emoção. Foi muito gostoso e como o Douglas fazia as matérias todos os dias nos pontos de parada, e a gente amarrou a bandeira do São Bento na mochila, todos os dias buzinavam e tudo. Teve um dia, que um cara (que é um anjo), porque a gente estava sem água, num trecho que não tinha onde pegar água e esse cara parou a moto e perguntou se a gente precisava de alguma coisa. Aí a gente falou que não, porque achamos que fosse um cara que sei lá. Aí ele disse que era São-Bentista e tinha visto a gente na TV e tudo e pedimos a água. Nisso ele foi até um bar e levou água geladinha para gente. Foi divertido para caramba aquilo. Essa foi a maior loucura que eu fiz na vida. No dia anterior, eu nem dormi de medo, por conta de andar nos acostamentos, e caminhão e estreito, tem trecho que balançava o cabelo e tal, mas foi divertido. Tenho essa história para contar, tanto é que eu ando com a matéria do do GloboEsporte.com no celular, porque tem gente que duvida. Eu combinei com o Sr Aparecido para ele ir me buscar e a gente combinou com a administração do Pacaembu para o estádio estar aberto e conseguir fazer a matéria lá dentro e tal, mas na volta, eu voltei com a perna

que latejava. Eu me preparava e tudo, mas há três dias, 30km tinha que ser atleta e eu não era. Nossa ideia era fazer na época da Copa do Mundo porque era inverno, era tranquilo, passou outubro, a gente pegou os dias mais quentes do ano, cara. Foi pesado. Se eu tivesse noção do que era, talvez não tinha feito. E como tinha divulgado na mídia, uma galera começou a zoar, já éramos folclore da cidade, “Mentiras de Sorocaba: Aqueles torcedores do São Bento que prometeram”, então já estava ficando feio.

## **12 - Você se arrepende de alguma coisa que fez pelo São Bento?**

**R:** Cara, assim. Uma coisa que foi muito bom para min, em terapia e tal. Quando eu montei a Associação eu estava muito pilhado, porque eu tinha noção e clareza do que eu precisava fazer e como eu estava com tempo e tudo mais, eu acabei centralizando muito e quando eu deixei de ser o organizador da coisa, a associação meio que murchou. Mas eu já tinha não tinha clareza disso e aprendi depois. Com certeza, se fosse hoje eu atuaria de outra forma. Como eu fiz no conselho, né? Então, se teve um erro feio meu foi esse, mas por falta de experiência. O máximo que eu tinha feito na vida tinha sido montar grupo de centro acadêmico, que foi uma baita escola para eu organizar a associação. Mas eu acho que o saldo foi positivo.

## **13 – Tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de falar?**

**R:** Não, cara. Eu acho que o São Bento é isso. Quando a gente via o São Bento lá atrás, jogando nada e tal, a gente via que era um time de amigos que cuidava mais ou menos e hoje esse time virou um clube. Mesmo com toda a bagunça, é um clube. Hoje tem uma bagunça organizada e somos um clube. Antes era um catadão de camisa, que jogava a cada três meses e só. Hoje não, somos um clube, temos um time. Hoje Sorocaba tem um clube de verdade e esperamos que, apesar dos poréns, ele possa continua.

## **Apêndices**

## Apêndice I – Autorização de imagem do Sr. Arnaldo Kriguer



### INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Rua Itambé, 45 - HIGIENÓPOLIS - CEP 01239-902  
Fone: 2114-8766 - Fax: 2114-8737 - SÃO PAULO  
Site: www.mackenzie.br

#### AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, Arnaldo Kriguer K16062  
Portador da cédula de identidade RG N° 92.69.379 e  
CPF N° 609.762.332-00, autorizo, prévia e  
expressamente, o uso de minha imagem, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais,  
nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e à  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, para divulgação da minha presença no evento  
dia XX de XXXX de XXXX, para utilização na XXXXXXXXXXXX, sem fins lucrativos,  
inclusive nas páginas online relacionadas ao evento e demais mídias que respeitem a  
finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a  
presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 26 de Junho de 2019.

cedente

Arnaldo Kriguer

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Rafael de Souza

## Apêndice II – Autorização de imagem do Sr. Sérgio Coelho



### AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Sérgio Coelho de Oliveira, portador do RG N° 4.598.346-X e CPF N° 028.974.078-91, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 15 de outubro de 2019.

Sérgio Coelho de Oliveira  
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Ricardo B. S.  
Ricardo B. S.